

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
COMUNICAÇÃO SOCIAL

Tiago Luís Rigo

**FAMÍLIAS CONECTADAS: UM ESTUDO DO CONSUMO DE TECNOLOGIA  
DAS GERAÇÕES Y E Z EM PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

## Ficha Catalográfica

R572f Rigo, Tiago Luís

Famílias conectadas : Um estudo do consumo de tecnologia das Gerações Y e Z em Porto Alegre / Tiago Luís Rigo . – 2020.

180 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Mágda Rodrigues da Cunha.

1. Comunicação. 2. Tecnologias. 3. Gerações. 4. Consumo. 5. Mediações. I. Cunha, Mágda Rodrigues da. II. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

TIAGO LUÍS RIGO

**FAMÍLIAS CONECTADAS: UM ESTUDO DO CONSUMO DE TECNOLOGIA  
DAS GERAÇÕES Y E Z EM PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2020

TIAGO LUÍS RIGO

**FAMÍLIAS CONECTADAS: UM ESTUDO DO CONSUMO DE TECNOLOGIA  
DAS GERAÇÕES Y E Z EM PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Mágda Rodrigues da Cunha

Porto Alegre

2020

*Para minha filha Alice,  
que veio ao mundo enquanto este trabalho era realizado  
e vai crescer descobrindo comigo o potencial das tecnologias em nossas vidas.*

## AGRADECIMENTOS

Desde o início da minha trajetória profissional, na área da Comunicação, atuo com crianças e jovens em Instituições de Ensino. Nesses 15 anos, acompanhei com eles e suas famílias a evolução das tecnologias, que acabaram me inspirando a realizar esta pesquisa. Por isso, agradeço a eles e a quem direta ou indiretamente mobilizou meu interesse neste tema:

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Mágda Rodrigues da Cunha, que conduziu meu retorno ao meio acadêmico e potencializou as descobertas destes dois anos. O estudante transformou-se em pesquisador e esta dissertação começou a ser escrita na primeira orientação, sendo aprimorada a cada nova etapa. Agradeço a partilha de conhecimentos, a disponibilidade e por topar investigar comigo a complexidade deste ecossistema em transformação. Em seu nome, também agradeço aos colegas e demais professores do PPGCOM-PUCRS.

Optei em conciliar o Mestrado com a rotina profissional. Para isso, tive o incentivo de gestores que acreditam na importância da qualificação acadêmica e dos impactos desta formação na minha carreira. Obrigado Rogério Anele, pela Rede Marista e Paulo Landim, pelo Fleming Medicina. Vocês são líderes inspiradores. Assim como a vocês, meu agradecimento aos colegas e amigos destas duas instituições que fazem a diferença no mercado educacional.

Concluo agradecendo à minha família. Meus pais, Sérgio Rigo e Inete Farina, meus eternos educadores, sempre valorizaram a educação e me ensinaram valores que levo para toda a vida. Minha irmã, Camila Farina Rigo, que vi crescer e se tornar uma mulher comprometida com os seus ideais, futura Médica que fará a diferença por onde atuar. Vocês são o meu porto seguro.

Por fim e mais importante, à minha esposa Andressa Lemes que acompanhou mais de perto cada passo deste trabalho. Soube compreender as ausências e me incentivar nos momentos mais difíceis. Foram dois anos de muitas transformações em nossas vidas, entre elas, o nosso maior projeto: a pequena Alice. Exemplo de esposa, mãe e profissional. Tenho muito orgulho de estar ao teu lado. A paixão move as nossas vidas, em todos os aspectos. Obrigado por tudo!

## RESUMO

Os primeiros representantes da Geração Y estão completando 40 anos em 2020 e podem ter filhos em idade escolar: a Geração Z. Com idades entre 9 e 15 anos, eles nasceram com a disponibilidade de tecnologias móveis, foram os primeiros a serem alfabetizados com *tablets* e *smartphones* e não separam o mundo *offline* do *online*. Seus pais acompanharam a evolução dos meios digitais ocorrida nos últimos 20 anos e estão presentes em redes sociais há quase uma década. Investigar o impacto deste contexto tecnológico nas relações entre estas duas Gerações é o foco deste estudo, que analisa o consumo de tecnologias de comunicação no cotidiano da Geração Z e as influências dos pais nesse processo. Para atingir esse objetivo, o referencial teórico contempla uma revisão bibliográfica com conceitos relacionados ao ecossistema de comunicação mediado pela tecnologia, ao perfil das Gerações e como acontecem o consumo e as mediações parentais. A metodologia parte de uma amostra maior, com a aplicação de questionário online para pais de Porto Alegre e Região Metropolitana, como forma de aproximação empírica com o objeto de estudos. Na segunda fase, a análise foi aprofundada a partir de entrevistas em profundidade com pais e filhos. Destes diálogos emergem quatro categorias de análise: presença da tecnologia; usos das redes sociais digitais; influências e controles; literacia digital. Entre os resultados, percebe-se a centralidade do *smartphone* na rotina e a conexão constante pelo *WhatsApp*. Porém, o principal interesse não é a tecnologia em si, mas as pessoas e os relacionamentos aos quais a interface tecnológica permite acesso. Ainda, conclui-se que os pais não têm clareza da forma como devem mediar esse processo, embora busquem alternativas e preocupem-se com o tempo de uso e as relações estabelecidas pelos filhos na Internet.

**Palavras-chave:** Comunicação, Tecnologias, Gerações, Consumo, Mediações.

## ABSTRACT

The first representatives of Generation Y are turning 40 in 2020 and may have children of school age: Generation Z. Aged between 9 and 15 years old, they were born with the availability of mobile technologies, were the first to be literate with tablets and smartphones and do not separate offline from online. His parents followed the evolution of digital media over the past 20 years and have been on social media for almost a decade. Investigating the impact of this technological context on the relations between these two Generations is the focus of this study, which analyzes the consumption of technology in the daily lives of Generation Z and the influences of parents in this process. To achieve this goal, the theoretical framework includes a bibliographic review with concepts related to the communication ecosystem mediated by technology, the profile of the Generations and how consumption and parental mediations take place. The methodology starts with a larger sample, with the application of an online questionnaire for parents in Porto Alegre and the Metropolitan Region, as a way of empirical approximation with the object of studies. In the second stage, the analysis was deepened based on in-depth interviews with parents and children. From these dialogues, four categories of analysis emerge: technology presence; uses of digital social networks; influences and controls; digital literacy. Among the results, we can see the centrality of the smartphone in the routine and the constant connection through WhatsApp. However, the main interest is not the technology itself, but the people and relationships to which the technological interface allows access. Still, it is concluded that parents are not clear on how they should mediate this process, although they seek alternatives and are concerned with the time of use and the relationships established by their children on the Internet.

**Keywords:** Communication, Technologies, Generations, Consumption, Mediations.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Principais aspectos das 10 pesquisas analisadas .....	21
Quadro 2 – Período que o estudante pode ter tido contato com cada inovação, em anos de vida .....	52
Figura 1 – Relação entre gerações, idade dos pais e filhos e a disponibilidade de tecnologias .....	52
Figura 2 – Conexão entre as gerações identifica grupo a ser pesquisado .....	53
Gráfico 1 – Dispositivos utilizados por crianças e adolescentes para acessar a Internet .....	59
Gráfico 2 – Local de acesso à Internet por crianças e adolescentes .....	60
Gráfico 3 – Orientação recebida dos seus pais ou responsáveis para uso da Internet por crianças e adolescentes .....	61
Gráfico 4 – Fontes utilizadas pelos seus pais ou responsáveis para obtenção de informações sobre o uso de Internet .....	62
Gráfico 5 – Rede de Influências do Nativo Digital .....	80
Figura 3 – Estrutura dos Procedimentos Metodológicos .....	87
Quadro 3 – Categorias iniciais .....	93
Quadro 4 – Categorias Intermediárias .....	94
Quadro 5 – Categorias Finais .....	96
Figura 4 – Nuvem de palavras – Definição de Tecnologia .....	98
Figura 5 – Nuvem de palavras – Definição de Redes Sociais .....	98
Figura 6 – Nuvem de palavras – Redes Sociais (aspectos negativos) .....	99
Gráfico 6 – Há quanto tempo você usa redes sociais? .....	99
Gráfico 7 – Por qual meio você mais acessa a Internet? .....	100
Gráfico 8 – Quais atividades você mais realiza na Internet? Escolha até três. .	100
Gráfico 9 – Por qual meio seu filho mais acessa a Internet? .....	101
Gráfico 10 – Quais atividades seu filho mais realiza na Internet? Escolha até três .....	101
Gráfico 11 – Controle dos pais em relação ao que seu filho consome na Internet .....	102
Quadro 6 – Conteúdos que os pais mais incentivam seus filhos a consumirem na Internet .....	102

Figura 7 – Linha do tempo – Marcela (38 anos) .....	104
Figura 8 – Linha do Tempo – Pedro (15 anos) .....	104
Quadro 7 – Perfil das famílias entrevistadas .....	106
Quadro 8 – Família A .....	106
Quadro 9 – Família B .....	107
Quadro 10 – Família C .....	108
Quadro 11 – Família D .....	109
Quadro 12 – Família E .....	110
Figura 9 – Nuvem de palavras geradas a partir da transcrição das entrevistas com os cinco filhos .....	112
Figura 10 – Nuvem de palavras geradas a partir da transcrição das entrevistas com os cinco pais .....	112
Figura 11 – Usos de dispositivos eletrônicos ao longo do dia .....	114
Figura 12 – Rotina Gabriela (mãe) .....	115
Figura 13 – Rotina Lis (Filha) .....	115
Figura 14 – Rotina Paula (mãe) .....	117
Figura 15 – Rotina Bia (filha) .....	117
Figura 16 – Rotina Laís (mãe) .....	119
Figura 17 – Rotina Duda (filha) .....	120
Figura 18 – Rotina Jeferson (pai) .....	121
Figura 19 – Rotina Felipe (filho) .....	122
Figura 20 – Rotina Marcela (mãe) .....	124
Figura 21 – Rotina Pedro (filho) .....	124
Quadro 13 - Como as Gerações utilizam as Redes Sociais Digitais .....	135

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1 CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO .....	17
1.2 ESTADO DA ARTE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA .....	19
1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	24
<b>2 AMBIENTE E CONTEXTO TECNOLÓGICO</b> .....	<b>26</b>
2.1 A EVOLUÇÃO DOS MEIOS .....	26
2.2 VIDA DIGITAL .....	29
2.3 UBIQUIDADE .....	31
2.4 VIVER A MÍDIA .....	35
2.5 CONVERGÊNCIA E CONEXÃO .....	39
2.6 O PROTAGONISMO DA COMUNICAÇÃO MÓVEL .....	41
<b>3 GERAÇÕES CONECTADAS</b> .....	<b>48</b>
3.1 ESTUDO DE GERAÇÕES .....	48
3.2 DEFINIÇÃO DO PÚBLICO-ALVO DO ESTUDO .....	50
3.4 PANORAMA QUANTITATIVO .....	56
<b>4 CONSUMO E INFLUÊNCIAS</b> .....	<b>64</b>
4.1 AFINAL, DE QUE CONSUMO ESTAMOS FALANDO? .....	64
4.2 QUEM SÃO OS NATIVOS E OS IMIGRANTES DIGITAIS? .....	67
4.3 OS IMPACTOS DA TECNOLOGIA .....	73
4.4 REDES QUE CONECTAM AMIGOS .....	77
4.5 INTERFERÊNCIAS E MEDIAÇÕES .....	79
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>87</b>
5.1 QUESTIONÁRIO <i>ONLINE</i> .....	87
5.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE .....	90
<b>5.2.1 Elaboração das categorias</b> .....	<b>93</b>
<b>5.2.2 Categorias iniciais</b> .....	<b>93</b>
<b>5.2.3 Categorias intermediárias</b> .....	<b>94</b>
<b>5.2.4 Categorias finais</b> .....	<b>95</b>
<b>6 OUVINDO PAIS E FILHOS: OS RESULTADOS QUE EMERGEM</b> .....	<b>97</b>
6.1 QUESTIONÁRIO <i>ONLINE</i> .....	97
6.2 GERAÇÕES LADO A LADO: ENTREVISTAS APROFUNDAM A ANÁLISE .....	103
<b>6.2.1 Perfil das Famílias</b> .....	<b>106</b>
<b>6.2.2 Afinal, como as gerações consomem tecnologia?</b> .....	<b>111</b>
<b>6.2.3 Presença da tecnologia: a importância e os impactos no cotidiano</b> ...	<b>113</b>
<b>6.2.4 Redes sociais digitais: como as gerações utilizam e se relacionam?</b> .....	<b>127</b>
<b>6.2.5 Influências e controles: o cordão umbilical agora é digital</b> .....	<b>136</b>
<b>6.2.6 Literacia digital: aprender e ensinar ultrapassa as barreiras das gerações</b> .....	<b>148</b>
6.3 DESCOBERTAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO .....	156
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>161</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>167</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO <i>ONLINE</i></b> .....	<b>172</b>

<b>APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTAS - PAIS .....</b>	<b>175</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTAS - FILHOS .....</b>	<b>177</b>
<b>APÊNDICE D – PROGRESSÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE .....</b>	<b>178</b>
<b>APÊNDICE E – PERÍODO QUE O ESTUDANTE PODE TER TIDO CONTATO COM CADA INOVAÇÃO, EM ANOS DE VIDA.....</b>	<b>179</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Passam das 18h e Gustavo (12 anos), filho de Joana (40 anos), ainda aguarda sua mãe chegar no colégio. Enquanto ouve sua *playlist* no *Spotify*, alterna a tela do *smartphone* para acompanhar o deslocamento do carro da sua mãe e, chegando mais próximo, já se direciona até a esquina para que ela não precise estacionar. Assim que entra no carro, o garoto coloca o cinto e pluga seu celular no carregador, a bateria estava quase acabando. A mãe logo começa a perguntar sobre as atividades que ele fez na escola, mas é interrompida, pois precisa parar o carro bruscamente em função de um protesto que obstrui a passagem. Joana busca no *Twitter* informações sobre o assunto, enquanto Gustavo localiza o grupo da turma no *WhatsApp* e avisa que está atrasado para o *game* que combinara de jogar *online*. Observando, de dentro do carro, eles não conseguem entender exatamente o que está acontecendo na rua. A mãe encontra uma notícia sobre a manifestação, mas Gustavo sinaliza que deve ser uma *fake news* e logo busca outra fonte para entenderem o que está acontecendo de fato. Ele chega a um vídeo no *YouTube*, de um grupo de ativistas, no entanto, sua mãe não permite que ele assista, pois considera a linguagem muito violenta. Ele se irrita, desliga o vídeo e volta para o *WhatsApp*. De qualquer forma, precisam esperar, juntos. Passam-se dez minutos e eles ainda estão em silêncio, falando com seus grupos, cada um em seu celular.

A descrição é fictícia, mas não inusitada. Ela acontece cotidianamente, trata-se de um contexto recente possibilitado pelas tecnologias que surgiram na última década. Dispositivos móveis, conectados à Internet, buscam informações de satélites em tempo real praticamente sem custos para o usuário. Em 1980, quando Joana nasceu, isso era inimaginável, entretanto, a tecnologia avançou rapidamente e ela pôde acompanhar toda essa transformação. Representante da Geração Y, usa *smartphones* e redes sociais há mais de 10 anos. Já seu filho, Geração Z, nasceu no mesmo ano em que o *iPhone* foi lançado, 2007, e o dispositivo estava em suas mãos quando aprendeu a ler e a escrever. Desde então, a conexão com a Internet tornou-se constante, principalmente pelo uso do celular. Essa descrição é uma percepção inicial, da origem do problema a ser investigado: pais e filhos estão mais conectados e essas transformações causam impactos, mudam a forma de se relacionar, comunicar e consumir.

A Geração Y, quando criança, dispunha de poucas opções tecnológicas, basicamente televisão e rádio. Seus pais poderiam ficar horas sem saber onde estavam enquanto brincavam na rua. Já a Geração Z, tem disponível uma gama muito maior de mídias digitais como *smartphones*, *tablets*, *smart tvs*, assistentes pessoais etc. Os pais oferecem cada vez mais cedo dispositivos que possam monitorar a localização e os acessos dos filhos ao longo do dia. São contextos diferentes, vivenciados por duas gerações e que precisam ser observados.

Esse recorte e definição geracional levam em consideração os conceitos de Tapscott (1999), que inspiram metodologicamente o estudo. São considerados Geração Z, os sujeitos nascidos até 2005; já os pais, Geração Y, nasceram entre 1977 e 1997. O autor, há cerca de 20 anos, descrevia a Geração Y como aquela que pela primeira vez tinha mais acesso a informações do que seus pais, reconhecendo e apropriando-se das inovações de forma natural. Hoje, adultos, os membros da Geração Y, ou *Millenials*, percebem nos seus filhos características suas, de forma amplificada. Isso porque os acessos e conexões aumentaram ainda mais, com a diferença de que seus filhos já nasceram em um momento de pleno uso das tecnologias digitais, segundo Prensky (2001), são “nativos digitais”. Já os “imigrantes digitais” são aqueles que se adaptaram às inovações, pois nasceram em uma época mais analógica.

Independentemente de quando nasceram, no momento presente estão inseridos em um mesmo cenário de disponibilidade tecnológica. Mesmo não tendo acesso direto a todos os recursos e dispositivos, eles permeiam o cotidiano com diferentes apropriações e usos. Deuze (2011) percebe uma vivência da mídia como uma interface entre o homem e o mundo. Mesmo diferente para cada um, essa vivência acontece de forma natural, imperceptível. A conexão torna-se contínua e invisível.

Outro autor que corrobora para esse entendimento contextual é Castells (2003), que aponta a Internet como um tecido conjuntivo, vital para a vida das pessoas, fazendo comparações com o que a eletricidade representou na Era Industrial. Pais e filhos estão vivendo juntos essa disponibilidade de conexão e aprendendo uns com os outros sobre os seus benefícios e riscos.

Por isso, compreender a forma como ambos utilizam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) torna-se relevante nesse contexto em transformação. A Internet ampliou os acessos e reduziu distâncias. Numa

perspectiva negativa, permitiu que a violência ganhasse novos recursos, pessoas mal intencionadas alcançassem com mais facilidade seus alvos e ampliou a exposição de dados pessoais de forma pública. Crianças e jovens estão imersos nesse contexto, o que requer dos pais um grau de acompanhamento diferente. Não só as crianças estão vulneráveis, os próprios adultos são suscetíveis a problemas como esses, pois utilizam tanto quanto seus filhos, ou até mais, dispositivos conectados à Internet.

Essa conexão constante foi possível, em grande parte, pela popularização dos *smartphones*. Os celulares deixaram de ser aparelhos utilizados somente para conectar duas ou mais pessoas a partir de conversas por áudio. Castells (2011) e Winocur (2009) acompanharam a ascensão dos celulares e como este dispositivo passou a estar inserido na vida das pessoas. Na relação entre pais e filhos, tornou-se um novo cordão umbilical, agora digital, em função das possibilidades de acompanhamento e controle. O uso do *WhatsApp*, por exemplo, permite que pais e filhos estejam mais próximos durante o tempo em que estão afastados, seja no trabalho ou na escola. Nesses tempos ausentes, aplicativos instalados no celular dos filhos são aliados no monitoramento do conteúdo e do tempo de uso do aparelho.

Para Gardner (2013), os aplicativos instalados nos celulares o transformaram em um controle remoto da vida moderna. A conexão é tanta que preocupa. Livingstone (2017) mostra que os pais norte-americanos estão mais preocupados com a privacidade *online* dos filhos do que com seus desempenhos escolares. Um dos fatores que podem ter contribuído para essa preocupação é o histórico dos próprios pais, usuários de Redes Sociais Digitais há mais de 10 anos.

A Geração Y cresceu e acompanhou as mudanças tecnológicas. Já seus filhos, da Geração Z, desde que nasceram puderam estar conectados e fazem diferentes usos dos recursos tecnológicos em relação aos seus pais. O consumo de tecnologia é aqui compreendido como um conjunto de processos socioculturais no qual se realizam apropriações e usos dos produtos (CANCLINI, 1999) e não um consumo meramente mercantil. Não serão observados os produtos consumidos, mas o que pais e filhos realizam a partir da disponibilidade destes recursos.

O impacto das tecnologias digitais nas relações cotidianas das duas Gerações (Y e Z) torna-se relevante para os estudos de Comunicação. A leitura preliminar de autores e o levantamento do estado da arte detalhado adiante, permitiram constatar

que há particularidades do estudo sobre essas Gerações ainda inexplorados, além disso, há pesquisas realizadas na década passada que carecem de atualização. Por isso, a partir do contexto que envolve o interesse em pesquisar a relação dos sujeitos com os meios, especificamente na convergência de duas gerações (Y e Z) e as relações de influência e controle de uma sobre outra, define-se como **problema de pesquisa** o seguinte enunciado: *Como a primeira geração que teve a possibilidade de ser alfabetizada com apoio de smartphones e tablets consome tecnologias de comunicação no seu cotidiano e como acontece a influência dos pais nesse processo?*

A opção por olhar tanto para os pais quanto para os filhos, simultaneamente, torna a pesquisa mais completa e possibilita diversas descobertas. A percepção inicial do problema indica que a mediação parental é um aspecto relevante para análise, pois impacta diretamente o cotidiano dos filhos. Estar ou não conectado, em quais horários e com quais recursos, pode mudar a rotina das famílias.

Para a compreensão desta problemática, tem-se como **objetivo geral** *identificar como a Geração Z consome tecnologias de comunicação e qual a influência dos seus pais, Geração Y, neste processo, partindo de uma amostra em Porto Alegre.* Os **objetivos específicos** são: a) *descobrir como a Geração Z consome tecnologias de comunicação em seu cotidiano e como toma decisões sobre esse hábito;* b) *investigar como os pais interferem ou influenciam o consumo dos filhos;* c) *identificar marcas de uma geração na outra, na medida em que convivem em um mesmo tempo e espaço.*

Para alcançar tais objetivos e solucionar o problema, a pesquisa contempla uma revisão bibliográfica com conceitos relacionados ao ambiente de disponibilidade tecnológica, ao perfil das Gerações e como acontece o consumo e as mediações parentais. Na segunda etapa, a aplicação de um questionário *online* permite analisar a percepção dos pais sobre o assunto e, complementando o conjunto metodológico, entrevistas em profundidade tanto com os pais quanto com os filhos, tornam possíveis as análises organizadas em categorias temáticas.

O desenvolvimento do instrumento de pesquisa e sua análise também foram importantes para a percepção de que não seria possível estudar os hábitos de crianças e jovens, sem analisar as influências e interferências realizadas pelos seus pais, principalmente, dos filhos de uma geração que cresceu juntamente com o



desenvolvimento tecnológico dos últimos vinte anos. As motivações para este estudo nasceram ao longo desse período.

## 1.1 CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO

As mudanças que a tecnologia trouxe aos hábitos de consumo têm sido abordadas por diversos pesquisadores da área. O estudo aqui proposto consiste em uma leitura comunicacional para um fenômeno que impacta o cotidiano das duas gerações, Y e Z. Para justificar sua realização e situar o trabalho ante as referências citadas, este bloco introdutório passa a ser redigido em primeira pessoa pelo autor, Tiago Rigo. Afinal, segundo Santaella (2001):

A pesquisa não é algo estranho, à margem de nossa história de vida, mas nela se integra de maneira indissolúvel. Quando bem dosado, evitando o mero biografismo inoportuno, o relato de como o pesquisador chegou ao tema pode dar sabor de vida ao projeto (SANTAELLA, 2001, p. 164).

Ainda antes da minha inscrição para o Programa de Pós-Graduação, venho observando como as crianças e os adolescentes se relacionam com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), para inúmeros usos. Há mais de 15 anos, atuo profissionalmente no segmento educacional, com Educação Básica, Superior e Cursos Livres. Acompanhei diferentes gerações e perfis de estudantes e pais.

Para além da trajetória profissional, trago o recorte familiar. Um episódio envolvendo minha irmã, então estudante do Ensino Médio, fez despertar o interesse pelo assunto. Ela, frequentemente, ficava horas em seu quarto ou mesmo na sala de casa, com seu celular e fones de ouvido, assistindo a aulas no *YouTube*. Perguntei o motivo que a levava a revisar matérias dessa forma. Segundo ela, “na Internet é mais fácil, pois se não estiver gostando do professor pode trocar. Diferente da escola, no *YouTube* é só mudar o vídeo, escolher outro professor com metodologia ou jeito de falar que goste mais”. Esse episódio, aliado às percepções do cotidiano da Educação Básica, desencadeou o interesse em entender os fatores que envolvem esse hábito.

Atuando na área de Comunicação, acompanhei, em escolas, as preocupações dos pais quanto ao que seus filhos estavam encontrando na Internet. Perguntas que chegavam até a gestão dos colégios: “Com qual idade dou celular para o meu filho?” “Como controlar o que ele vê na Internet?” “O que é *cyberbullying*?” “Eles não

largam o celular nem pra almoçar, o que eu faço?” “Que rede social nova é essa? Ele pode participar?” “Na minha época não tinha nada disso”. Percebi que a própria escola estava aprendendo junto com os pais o impacto do avanço tecnológico.

O que não muda é a responsabilidade dos pais e educadores no processo de formação das crianças e jovens quanto aos seus hábitos de consumo de tecnologias. Mapear como essa influência acontece é objetivo deste trabalho, tendo em vista a relevância do assunto tanto para o meio acadêmico quanto para a sociedade que vivencia esse fenômeno cotidianamente. Dar visibilidade para esse tema, a partir das reflexões teóricas e de exemplos concretos, trará consistência e relevância para a pesquisa.

Portanto, a inquietude leva ao estudo, que agregará contribuições para a área, com diferentes possibilidades de replicação e aprofundamentos. Pesquisadores norte-americanos, utilizados como referencial teórico, estudam as mediações parentais há mais tempo, ainda quando a ênfase era o consumo de televisão por crianças. Faz-se necessário atualizar esse contexto tecnológico e trazer um olhar local, especialmente tratando-se de Brasil, levando em conta as estatísticas que mostram nossa liderança enquanto tempo de consumo de Internet, especialmente redes sociais por meio de celulares.

A relevância desta pesquisa também está na caracterização de uma faixa etária específica, a primeira a ter tido a disponibilidade de *smartphones* desde o seu nascimento, imersos, portanto, em um ambiente totalmente ubíquo e de plena conexão. Tal proposição encontra na cidade de Porto Alegre seu recorte geográfico, considerando-se as limitações de tempo para sua realização.

O trabalho apresentado busca identificar a forma como esses sujeitos estão consumindo tecnologias a partir de tantas janelas de acesso. Poderei identificar os graus de autonomia, a rotina do uso de diferentes dispositivos e seus fatores influenciadores. Da mesma forma, olharei para seus pais, representantes de uma geração que está há mais de 10 anos utilizando *smartphones* e redes sociais.

A contribuição deste trabalho, portanto, vai ao encontro de uma motivação pessoal, enquanto observador imerso no contexto analisado, com o desejo de analisar localmente este fenômeno, baseado pela perspectiva comunicacional. As gerações analisadas estão em pleno amadurecimento das suas novas práticas comunicacionais, cabe à nossa área analisar e produzir conhecimento em torno deste momento em que todos estamos imersos.

## 1.2 ESTADO DA ARTE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

O ponto de partida deste estudo foi mapear a produção acadêmica existente referente a assuntos similares e que tangenciam o problema de pesquisa da dissertação. Este levantamento bibliográfico utiliza metodologia inventariante e descritiva, a partir da consulta a fontes documentais como acervos de teses e dissertações produzidas no Brasil nos últimos cinco anos.

O contato com esse repositório permite situar o pesquisador, dar mais segurança sobre a escolha do tema e oferece subsídios que orientam o processo de investigação. Ainda, como destaca Santaella (2001), permite entender como o objeto já foi analisado e sob quais ângulos essas outras pesquisas o enfocaram. De acordo com Bastos (1999), o levantamento bibliográfico prévio é imprescindível. As tomadas de decisões sobre a pesquisa devem ser subsidiadas com o maior número de informações e leituras possíveis, não apenas para melhor delimitar o assunto, "mas também para desenvolvê-lo longe de um ponto de vista do senso comum" (BASTOS, 1999, p. 19).

Cabe destacar que este tipo de investigação, denominada *estado da arte*, apresenta algumas limitações. Não possui como objetivo identificar e analisar toda a produção científica disponível, tendo em vista restrições de tempo, atualização e padronização das bases disponíveis. De qualquer modo, representa um apanhado significativo de trabalhos realizados e permite localizar o estudo dentro do panorama geral.

A busca realizada no *Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)* foi feita no dia 11 de maio de 2019. Foram mapeados trabalhos na Área de Conhecimento da Comunicação, dos últimos cinco anos, tendo como palavras-chave as expressões *nativos digitais* (689 trabalhos localizados), *pré-adolescentes* (421 trabalhos localizados), *gerações* (47 trabalhos localizados) e *ubiquidade* (24 trabalhos localizados). Buscando aprofundar a análise das teses e dissertações localizadas, foram relacionados 10 estudos, a partir das suas similaridades com a pesquisa em andamento, levando em conta o objeto (abrindo o espectro de criança, pré-adolescente até o jovem), metodologias utilizadas e suas respectivas linhas teóricas. Não foram considerados

estudos sobre práticas profissionais da comunicação, estudos de caso, temas relacionados ao marketing e comunicação interna. Como forma de organizar os trabalhos selecionados, foi elaborado um quadro incluindo título do estudo, autor e ano de publicação; objetivo do pesquisador; principais caminhos metodológicos percorridos; percepções quanto às conclusões obtidas; referências teóricas utilizadas e outros aspectos que contribuem para a construção desta dissertação.

Embora algumas pesquisas tenham como objeto o jovem ou o adolescente, torna-se possível enxergar possibilidades metodológicas e referenciais para o pré-adolescente, foco da dissertação. Os autores citados a seguir estão relacionados no Quadro 1. Considerando este panorama, as pesquisas qualitativas se sobressaem como método de estudo mais utilizado, a partir de entrevistas e abordagens etnográficas. Azevedo (2016) investigou sua amostra por meio de observação simples em locais públicos e, complementarmente, utilizou uma pesquisa quantitativa sobre a sociabilidade dos jovens. O uso do *Instagram* por crianças foi analisado por meio de observação não participante, com coleta de fotos da rede social e posterior pesquisa de campo, realizada por Bolzani (2015). A influência nos grupos do *Facebook* foi analisada com o uso da técnica de etnografia virtual, por Silva (2014).

A dimensão teórica também é diversificada entre os 10 trabalhos elencados. Estudos de Recepção e a Teoria das Múltiplas Mediações, de Orozco Gomes são fundamentos da pesquisa de Fernandes (2012). Entre os destaques do quadro, aparece o conceito de namofobia apresentado por Azevedo (2012). Ferreira (2018) aborda o ser criança e suas características como geração conectada, bem como nos trabalhos de Bolzani (2015). Já Pereira (2018) observa as influências dos meios digitais e das plataformas móveis, utilizando como suporte as obras de Pierre Lévy, Jesús Martín-Barbero e Henry Jenkins.

Quitian (2018) trabalha os conceitos de infância a partir dos seguintes autores: David Buckingham, Philippe Ariès, Neil Postman, Diane Papalia, Sally Olds e Ruth Feldman. Já a relação da criança com a mídia é abordada por David Buckingham, Neil Postman, Richard Hoggart, Rosa Maria Fischer, Inês Sampaio, Don Tapscott, Cláudia Ponte e Sonia Livingstone. A diversidade metodológica e teórica desses trabalhos serve de inspiração para as escolhas feitas nesta dissertação.

Quadro 1 - Principais aspectos das 10 pesquisas analisadas

<i>Estudo</i>	<i>Objetivo</i>	<i>Metodologia</i>	<i>Percepções</i>
<b>Online full time: a sociabilidade das gerações Y &amp; Z no cotidiano tecnológico. AZEVEDO, Douglas dos Santos. 2016</b>	Investigar a nova forma de sociabilidade das gerações Y e Z no cotidiano das metrópoles, especificamente na cidade do Rio de Janeiro.	Através de uma pesquisa de observação simples, em quatro locais públicos - metrô, shopping, bares e praias, foi elaborada uma pesquisa quantitativa a fim de investigar esta nova forma de sociabilidade.	Desenvolveu capítulo sobre a sociabilidade dos jovens no cotidiano tecnológico. Trabalhou o conceito de namofobia (medo de ficar sem celular).
<b>Infância (n)ativa: potencialidades de participação e cidadania às crianças na mídia digital. FERREIRA, Mayra Fernanda. 2018</b>	Investigar a participação das crianças na mídia digital, considerando as mediações e as interações de modo a assegurar seu direito à liberdade de expressão, conforme postula a ONU (1989).	Revisão bibliográfica e documental a partir de obras que abordem mídia digital e sua relação com a infância do século XXI. Comunicação Participativa por meio de uma pesquisa-ação.	Conceito norteador do trabalho: <i>Comunicação Participativa</i> de Mario Kaplún. Desenvolve capítulo sobre o que é ser criança e as características de uma geração conectada.
<b>Eu tenho Insta: Infâncias, consumo e redes sociais, os usos e apropriações do aplicativo Instagram por crianças na cidade de São Paulo. BOLZANI, Luciana Correa. 2015</b>	Essa pesquisa analisou a interação entre as crianças de São Paulo, SP, Brasil, e os usos e as apropriações que fazem do site de rede social <i>Instagram</i> .	Observação não participativa de um <i>corpus</i> visual virtual. Pesquisa de campo, com abordagem etnográfica, que buscou ouvir crianças, entre 6 e 12 anos, de classe social alta.	Elabora capítulo sobre cultura digital e a criança na sociedade em rede (Castells). Coletou e categorizou fotos do <i>Instagram</i> de 50 crianças ao longo de um ano. Inspira-se no trabalho de Orofino (2013) para pesquisa de recepção com crianças.
<b>Youtubers mirins: crianças, práticas de consumo midiático e produção audiovisual no contexto digital. QUINTIAN, Kandice Van Grol. 2018</b>	Esta pesquisa tem o objetivo de compreender a relação entre o consumo midiático e as práticas de produção de canais de <i>youtubers</i> mirins de Porto Alegre. Como resultados, apresenta o contexto das crianças nos âmbitos familiar, escolar e social e a sua relação com as TICs.	O embasamento teórico contempla a criança e sua relação com as mídias eletrônicas e digitais, incluindo as práticas de consumo e de produção no <i>YouTube</i> . A metodologia utilizada é qualitativa e adota entrevistas sucessivas com <i>youtubers</i> e seus responsáveis.	Trabalha conceitos de infância dos seguintes autores: David Buckingham, Philippe Ariès, Neil Postman, Diane Papalia, Sally Olds e Ruth Feldman. A relação da criança com a mídia é abordada pelos autores Buckingham, Postman, Richard Hoggart, Rosa Maria Fischer, Inês Sampaio, Tapscott, Cláudia Ponte e Sonia Livingstone.

<b>Estudo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Percepções</b>
<b>A influência nos grupos de nativos digitais: uma análise da comunicação na rede Facebook. SILVA, Fernanda Cristine Vasconcellos. 2014</b>	Desenha um panorama de como um jovem se torna influente dentro do seu grupo de amigos, quais elementos dão a ele esse papel e projeta possíveis consequências desse hábito. Busca entender como se dá o jogo de influências dentro de grupos de nativos digitais.	Desenvolve observação de um grupo de jovens no <i>Facebook</i> por etnografia virtual e entrevistas.	Como conclusão, identifica cinco comportamentos dos jovens pesquisados. Entre os resultados, conclui que classificar alguém como nativo digital vai além da data de nascimento, pois leva-se em consideração comportamento e como se relacionam uns com os outros a partir das ferramentas disponíveis. Ainda, destaca que jovens não enxergam distinção entre <i>online</i> e <i>offline</i> e são influenciados por seus pares: outros jovens nativos digitais.
<b>Imagens das juventudes: uma mirada sobre o comportamento midiático-digital dos jovens de Bauru. SOUSA, Juliano Ferreira. 2015</b>	Nessa pesquisa é proposto um estudo sobre quais são as práticas comunicativas e digitais de jovens conectados que residem na cidade de Bauru (SP). Também, investiga relações estabelecidas e qual o intercâmbio midiático com as gerações anteriores.	Aplicou-se um questionário <i>online</i> , mesclando questões objetivas e subjetivas para possibilitar as análises quantitativas e qualitativa.	Aborda o conceito de <i>juventudes digitais</i> que fazem uso de aparatos midiático-digitais, estando notadamente imersas a contextos conectados. Utiliza conceitos de Martín-Barbero, Gobbi, Palfrey e Gasser para discutir a ligação das juventudes atuais com as novas tecnologias da informação e da comunicação.
<b>Interação e relacionamento dos jovens em tempos de cultura da conexão. PEREIRA, Phillipe Halley Martins. 2018</b>	Analisar as relações provenientes dessa Cultura da Conexão, suas representações, construções simbólicas e consequências no convívio coletivo do jovem curitibano.	Realizado um aprofundamento bibliográfico da temática central - tecnologias, cultura da conexão, juventude e as interfaces midiáticas provenientes dessa relação.	Observa as influências dos meios digitais e das plataformas móveis. Os autores-base para a pesquisa são: Pierre Lévy, Jesús Martín-Barbero e Henry Jenkins.

<b>Estudo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Percepções</b>
<b>Adolescentes na cibercultura: Sociabilidade e Construção de Conhecimento. Interpretação de registros de uma pesquisa de campo. JUNIOR, Sebastiao Gomes De Almeida. 2013.</b>	Tendo como referencial a abordagem histórico-cultural da construção de conhecimento, busca-se compreender de que modo os adolescentes se relacionam e potencializam seu desenvolvimento cognitivo mediados pelos dispositivos tecnológicos no ambiente da cibercultura.	Grupos focais de adolescentes, desenvolvida em escola da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora, Minas Gerais. Entrevistas semiestruturadas.	Temas utilizados na análise: convergência de mídias, inteligência coletiva, emergência, cultura da participação, imersão em ambientes digitais narrativos e sociabilidade em rede. Desenvolve bloco sobre: a apropriação das tecnologias de comunicação pelas novas gerações desafiando a hierarquia do conhecimento.
<b>A midiatização manifestada na comunicação entre adolescentes condições interacionais da aprendizagem para uma sociedade em midiatização. LEMES, Eduarda Schneider. 2017</b>	A pesquisa busca identificar de que forma a midiatização se manifesta nos hábitos interacionais dos adolescentes, o que acontece, na realidade concreta, quando adolescentes trabalham, pensam e produzem mídia.	A metodologia aborda o processo de estudos de caso, discute a questão da observação do cotidiano em angulações inspiradas pela perspectiva etnometodológica, reflete sobre processos em que o pesquisador intervém na realidade a observar e complementa essa reflexão com uma auto-observação.	Os problemas de pesquisa surgiram a partir de uma observação inicial. Metodologia prática de intervenção em Oficinas de Produção de Mídia.
<b>Vestibulandos e as Múltiplas Mediações: um estudo de recepção de internet com jovens curitibanos. FERNANDES, Sheila Irene Gorski. 2012.</b>	A pesquisa busca relacionar os vestibulandos e suas respectivas práticas de recepção em situações cotidianas.	A fundamentação teórica da dissertação corresponde aos estudos de recepção e a teoria das Múltiplas Mediações, cunhada por Orozco Gomes.	A pesquisa iniciou com aplicação de 100 questionários, chegando a 20 entrevistados, cinco de cada cursinho, para uma entrevista semiestruturada.

Fonte: O autor (2019)

Cada um dos trabalhos analisados explora o público-alvo a partir de uma perspectiva particular, com variáveis de faixa etária, geolocalização, classe social etc. O contexto onde esse sujeito está inserido tem impacto nesta pesquisa. Por isso, não é possível generalizar os resultados encontrados nos estudos, tampouco considerá-los válidos para todas as crianças e jovens. Essa ressalva demonstra, ao mesmo tempo, a pluralidade de cenários possíveis para análise deste grupo, tornado possível a realização de outros trabalhos inéditos ou complementares aos resultados já obtidos.

A produção acadêmica deste levantamento é fruto de pesquisa realizada no *Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)*, em maio de 2019. Além deste conjunto de trabalhos, foi consultada a dissertação de mestrado de Andressa Fantoni (*Autorrepresentação de adolescentes porto-alegrenses no Instagram – PUCRS, 2017*) e a tese de doutorado de Maria Clara Sidou Monteiro (*Apropriação por crianças da publicidade em canais de youtubers brasileiros – UFRGS, 2018*). A dissertação aqui apresentada agrega novos elementos a estes trabalhos. Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), está inserida na área de concentração que estuda as práticas e culturas da comunicação, tendo como linha de pesquisa *Cultura e tecnologias das imagens e dos imaginários*. O desenvolvimento do trabalho contou com o suporte do Grupo de Pesquisa *Comunicação, tecnologia e o sujeito conectado*, coordenado pela Prof. Dra. Máгда Rodrigues da Cunha.

A pesquisa *Famílias Conectadas: um estudo do consumo de tecnologia das Gerações Y e Z em Porto Alegre* busca agregar conhecimento ao conjunto de investigações realizadas pelo PPGCOM, no que se refere aos imaginários sociais e tecnologias que os influenciam, produzem ou impulsionam. São pesquisas que analisam modos de ser, ações, estilos de vida, interação, lazer e entretenimento, além de investigar as apropriações das manifestações culturais, produtoras de subjetividade, com a mediação tecnológica.

### 1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Tendo em vista a apresentação do problema e dos objetivos desta pesquisa, a articulação teórico-metodológica contempla seis capítulos de caráter analítico e dialético, relacionando autores da área e os objetos de estudo analisados (pais e filhos). Três capítulos teóricos dão conta de apresentar a fundamentação utilizada como referencial das análises que conduzem as conclusões do trabalho. São eles:

- Ambiente e contexto tecnológico: descrição do ecossistema no qual os sujeitos pesquisados estão inseridos, relacionando conceitos como *Vida Digital, Ubiquidade, Convergência e Conexão, mobilidade, smartphones e apps*.



- Gerações Conectadas: apresenta como a pesquisa chegou a estas duas gerações, bem como suas características, à luz de autores e pesquisas quantitativas. São abordados conceitos de *nativos* e *imigrantes digitais*.
- Consumo e influências: conceitua consumo e posiciona esse sujeito imerso em seu contexto tecnológico, bem como mostra as implicações decorrentes destes consumos e influências.

Após o conjunto teórico, são apresentados os **procedimentos metodológicos** e, na sequência, **os resultados** obtidos a partir da aplicação de um questionário *online* e da realização de entrevistas em profundidade. As **considerações finais** reúnem a trajetória do trabalho e as relações estabelecidas entre as etapas empíricas e teóricas, num percurso de dois anos de desenvolvimento. As indicações dos teóricos, trabalhos e periódicos consultados para o estudo estão relacionados nas **Referências**.

## 2 AMBIENTE E CONTEXTO TECNOLÓGICO

*Hoje, a maior diferença é que a mídia tornou-se literalmente nossa, no sentido de que os cinco ou seis ou mais dispositivos diferentes que as pessoas podem ter tido em seus lares, se fossem ricos, na década de 1970, estão agora em um único dispositivo em nossos bolsos, como os smartphones, que reúnem um computador, uma televisão, um telefone e um monte de outros dispositivos; e isso muda radicalmente o que sentimos a respeito de nosso papel na sociedade e na mídia. (DEUZE, 2013, p. 204)*

As duas últimas décadas foram especialmente significativas no que diz respeito às transformações evidenciadas no ecossistema de comunicação, materializado, segundo Martín-Barbero (1997), pela relação dos indivíduos com as novas tecnologias e pelos graus de interatividade que permitem as trocas simbólicas. Tais transformações são decorrentes, sobretudo, das novas tecnologias desenvolvidas, que modificaram a forma de produção e de consumo, abrindo espaço para a convergência (JENKINS, 2009). Novos produtos e práticas surgiram e a tecnologia revelou-se protagonista desse contexto de inovação e mudanças (DERTOUZOS, 2002).

As gerações analisadas neste trabalho (Y e Z) encontram-se imersas nessa vida na mídia (DEUZE, 2011) e utilizam de forma imersiva dispositivos móveis, especialmente os telefones celulares, transformados em *smartphones* a partir da conexão com a Internet. Esses elementos configuram o atual ecossistema comunicativo e sua contextualização é o propósito deste primeiro capítulo teórico.

### 2.1 A EVOLUÇÃO DOS MEIOS

Os estudos realizados por Lucia Santaella abrem esse bloco com o mapeamento e análise dos avanços tecnológicos dos últimos 20 anos. Em sua obra, *Linguagens líquidas na era da mobilidade* (2007), Santaella descreve o ambiente comunicacional como instantâneo, móvel e efêmero. O conceito de líquido, proposto por Zygmunt Bauman (2001), é o ponto de partida da pesquisadora, ao associar esta metáfora às dinâmicas da *cibercultura*.

Sendo assim, a denominação de 'líquido' está associada à ideia de 'navegar' nas plataformas digitais de rede, compreendendo a *cibercultura* como um fenômeno da modernidade líquida. Trata-se de um ambiente com diferentes camadas, que

permite a hipermobilidade, marca deste momento contemporâneo que encontramos as gerações analisadas na dissertação.

Essa liquidez vem acompanhada de novas configurações dos fluxos de informação. A agilidade e velocidade com que as conexões e comunicações acontecem fazem alusão a uma engrenagem com diferentes papéis funcionando de forma coesa e integrada. Tal mecanismo possibilita a existência de novos fluxos e territórios, sendo definido como uma “arquitetura líquida” (SANTAELLA, 2007).

A maior parte das inovações que surgiram nos últimos anos é formada por tecnologias que “incrementam a capacidade humana para a produção de linguagem, portanto, tecnologias comunicativas ou meios de comunicação que estão atualmente na sua quinta geração” (SANTAELLA, 2007, p.195). A autora destaca a velocidade com que as transformações ocorreram e aponta os meios técnicos e tecnológicos como suportes expandidos das linguagens, fazendo alusão aos estudos de McLuhan.

Convicção similar está na base do pensamento de McLuhan (1964), quando afirma que mudanças nos meios de comunicação produzem mudanças neurológicas e sensoriais que afetam significativamente nossas percepções e ações. Toda nova tecnologia cria gradualmente um ambiente humano inteiramente novo. Ambientes não são vestimentas passivas, mas processos ativos (SANTAELLA, 2007, p. 203-204).

Em seus estudos, ao traçar uma linha histórica, a autora retrata o que denominou de eras tecnológicas comunicacionais, que coexistem e constituem uma rede em que nenhuma delas é causa das demais, pois todas configuram-se como “adjacências históricas fortemente articuladas” (SANTAELLA, 2007, p.194). São elas:

1. *Tecnologias do reprodutível* (eletromecânicas): jornal, fotografia e cinema (introdução do automatismo e da mecanização).
2. *Tecnologias da difusão* (eletroeletrônicas): rádio e TV (permitiram o surgimento da cultura de massa).
3. *Tecnologias do disponível*: videocassete, controle remoto, *walkman*, DVD, TV a cabo e *Xerox* (personalizaram a recepção, permitiram gravar programas de TV, ouvir música andando na rua, tirar cópias de apenas uma parte de uma obra etc.).

4. *Tecnologias do acesso: modem, mouse, software* e principalmente a Internet, permitindo acesso ampliado às informações de forma prática e rápida.

5. *Tecnologias de conexão contínua*: telefones celulares e outras tecnologias nômades que independem de cabos e outros recursos para se ter acesso à informação.

Os representantes da Geração Y (pais analisados na pesquisa) nasceram quando as *Tecnologias do Disponível* estavam se consolidando. A TV já era presente nas casas das famílias e, aos poucos, *DVDs* e *Walkmans* permitiam que o consumo de filmes e músicas pudesse acontecer em diferentes espaços e momentos. A disponibilidade do conteúdo não era mais uma imposição das emissoras de TV ou rádios. Com o tempo, as *Tecnologias do acesso* e da *conexão contínua* surgiram na vida deste grupo, que acompanhou a evolução destes meios.

Seus filhos, Geração Z, já nasceram com a possibilidade de ter internet banda larga em casa, com *smartphones* e *tablets* fazendo parte do conjunto de dispositivos conectados à Internet presentes em seus lares. Santaella traz essa análise em 2007, apontando caminhos para o que ainda surgiria nos anos posteriores, durante a consolidação e a popularização das *Tecnologias de conexão contínua*.

Como demonstrado, todas as tecnologias permanecem coexistindo, atendendo diferentes necessidades e apropriações dos usuários, que não possuem a mesma experiência e disponibilidade. Embora aponte cinco eras distintas, a diferenciação entre elas não se dá apenas pela época em que surgiram ou pela faixa etária dos usuários, mas pela disponibilidade, pelos recursos financeiros e aspectos culturais que também devem ser contemplados ao serem analisadas.

O estudo deste contexto em transformação também aparece na obra de Jenkins (2009). Segundo o autor, o conteúdo dos meios pode mudar, bem como o público e o *status* social, contudo, “uma vez que um meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana essencial, ele continua a funcionar dentro de um sistema maior de opções de comunicação. (...) Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos” (JENKINS, 2009, p. 41-42). As funções e o *status* dos meios se transformaram pela introdução de novas tecnologias. O próprio telefone é um exemplo disso. Enquanto dispositivo criado para transmitir voz entre duas pontas distintas, o aparelho ganhou mobilidade e novas funcionalidades, deixando em segundo plano sua primeira razão de existir. Os *smartphones* já se

tornaram o principal meio de acesso à Internet, levando ao telefone um recurso que até então estava associado apenas aos computadores. Dedicar-se o bloco final deste capítulo para o aprofundamento deste aspecto.

As definições de Santaella (2007) e Jenkins (2009) contribuem para compreensão do panorama histórico o qual tanto a Geração Y quanto a Z estão inseridas. Embora não traga períodos definidos, as cinco eras tecnológicas retratam uma curva ascendente destas inovações, que levaram à ubiquidade comunicacional, à medida que a tecnologia tornou possível a disponibilização de informação ao mesmo tempo e em todos os lugares.

Esse anseio de estar conectado permanentemente pode ser compreendido pelo desejo do ser humano de estar ligado ao outro, em um aspecto social e não apenas tecnológico. Sendo assim, a não-conexão tende a significar exclusão, estar fora da conversa ou de um estilo de vida. Essa inserção da mobilidade da mídia no ambiente comunicacional abre uma relação 'ecológica', estando as pessoas e os espaços físicos conectados de forma inédita (PELLANDA, 2009). Segundo Pellanda (2005, p. 95), "a telepresença possibilitada pela comunicação móvel modifica a relação lugar/espaço e traz novas implicações de interação entre os indivíduos". Além da amplificação das características das comunicações mediadas pelos computadores conectados à Internet, outras formas de interações e entretenimento foram viabilizadas pela mobilidade.

Para o estudo das Gerações, esse contexto é relevante, com ênfase para o uso social das tecnologias mais do que suas funções técnicas, pois esses novos componentes passam a fazer parte da vida de cada um.

## 2.2 VIDA DIGITAL

A informação está disponível em tempo real, em diferentes dispositivos e meios de acesso, em um ecossistema proporcionado pela ubiquidade. Segundo Castells (2007, p. 274), as comunicações móveis não substituem, mas desenvolvem e mudam a "ecologia dos meios de comunicação", expandindo as redes de informação disponíveis. O surgimento de um ecossistema comunicativo está se tornando algo tão vital quanto o ecossistema verde e ambiental (MARTÍN-BARBERO, 1999).

O contexto de vida digital descrita por Negroponte, em 1995, encontra aqui suas evidências. O conhecimento que antes encontrava-se na forma de átomos (livros, cadernos, enciclopédias e mapas), transformou-se em *bytes* (plataformas digitais, *bots*, assistentes pessoais, redes sociais, *blogs*). Essa transformação implicou mudanças em hábitos, espaços, formas de comunicar e interagir dos públicos analisados.

O que estava restrito a bibliotecas, ganhou o mundo com velocidade e precisão. O conteúdo dos jornais, até então restritos às páginas impressas, passaram a ser veiculados em outras plataformas digitais, bem como aconteceu com o rádio e a televisão. “No mundo digital, o meio não é a mensagem: é uma das formas que ela assume. Uma mensagem pode apresentar vários formatos derivando automaticamente dos mesmos dados” (NEGROPONTE, 1995, p. 73).

Ainda, Negroponte (1995) indica que os meios e as mensagens multimídia podem ser considerados uma mescla de conquistas técnicas e artísticas, sendo os produtos criados para o consumidor, a força motriz desse mercado. Ainda em 1995, o autor sinalizava para o momento em que os computadores poderiam ver e ouvir os seus usuários, numa perspectiva muito próxima do que pode ser encontrado 25 anos depois. Ele apresenta o contexto de sua época, esperando ainda mais dos recursos tecnológicos, pois percebia, na ocasião, que “os computadores pessoais têm menor capacidade de sentir a presença humana do que os toaletes modernos ou sistemas de iluminação dotados de simples sensores de movimento” (NEGROPONTE, 1995, p. 124). Descreveu a evolução dos computadores como meios a serviço do homem, de forma natural, rápida e eficaz. Criticou sistemas complexos e que exigiam muitas etapas para serem concluídas pelos computadores.

Os pais, Geração Y, acompanharam a chegada dos computadores em suas casas. Era reservado um espaço nobre para o equipamento, inicialmente compartilhado com toda a família e restrito àqueles que detinham conhecimento específico para utilizá-lo. A interface de navegação, inicialmente, exigia códigos e comandos pouco práticos e nada intuitivos, bem diferente dos atuais sistemas operacionais.

O conceito de vida digital de Negroponte traz diferentes perspectivas para a evolução da tecnologia, já vislumbrando um cenário em que o computador desaparecia e estaria integrado a outros elementos cotidianos.

O que vai fazer com que essa ubiquidade da fala ande mais rápido hoje do que antigamente é a miniaturização. Os computadores estão se tornando cada vez menores. É de se esperar que você venha a carregar no pulso amanhã aquilo que hoje você tem em cima da mesa e que, ainda ontem, ocupava uma sala inteira. (NEGROPONTE, 1995, p. 141)

Tal perspectiva, apresentada em 1995, encontra concretude mais de vinte anos depois, na popularização de *smartphones* e *wereables*, por exemplo. Ainda, com a miniaturização, os computadores passaram a ser pessoais e não mais coletivos, assim como o consumo de televisão e de rádio. À medida que cada indivíduo possui seu próprio dispositivo, cria seu próprio itinerário de consumo e individualiza sua experiência.

Negroponte também assinala o fim das barreiras geográficas, da mesma forma como o hipertexto removeu as barreiras das páginas impressas. Nessa perspectiva, sinalizou o que é possível hoje, com as transmissões de vídeo ao vivo a partir das redes sociais digitais, por exemplo, mesmo sem ter vivenciado a época. “A vida digital exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a se tornar realidade” (NEGROPONTE, 1995, p. 159).

O conceito de vida digital de Negroponte também trouxe indicativos para o contexto de aplicativos criados para transporte, entregas, entre outras funcionalidades. “A informação por encomenda dominará a vida digital. Nós solicitaremos, explícita ou implicitamente, tudo o que quisermos e quando o quisermos. (1995, p. 163). Ainda em 1995, Negroponte vislumbrava um ambiente digital que impactaria o cotidiano e a forma como as pessoas se relacionariam com a tecnologia e, portanto, com as informações.

A geração nascida a partir dos anos 2000 pode ser definida como a primeira totalmente ubíqua, nascida com amplo acesso à tecnologia, conectividade e mobilidade. As janelas de acesso foram ampliadas e esse contexto, cabe ressaltar, não é exclusivo deste grupo. A forma como a sociedade consome e se relaciona com a mídia mudou e a ubiquidade é uma dessas marcas.

### 2.3 UBIQUIDADE

Busca-se no paradigma desenvolvido por Mark Weiser uma definição de ubiquidade. Criada na década de 1990, ao abordar aspectos da Engenharia, das

Ciências Sociais e Humanas e da Ciência da Computação, a expressão identificou a onipresença da tecnologia nos espaços. Weiser (1991) visualizou um futuro em que os computadores desapareceriam do campo de visão e estariam integrados aos objetos como etiquetas de roupas, xícaras de café, interruptores de luz etc., de forma invisível para o usuário. Segundo Weiser (1991), dever-se-ia aprender a conviver com os computadores e não apenas a interagir com eles.

Essa perspectiva se concretizou e faz parte do cotidiano dos públicos estudados. As casas passaram a contar com equipamentos ligados à Internet como televisores, lâmpadas, aparelhos de ar-condicionado e câmeras, todos integrados a assistentes pessoais acionados por comandos de voz. Elimina-se, assim, os cabos e os controles remotos, fazendo com que o acionamento ocorra em qualquer lugar, pelo celular ou mesmo caminhando pela casa.

Até o final da década de 70, as relações dos indivíduos com os dispositivos computacionais eram pessoais. Já entre a década de 80 e os anos 2000, com o surgimento dos dispositivos móveis, passaram a ser hiperpessoais (PELLANDA, 2005), numa imersão *always-on*, exemplificada pelos *smartphones* e *smartwatches*. Nesse sentido, com os *wearables*, a conexão tornou-se ainda mais ubíqua, com formas mais intensas de conexão e vigilância (PELLANDA, 2014). Isso foi possível pela introdução de tecnologias que propiciaram a infraestrutura necessária para o ambiente de computação e comunicação ubíqua (PELLANDA, 2009) como a Internet *wi-fi* e a banda larga móvel 3G e 4G, por exemplo.

Santaella também conceitua ubiquidade. Para a autora, caracteriza-se como a habilidade de se comunicar a qualquer hora e lugar por meio de aparelhos eletrônicos, distribuídos pelo ambiente (SANTAELLA, 2013). A hipermobilidade, segundo ela, transformou os seres em ubíquos, estando ao mesmo tempo em algum lugar e fora dele, num contexto de pessoas presentes-ausentes. Ainda, segundo Araujo (2003, p. 45-50), em termos tecnológicos, entende-se por ubiquidade “a coordenação de dispositivos inteligentes, móveis e estacionários para prover aos usuários acesso imediato e universal à informação e novos serviços, de forma transparente, visando aumentar as capacidades humanas.”

A mobilidade das novas mídias abre espaço para uma relação ecológica no que se refere ao ambiente comunicacional existente. Os meios passam a coexistir, apoiam-se uns nos outros e apropriam-se das diferentes linguagens.



Ecologias midiáticas são intrincadamente enredadas porque novas mídias são introduzidas em uma paisagem humana já povoadas por mídias precedentes. Longe de levar as anteriores ao desaparecimento, a mídia emergente vai se espremendo entre as outras e gradativamente encontrando seus direitos de existência ao provocar uma refuncionalização nos papéis desempenhados pelas anteriores. É justamente isso que tem acontecido com os dispositivos móveis, cuja velocidade de absorção e domesticação vem se dando em progressão geométrica espantosa. (SANTAELLA, 2007, p. 232)

Dertouzos (2002) também discute os impactos que a tecnologia trouxe para a vida das pessoas. Critica as interfaces ou funcionalidades complexas não centradas nas necessidades dos usuários. Ainda no início dos anos 2000, percebe as mudanças decorrentes do número de equipamentos móveis sem fio. “Até 2003, os telefones celulares, muitos com capacidade de acesso à Internet, excederão em números os conhecidos telefones fixos, já ultrapassando o número de PCs” (DERTOUZOS, 2002, p. 26). Dertouzos acreditava que até 2010 mais de um bilhão de pessoas estariam interconectadas a partir de seus computadores.

Os números previstos por Dertouzos foram ainda maiores. De acordo com dados publicados pela agência da ONU, *International Telecommunication Union* (ITU, 2018), no final de 2018, mais de 3,9 bilhões de pessoas usavam a Internet em todo o mundo. Segundo a pesquisa, foi a primeira vez na história que mais da metade da população mundial está conectada (51,2%). Pellanda (2009) observa a tendência desse movimento de plena conexão e seus impactos. “Essa nova configuração não representa somente uma facilidade de conexão, mas toda uma potencialidade de novos usos, bem como a transformação dos existentes” (PELLANDA, 2009, p. 90).

A décima edição do relatório ITU, desenvolvido desde 2009, leva em conta as diferenças econômicas dos países e apresenta resultados segmentados. Por exemplo, enquanto quatro em cada cinco pessoas estão *online* nos países desenvolvidos, nos em desenvolvimento, a taxa é de 45%. Entretanto, nos 47 países menos desenvolvidos, quatro em cada cinco pessoas (80%) não estão usando a Internet.

Entender o contexto de cada local torna-se essencial para análises relativas às transformações do ambiente digital, como é o caso desta dissertação. Busca-se em Castells (2003) uma ponderação sobre esse momento único de amplo acesso e de centralidade da Internet. No caminho oposto, ele equipara com a marginalidade quem não tem acesso ou possui limitações ou incapacidades para usar a Internet,

especialmente em áreas da atividade social, econômica e política. “Assim, não surpreende que a proclamação do potencial da Internet como um meio de liberdade, produtividade e comunicação venha de par com a denúncia da 'divisão digital' gerada pela desigualdade a ela associada” (CASTELLS, 2003, p. 203).

A ubiquidade tem suas limitações, mas está disponível para quase quatro bilhões de pessoas conectadas em todo o mundo. Tal número tornou-se possível graças à popularização de *smartphones* na última década (ITU, 2018). O relatório da *International Telecommunication Union* indica uma redução na quantidade de telefones fixos, enquanto o número de linhas móveis já supera o total da população mundial. Internet disponível sem fio, de maneira prática, ao alcance das mãos, acompanhando o usuário em diferentes lugares e realizando tarefas que até então não seriam possíveis sem a Internet móvel, uma definição que acompanha a reflexão de Dertouzos (2002) quando define a Revolução da Informação.

Segundo ele, a Revolução da Informação só seria concluída quando os computadores desaparecerem e fizerem ainda mais com menos. “Pense em seu computador como um empregado obediente que pode entender suas vontades e está acostumado com seus hábitos. Você fala com ele em seu idioma e ele, obediente, executa os comandos” (DERTOUZOS, 2002, p. 62). A dimensão da fala é abordada pelo autor como fator determinante nessa revolução.

Você nasceu com orelhas, bocas, olhos e a capacidade de ouvir, falar e ver. A computação centrada no homem pede que você use essas capacidades humanas naturais para comunicar-se com suas máquinas, não tendo de se sobrecarregar aprendendo novas abordagens complicadas para fazer aquilo que você já sabe sem esforço. Finalmente atingimos a maior alavanca de simplificação do sistema: a interação natural com as máquinas. É o primeiro passo no sentido da computação centrada no homem. (DERTOUZOS, 2002, p. 43)

Se antes, os computadores pessoais eram aqueles que estavam nas áreas comuns das residências, para uso de toda família, a miniaturização e mobilidade trouxe os computadores hiperpessoais, os celulares e *tablets*. Ainda, percebe-se a popularização dos *speakers*, assistentes pessoais ativados pela voz, cada vez mais próximos de uma interação fluída com os usuários. Negroponte (1995) acreditava que no próximo milênio seria possível falar tanto ou mais com as máquinas do que com outros seres humanos. Segundo o autor, a autoconsciência dos computadores poderia incomodar os humanos, acostumados a conversar com animais de estimação, mas que possivelmente estranhariam conversar com uma torradeira.

Ainda, salientava que seria a hora de fazer com que os computadores pudessem ver e ouvir.

Duas décadas depois, esse contexto é real e o acesso a diferentes *devices* e possibilidades marca a relação de ubiquidade com o pré-adolescente contemporâneo da Geração Z e também de seus pais, Geração Y. Segundo Pellanda (2009), esse novo momento é marcado pela concretização de um anseio humano, a onipresença causada pelos dispositivos permanentemente conectados à Internet, reduzindo distâncias entre espaços de trabalho, entretenimento e residenciais. “Onde se está fisicamente não é mais o ponto central, e sim qual o tipo de informação precisa-se trocar em um dado instante” (PELLANDA, 2009, p. 92). A eliminação das barreiras geográficas e a constante conexão gera dois sentimentos nos pais: tranquilidade e preocupação pelos seus usos no dia a dia.

Nesse sentido, busca-se analisar a relação entre a mídia e o cotidiano, visando compreender os impactos, as influências e o papel desempenhado no dia a dia.

## 2.4 VIVER A MÍDIA

A descrição anterior traz um cenário do que Mark Deuze relata em seus estudos, apresentando a mídia como base e contexto das expressões e experiências de vida na atualidade. Segundo o autor (2011), a mídia permeia todos os aspectos do cotidiano a partir de suas apropriações e usos. Embora, para ele, viver a mídia nunca é a mesma coisa para todos, entendendo-a como uma interface entre o homem e o mundo (DEUZE, 2011).

Segundo o pesquisador, é a sociabilidade que explica a apropriação e o uso ubíquo e pervasivo da mídia como continuidade da capacidade relacional dos seres humanos. Desta forma, os dispositivos móveis passam a estar inseridos nos hábitos cotidianos de tal forma a desaparecerem da consciência e, assim, “a mídia se torna vida” (DEUZE, 2011, p. 55). Neste caso, não existe externalidade da mídia, permitindo a afirmação de que nós somos a mídia. “Temos que aceitar ou, pelo menos, reconhecer e assumir que se tornou impossível para nós desligarmo-nos da nossa mídia. Isso inclui tudo o que fazemos nela, da qual já não podemos mais nos desligar. Então, é isso que significa viver na mídia”. (2011, p. 203).

Deuze (2013) apresenta sua definição de mídia, contemplando três elementos: os artefatos (celular, televisão, jornal), o que fazemos com eles (ler, escrever,

conectar, curtir, etc.) e como eles se encaixam no cotidiano das pessoas. É nesse contexto que constrói seu cenário de vida midiática, numa multiplicação de experiências que “contribui não apenas para a falta de consciência da existência da mídia em nossas vidas, ela também amplifica e acelera uma fusão contínua de todos os domínios da vida (como lar, trabalho, escola, amor e diversão) com a mídia” (DEUZE, 2013, p. 114)

Esse cenário é ponderado por Deuze quando cita a presença da mídia na vida das pessoas também em décadas anteriores, com grandes estruturas organizando a forma como a vida acontecia em sociedade.

Hoje, a maior diferença é que a mídia tornou-se literalmente nossa, no sentido de que os cinco ou seis ou mais dispositivos diferentes que as pessoas podem ter tido em seus lares, se fossem ricos, na década de 1970, estão agora em um único dispositivo em nossos bolsos, como os smartphones, que reúnem um computador, uma televisão, um telefone e um monte de outros dispositivos; e isso muda radicalmente o que sentimos a respeito de nosso papel na sociedade e na mídia. (DEUZE, 2013, p. 204)

Os estudos desenvolvidos por Deuze, Speers e Blank (2010) indicam que se gasta a maior parte do tempo usando mídias e isso tornou-se um traço comum dos cidadãos que possuem essa disponibilidade. Corroborando com as reflexões de Dertouzos e Negroponte, os três pesquisadores também apontam a evolução dos dispositivos, ao tornarem-se imersivos e hiper personalizados, “assim como por suas características de disseminação e ubiquidade, as mídias gradualmente estão desaparecendo de nossa vista, entrando aos poucos no reino heideggeriano da manualidade, o conceito de estar-à-mão” (DEUZE; SPEERS; BLANK, 2010, p. 140). No contexto atual, crianças e adultos interagem em um ambiente permeado pela mídia, considerando-a como um dos elementos naturais presentes no cotidiano.

Essa perspectiva da vida midiática, sob o aspecto das teorias da comunicação, está alinhada com a perspectiva de Marshall McLuhan, ao abordar as mídias como extensões do homem, as quais estruturam a forma como percebe-se e compreende-se o mundo atualmente (2010).

Essa mediação de tudo é estabelecida como premissa pela crescente invisibilidade da mídia, que por sua vez a torna indissociável da vida cotidiana (e todos os seus aspectos). No momento em que a mídia se torna invisível, nosso senso de identidade e mesmo nossa experiência da própria realidade se tornam irreversivelmente modificados, no sentido de que toda a nossa identidade não é centrada e racional, mas subvertida e dispersada através do espaço social (DEUZE; SPEERS; BLANK, 2010, p. 142).

Em *Media Life* (2011), Deuze aponta que a mídia é a base e o contexto de expressões e experiências de vida, que permeia todos os aspectos do cotidiano e tende a gerar um desaparecimento da consciência coletiva. Sendo assim, torna-se ubíqua, estando em todo lugar e qualquer um pode ser mídia.

Já o autor Clay Shirky, percebe a mídia como o tecido conjuntivo da sociedade. “Ela não é apenas algo que consumimos; é algo que usamos. Como consequência, muitos dos nossos conceitos preestabelecidos sobre os meios de comunicação começam a não fazer mais sentido” (SHIRKY, 2010, p.50).

Castells (2003) também aponta a Internet como um tecido de nossas vidas, comparando a tecnologia da informação ao que a eletricidade foi durante a Era Industrial: “em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. (CASTELLS, 2003, p.7).

Tanto Shirky quanto Castells trazem um olhar para a dimensão tecnológica e evolutiva dos dispositivos e meios, mas também para os seus usos. Shirky (2010) coloca no centro da revolução atual, o choque da inclusão de amadores como produtores, tornando desnecessário a ajuda ou permissão de profissionais para dizer as coisas publicamente. “Essa capacidade de falar em público e de combinar nossas aptidões é tão diferente daquilo a que estamos acostumados que precisamos repensar o conceito básico de mídia: ela não é apenas algo que consumimos; é algo que usamos. (SHIRKY, 2010, p. 50).

O pesquisador também aborda como a Internet transformou a forma como as pessoas utilizam seu tempo livre. A justificativa, para ele, está em algo que foi possível a partir das novas tecnologias, a baixo custo e risco, aplicar algo que sempre tivemos: a vontade de usar os talentos pessoais para desenvolver coisas novas. A dimensão do estar junto também ganhou novas possibilidades.

A antiga visão da rede como um espaço separado, um *ciberespaço* desvinculado do mundo real, foi um acaso na história. Na época em que a população *online* era pequena, a maioria das pessoas que você conhecia na vida diária não fazia parte dela. Agora que computadores e telefones cada vez mais computadorizados foram amplamente adotados, toda a noção de ciberespaço está começando a desaparecer. Nossas ferramentas de mídia social não usam uma alternativa para a vida real, são parte dela. (SHIRKY, 2010, p. 37)

Segundo o autor, comportamento tem relação com oportunidade. As pessoas agem de determinada forma porque existe disponibilidade de recursos para isso. Porém, não é a tecnologia que promove essas mudanças, ela oportuniza a partir da

motivação pessoal. “As interpretações focadas na tecnologia para entender esses comportamentos erram o alvo: a tecnologia possibilita esses comportamentos, mas não pode causá-los”. (SHIRKY, 2010, p. 90). Essa é uma perspectiva que volta a aparecer nesse referencial teórico, visto que situa o entendimento da pesquisa quanto ao impacto das tecnologias e o que elas representam para os públicos analisados.

Ter acesso ou não aos recursos tecnológicos não diz respeito somente aos bens de consumo, aos dispositivos. A disponibilidade de Internet passa a ser uma marca destas gerações. O sociólogo Manuel Castells, em sua obra *Galáxia da Internet* (2003), apresenta um panorama histórico e social do surgimento e da ascensão da Internet, colocando os seguintes aspectos em dois lados de uma balança: de um lado estão a criatividade, a produtividade e a inovação; do outro a desigualdade e a exclusão social. O autor apresenta a Internet como um meio que permitiu, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, em determinado momento, em escala global. “Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que McLuhan chamou de a “Galáxia de Gutenberg”, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia da Internet” (CASTELLS, 2003, p. 8), sinalizando também a modificação de todos os domínios da vida social, decorrentes do uso da Internet, pois “a comunicação é a essência da atividade humana” (CASTELLS, 2003, p. 225), sendo inevitável essa transformação.

O pesquisador dedica parte de sua obra para a análise das comunidades virtuais, conceituando como extensões da vida em todas as suas dimensões, ao contrário de outros autores que apontam o isolamento social. Castells traz como suporte o estudo de Sherry Turkle (1995) sobre a construção de identidade na Internet, ao identificar que a *web* adiciona interações *online* às relações sociais já existentes.

O que Castells tensionava no início dos anos 2000 não se concretizou na sua plenitude, no entanto, suas reflexões seguem relevantes para a análise deste cenário. Por exemplo, quando aborda os mecanismos de convergência, que, segundo ele, na época em que produziu sua obra, ainda não possibilitavam a interatividade, principalmente pela insuficiência da largura de banda da época. As redes *wi-fi*, principal forma de acesso à Internet hoje, não estavam popularizadas.

Esse cenário se modificou quase duas décadas depois e os usuários se apropriaram das plataformas digitais, criando uma cultura participativa decorrente dessas trocas, a qual é discutida por Jenkins, Ford e Green (2014, p. 24) quando afirmam que “as pessoas estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídias de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes”. Pela primeira vez, um meio, a Internet, tornou possível reunir todos os demais e a convergência é um processo natural deste ambiente digital. Uma convergência de linguagens, funções, de mídias e culturas à disposição de pais e filhos. Cada um com a sua disponibilidade e apropriação, mas todos de alguma forma impactados pelo que a convergência e a conexão representam para suas vidas.

## 2.5 CONVERGÊNCIA E CONEXÃO

Esse novo ambiente de disponibilidade e apropriação, segundo Jenkins, é decorrente do atual potencial das tecnologias midiáticas que permitem que o mesmo conteúdo perpassa diferentes canais, assumindo formas distintas no ponto de recepção. “A digitalização estabeleceu as condições para a convergência” (JENKINS, 2009, p. 38) e esse fenômeno impacta a relação dos produtores de conteúdo com o consumidor.

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos. (JENKINS, 2009, p. 47)

Entre esses consumidores ativos, migratórios, conectados socialmente e barulhentos estão as crianças, que devem ser educadas para colaborar e criar em uma cultura do conhecimento diferenciada. No entanto, de acordo com Jenkins (2009, p. 184), na vida adulta “estamos dependendo cada vez mais dos outros para nos fornecer informações que não conseguimos processar sozinhos”. Esse outro pode ser, por exemplo, um sistema ou algoritmo que processe a amplitude de informação disponível na rede.

Shirky também estuda como as redes moldam a cultura e aponta que a maior vantagem que temos, ao usar uma rede, é acessar uns aos outros, utilizando o potencial humano das novas tecnologias. Para Shirky (2010), o simples ato de criar algo com outras pessoas e então compartilhá-lo com elas representa, no mínimo, um eco de um antigo modelo de cultura. Porém, até o século XX, compartilhava-se algo apenas fisicamente. Hoje, estar conectado com o outro é sinônimo de compartilhar.

Em 2002, Dertouzos também analisava o fenômeno da colaboração *online*, descrevendo de forma robusta o que hoje é considerado simples, como uma busca no Google ou compartilhar a produção de um documento.

O acesso individualizado às informações confere-lhe o poder de localizar e usar, a seu próprio modo, as informações necessárias a partir das memórias das suas máquinas e daquelas dos associados e do mundo mais amplo da Web. A colaboração dá-lhe a habilidade mágica de trabalhar com outras pessoas por meio do espaço e do tempo. E a personalização ajuda-o a adaptar o computador, sob medida, a seus desejos e especializações únicos. (Dertouzos, 2002, p. 161)

Mais tarde, Jenkins, Green e Ford (2014) apontaram elementos que caracterizam essa cultura conectada em rede e a propagação destas informações. Segundo os autores, as pessoas, em geral, são receptivas a conteúdos propagados por amigos, pois eles refletem interesses em comum. São “comunidades organizadas em torno de um interesse principal” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 38).

A propagabilidade, conceito explorado pelos autores, reconhece a importância das conexões sociais entre os indivíduos, cada vez mais visíveis pelas plataformas de mídia social. No entanto, apontam que recomendações, conselhos “há muito tempo mobilizam as interações entre as pessoas. Talvez nada seja mais humano do que dividir histórias, seja ao pé do fogo ou em 'nuvem', por assim dizer” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 25).

Na concepção de Jenkins (2009), a convergência das mídias é mais do que uma mudança tecnológica, ela altera a relação entre as tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e o próprio público. A convergência permite alterar a lógica que a indústria midiática desenvolve suas produções e pela qual os indivíduos consomem notícias e entretenimento. O autor deixa claro que a convergência é um processo e não o ponto final. O ambiente transformou-se a partir da convergência e, conseqüentemente, os consumidores também.



A comunicação móvel tornou possível esse processo por meio da apropriação tecnológica de dispositivos como os celulares, *tablets* etc. Contribuindo com esse raciocínio, Scolari (2016, p. 183-184), em entrevista à *Revista Intercom*, destaca que “a comunicação móvel nasceu com a convergência explosiva dos dispositivos móveis e do acesso à Internet. (...) Estamos apenas apreciando as primeiras consequências dessa convergência / explosão. Este é um processo em curso e ainda não terminou”. Segundo o pesquisador, a comunicação móvel está no centro dos processos de convergência cultural contemporâneos.

## 2.6 O PROTAGONISMO DA COMUNICAÇÃO MÓVEL

Os celulares conectados à Internet não são dispositivos de uso exclusivo dos adultos. Desde os primeiros anos de vida, as crianças já podem entrar em contato com telas conectadas à Internet, seja pelos *smartphones* ou *tablets*. A conexão entra na era da mobilidade, sendo o celular umas das principais formas de acesso à Internet para a “Geração Digital” (TAPSCOTT, 2009, p. 46). As primeiras experiências destas crianças já são mediadas pelas tecnologias móveis, para além de comunicação, estas mídias podem ser compreendidas como fontes de socialização.

Nessa perspectiva, Castells (2007) estuda as transformações ocorridas na sociedade nos últimos anos do século XX, considerando-as como um processo de mudança estrutural, com impactos diretos em contextos “que definem e condicionam a ação social e a experiência humana em todo o mundo” (CASTELLS, 2007, p. 20).

Uma revolução tecnológica com base na informação transformou nosso modo de pensar, de produzir, de consumir, de negociar, de administrar, de comunicar, de viver, de morrer, de fazer guerra e de fazer amor. Constituiu-se uma economia global dinâmica no planeta, ligando pessoas e atividades importantes de todo o mundo e, ao mesmo tempo, desconectando das redes de poder e riqueza as pessoas e os territórios considerados não pertinentes sob a perspectiva dos interesses dominantes. Uma cultura de virtualidade real, construída em torno de um universo audiovisual cada vez mais interativo, permeou a representação mental e a comunicação em todos os lugares, integrando a diversidade de culturas em um hipertexto eletrônico. O espaço e o tempo, bases materiais da experiência humana, foram transformados à medida que o espaço de fluxos passou a dominar o espaço de lugares, e o tempo intemporal passou a substituir o tempo cronológico da era industrial. (CASTELLS, 2007, p. 20).

A perspectiva de tempo mudou. A disseminação e apropriação das novas tecnologias pelos seus usuários acontece em tempo recorde, muito superior ao que acontecia em outros momentos históricos. Para Castells (2011), no espaço de cerca de dez anos, a telefonia móvel deixou de ser uma tecnologia disponível para privilegiados, transformando-se em uma tecnologia essencialmente dominante. A velocidade com que os dispositivos móveis foram incorporados ao dia a dia, mesmo em espaços menos desenvolvidos, também pauta o trabalho do autor.

A rapidez com que o telefone celular se incorporou à vida econômica e social do mundo inteiro resulta ainda mais interessante se considerarmos que, diferentemente do caso de outras tecnologias, este processo de difusão tem sido ainda mais vertiginoso nos países em desenvolvimento. Significa que, apesar das restrições à difusão de novas tecnologias que estes países enfrentam, a telefonia móvel alcançou níveis altíssimos de difusão, mesmo em contextos de baixos rendimentos financeiros, baixos níveis educativos, elevado custo do capital e alto risco ao investimento a longo prazo, entre muitos fatores que historicamente atrasaram a adoção tecnológica em regiões emergentes. (CASTELLS, 2011, p. 319).

Rosalía Winocur, em sua obra *Robinson Crusoe ya tiene celular (2009)*, também aborda a relação cotidiana das pessoas com computadores, Internet e celular, assumindo que tais tecnologias estão presentes no imaginário de todos os grupos sociais, independente se possuem acesso ou não. Afinal, segundo a autora, “a relação das pessoas com os dispositivos criou nichos culturais e produção de significados. Estar conectado o tempo todo tornou-se indispensável” (WINOCUR, 2009, p. 13). A ausência de conexão, segundo a pesquisadora, pode ser considerada para além de uma síndrome de abstinência digital, mas um trauma de separação, uma angústia de desconexão e uma ameaça de exclusão social (WINOCUR, 2009).

Em se tratando de aparelho celular, a autora identifica este dispositivo como o “novo cordão umbilical” da sociedade. Embora seu estudo etnográfico contemple uma amostra do México, suas conclusões contribuem para um olhar latino-americano para a forma como a sociedade tem se relacionado com as tecnologias.

Este livro quer dar conta desses novos processos de criação de sentidos, recuperando de uma perspectiva socioantropológica as condições sociais e culturais que possibilitam essa interdependência. Isso implica assumir como ponto de partida que a experiência com o computador, a Internet e o celular não é explicada apenas como um impacto direto das múltiplas possibilidades oferecidas por seus programas e aplicativos, mas também como consequência de uma marca social e cultural que encontraram nessas tecnologias um suporte simbólico ideal para se expressar. (WINOCUR, 2009, p.14)

Nesse sentido, compreende as tecnologias não apenas como de informação e comunicação, também como “artefatos rituais para controlar a incerteza, neutralizar a dispersão familiar, evitar a fragmentação biográfica, garantir a inclusão e exorcizar os fantasmas da alteridade” (WINOCUR, 2009, p. 13-14). Aqui, apresenta o protagonismo do celular nesse processo, assim como o pesquisador Howard Gardner (2013), que chega a considerar o celular como o grande controle remoto da vida moderna e denomina os jovens como ‘App Generation”, não somente por estarem imersos em aplicativos para *smartphones*, mas por perceberem o mundo como um conjunto de aplicativos. Para Gardner e Davis, o estudo desta geração vai além da análise do uso dos dispositivos móveis, observando também como estão interagindo com eles.

O nosso argumento é que os jovens que crescem no nosso tempo não são apenas imersos em aplicativos. Eles têm que pensar no mundo como um conjunto de aplicativos, para ver suas vidas como uma série de aplicativos ordenados, ou talvez, em muitos casos, um aplicativo único, estendido, do berço ao túmulo. Qualquer coisa que os seres humanos possam querer deve ser fornecida por aplicativos. Se o aplicativo desejado ainda não existe, deve ser planejado imediatamente por alguém. (GARDNER; DAVIS, 2013, p. 7-8).

Um número crescente de jovens utiliza aplicativos em seus *smartphones* ou *tablets* para acessar sites de redes sociais, plataformas de mensagem instantânea, sites de compartilhamento de vídeos, *blogs*, *vlogs* etc. Tais ferramentas de mídia digital são adotadas pela juventude para expressar e explorar suas identidades. A interface dos aplicativos torna-se, assim, parte integrante da forma que os jovens escolhem para expressar a si mesmos *online* (GARDNER; DAVIS, 2013).

Gitte Stald (2008), em estudo publicado na obra *Youth, Identity, and Mobile Communication Media*, da Fundação The John D. and Catherine T. MacArthur, também analisa a onipresença do celular nos contextos culturais da juventude. Segundo a pesquisadora, o aparelho facilita a mobilidade de identidade e é um meio de atualização constante, coordenação e acesso a informações. Stald trata a *disponibilidade* como um dos principais elementos. “O fato de que o celular está sempre ativo torna os usuários sempre disponíveis, com poucos ou nenhum momento sem informação ou comunicação” (STALD, 2008, p. 144). Para ela, o fato de os adolescentes nunca desligarem o telefone demonstra sua disponibilidade para comunicação, informação, entretenimento, ou seja, disponibilidade para as outras pessoas do seu entorno. O exemplo abordado é de jovens que mantêm o

celular ligado à noite, ao lado do travesseiro, não apenas para funcionar como um alarme, mas para não perder nenhuma mensagem dos amigos.

A disponibilidade tem relação com o grupo social o qual o jovem está inserido. “Como vimos, o celular suporta e aprimora a manutenção de grupos sociais e o sentimento de pertencer a um grupo. Os jovens vivem em uma época caracterizada pela coletividade e percepção pessoal de incerteza” (STALD, 2008, p.145).

Winocur (2009, p. 27) trabalha um aspecto complementar, mostrando que o celular permite aos jovens um uso coletivo da construção civil de um grupo específico. Segundo a autora, as novas tecnologias perpassam a casa, a família e a rotina em redes internas de comunicação, criando tensões com as tradições já estabelecidas. “O telefone celular é a chave para manter a coesão destes espaços familiares imaginários e seguros, habitando nossas certezas quando coberto pelo manto protetor de sempre se comunicar conosco” (WINOCUR, 2009, p. 24).

Alguns anos antes, quando a interface dos celulares não comportava aplicativos e as redes sociais digitais ainda não eram populares, Rheingold (2002) apresentava seus estudos e já reconhecia o poder de mudança social possibilitado por meio do celular, especialmente por pessoas fisicamente distantes e com os mesmos objetivos. Nesse caso, aponta para mobilizações conjuntas, ainda organizadas, na época, por ligações e envio de SMS. Rheingold (2002) chama de *smart mobs* as ações orquestradas coletivamente, em tempo real, por pessoas em diferentes lugares. Atualmente, as mobilizações são organizadas pelas redes sociais digitais, também presentes nos celulares, tendo como exemplos a Primavera Árabe (propagada pelo Twitter no Oriente Médio em 2011), as manifestações no Brasil em junho de 2013 (impulsionadas pelo Facebook) e, em 2018, o *WhatsApp* protagonizou a Greve dos Caminhoneiros<sup>1</sup>. Em outra dimensão de mobilização, o *WhatsApp* organiza a pauta das equipes de trabalho e, também, permite a convocação para o futebol do condomínio. Do global ao local, a disponibilidade de recursos e aplicativos mudou a forma como a sociedade mobiliza-se.

Os Apps transformaram o *smartphone* em uma espécie de central de controle do cotidiano moldando uma geração (GARDNER; DAVIS, 2013) que se acostumou a resolver problemas através de funções do *software*. Para pedir comida, um carro

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44325458>. Acesso em: 6 jan. 2020.

ou realizar um serviço bancário se recorre a Apps. Desta forma, mais do que soluções técnicas, eles representam a forma que a geração da Internet móvel imagina que possa resolver os problemas da sociedade. Trata-se de um simbolismo que decorre de características embrionárias da rede como a descentralização das relações e a eliminação de intermediários nos processos. Os Apps amplificam estas questões por serem ubiquamente acessíveis e focados em ações estritamente direcionadas ao seu propósito essencial.

Os pesquisadores Gardner e Davis (2013) estudaram a interação dos jovens com os aplicativos. Conforme os autores, as pessoas têm sentimentos fortes sobre tecnologia e sua influência acontece sobre os filhos, a sociedade e a si mesmos. Além disso, para Gardner e Davis existe um fascínio das pessoas em contemplar como a nova geração se difere das anteriores. Na pesquisa realizada, os aplicativos apareceram como uma das metáforas para os principais temas que emergiram durante a investigação. Para compreender essa metáfora, Gardner e Davis introduziram três conceitos-chave: mentalidade (*appmentality*), habilitação (*app-enabling*) e dependência (*app-dependence*). O primeiro refere-se aos aplicativos utilizados para executar tarefas discretas como a localização de um restaurante, comprar uma peça de roupa ou falar com um amigo, a exemplo do *WhatsApp*, caracterizando-se como uma maneira algorítmica de pensar perguntas e desejos que exigem satisfação definitiva e imediata.

Por sua vez, ao mesmo tempo em que Gardner e Davis (2013, p. 23) definem a Geração App, questionam o próprio sentido do termo e o entendimento quando se fala de uma geração de um ponto de vista interdisciplinar, sociológico, político, econômico e cultural: "(...) as gerações podem ser definidas a partir da base da tecnologia dominante, e a sua duração vai depender da longevidade de uma particular inovação tecnológica".

Winocur (2009) traz outra perspectiva, ressaltando que não é a tecnologia em si que marca os limites e as rupturas entre o mundo dos adultos e o dos jovens, mas o alcance e o senso de experiência com a tecnologia dentro dos limites do universo prático e simbólico de cada geração. É nesse aspecto que sua análise é aprofundada, fazendo relação com os objetos de estudo desta dissertação. Ao contextualizar o ambiente pelo qual as crianças e jovens estão inseridos, mostra o protagonismo do celular e o senso de conexão permanente.

Quando crianças e pais estão fora de casa, a maneira mais comum de se comunicar é através do telefone celular. Antes, o telefone também era, mas o que mudou foi o senso de comunicação e disponibilidade. A ansiedade de "não ser localizável" ou a necessidade de "ser permanentemente localizável" não está tão relacionada à compulsão de privatizar, interromper ou invadir o espaço público - como sustenta grande parte da literatura e do senso comum -, mas a necessidade de ampliar a ancoragem doméstica e familiar no espaço público, como forma de combater a incerteza e levar consigo certezas. (WINOCUR, 2009, p. 35)

A pesquisadora traz o relato de uma de suas entrevistadas, uma jovem, que define o tipo de relacionamento que sua mãe deseja restabelecer com ela, por meio do telefone celular, como um "cordão umbilical materno", mantendo a conexão entre pais e filhos mais próxima. "O celular inaugurou um ritual de regressão à segurança do útero da mãe". (WINOCUR, 2009, p. 37).

A falta de comunicação ou a perda de contatos reais e virtuais geram muita angústia como mecanismo de exclusão social. Para Winocur (2009, p. 58), estar desconectado é equivalente à ideia de se tornar invisível "eles acham difícil imaginar que alguém não possa estar conectado, portanto, acreditam que apenas os jovens que vivem fora das cidades, nas áreas rurais, são os excluídos do acesso".

A iniciação no gerenciamento de computadores e da Internet também apresenta diferenças fundamentais entre uma geração e outra. Praticamente nenhum jovem teve que fazer um curso de informática. Exceto pelas primeiras noções que receberam na escola, elas aprenderam sozinhas ou ajudadas por amigos, colegas e irmãos, ou a própria Internet foi responsável por terminar de socializá-las, e a principal motivação não foi a escola, mas social e brincalhona. Os adultos foram forçados a fazer cursos voluntariamente ou porque as empresas os exigiam, e esse aprendizado sempre esteve vinculado a algum tipo de parcela com aplicativos para operar programas instalados nas empresas, e a motivação era não perder o emprego, não ser excluído. (WINOCUR, 2009, p. 124)

Para além da conexão e da desconexão, Winocur trata, em sua obra, das relações familiares mediadas pelas tecnologias, especialmente o celular. Além disso, aborda as diferenças entre as atuais crianças e os adultos. Diferentes gerações, com as mesmas disponibilidades de tecnologias, convivendo e interagindo entre si, esse é o contexto em que a pesquisa em questão acontece.

Por isso, para compreender como a Geração Z consome tecnologias de comunicação e as interferências da Geração Y nesses hábitos, abre-se o estudo com esta descrição do ecossistema comunicacional o qual estão inseridos. Com a apresentação da evolução dos meios construída por Santaella (2007), percebe-se que a Geração Y acompanhou a consolidação de três eras tecnológicas: do

*disponível* (videocassete, *walkman*, TV a cabo), do *acesso* (*mouse*, *softwares*, Internet em casa) e de *conexão contínua* (*smartphones*, internet *wi-fi*). Já seus filhos, Geração Z, nasceram quando a última estava em evidência.

Contudo, a análise aqui proposta não estuda a tecnologia sob o viés tecnicista, e sim da Comunicação Social. Essa apropriação dos meios surge em decorrência da própria característica das novas tecnologias digitais, cada vez menores e mais integradas à rotina, tornando-se imperceptíveis. Uma visão lançada por Negroponte (1995), quase 25 anos antes, vislumbrou uma das características que marcam esse momento: a ubiquidade (WEISER, 1991; ARAUJO, 2003; PELLANDA, 2005).

Atualmente, pais e filhos convivem com a mesma disponibilidade de recursos, imersos numa vida na mídia, conforme aponta Deuze (2011). Uma vivência em que a mídia passa a estar integrada de forma invisível nos hábitos cotidianos, tanto em casa quanto no trabalho ou na escola, e que muda a forma como consomem e produzem conteúdos em um contexto de convergência (JENKINS, 2009).

Outro elemento que tornou possível a construção do cenário contemporâneo foi a conexão móvel, principalmente quando os celulares passaram a ter Internet, ganhando maior protagonismo na vida das pessoas. Isto corrobora com o exposto anteriormente por Castells (2007) e Winocur (2009), que relacionam os celulares com o cordão umbilical, assim como o destacado por Gardner (2013), caracterizando-os como um controle remoto da vida.

Mapeado esse cenário tecnológico, que não é exclusivo das Gerações Y e Z, o referencial teórico parte para um aprofundamento das características destas duas gerações. Posteriormente, serão analisados os impactos e as suas relações nesse ambiente mediado pelas tecnologias.

### 3 GERAÇÕES CONECTADAS

*“Os principais aspectos de suas vidas – interações sociais, amizades, atividades cívicas – são mediados pelas tecnologias digitais. E não conheceram nenhum modo de vida diferente”. (PALFREY E GASSER, 2011, p. 12)*

Após compreender o ecossistema, o estudo parte para a caracterização dos públicos pesquisados. A análise de Gerações permite a construção de um quadro mais amplo, onde foi possível identificar a conexão entre dois grupos: pais Geração Y e seus filhos, Geração Z. Além de conectados pela perspectiva familiar, são gerações que acompanharam a evolução das tecnologias de comunicação e informação dentro de suas casas. Caracterizar esses dois públicos torna-se importante para, posteriormente, entender como acontece o consumo e quais as influências de um sobre o outro.

A construção desse capítulo conta com um bloco inicial, que apresenta a relação destes dois grupos e os conceitos atrelados a eles: *imigrantes* e *nativos digitais*. Além da visão conceitual, pesquisas quantitativas apresentam dados sobre esse público. Como não foi localizado nenhum estudo com um recorte de Porto Alegre, cidade escolhida para análise, busca-se nas estatísticas divulgadas pela *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2018* um panorama brasileiro da geração analisada.

#### 3.1 ESTUDO DE GERAÇÕES

O mundo está mais conectado, troca-se mais mensagens e com maior frequência. Uma geração inteira já foi alfabetizada digitalmente em diferentes contextos culturais e sociais. Entre outros impactos, houve uma mudança na hierarquia da informação entre as gerações. O conhecimento passou a não estar apenas nas mãos dos mais velhos. As crianças estão aprendendo, brincando, se comunicando e criando comunidades de forma muito diferente de outras gerações. Não só as crianças: Tapscott (1999) descreve que, pela primeira vez, os jovens sentem-se mais à vontade, são mais informados e identificam melhor do que seus pais quando uma inovação é fundamental para a sociedade. Os jovens referidos por Tapscott, em 2020, já são adultos e possuem filhos em idade escolar.



O autor categoriza as gerações da seguinte forma: os nascidos entre janeiro de 1946 e dezembro de 1964 são conhecidos como *Baby Boomers* e receberam essa denominação a partir da explosão demográfica a qual estavam inseridos, num período que resultou no nascimento de 77,2 milhões de crianças. A Geração X ou *Baby Bust*, corresponde aos nascidos entre janeiro de 1965 e dezembro de 1976. Chegaram ao mundo após o *baby boom*, depois da Segunda Guerra Mundial, correspondem a 44,9 milhões de crianças na época. Já a Geração Internet ou Digital, compreende os nascimentos de janeiro de 1977 a dezembro de 1997, também é conhecida como *Millennials* ou Geração Y. O período de 21 anos contabilizou cerca de 81,1 milhões de crianças. Os 10 anos seguintes marcam a Geração Z ou *Next*, representando 40,1 milhões de crianças nascidas entre janeiro de 1998 a dezembro de 2009 (TAPSCOTT, 2010).

Pesquisar as práticas midiáticas e culturais de crianças, adolescentes e jovens, no contexto da cultura digital, tem sido foco do trabalho de diversos autores (BUCKINGHAM, 2007, GARDNER; DAVIS, 2013), que utilizam termos como *screen generation*, *digital generation*, *apps generation* e outros para denominar o grupo geracional que tem as mídias e tecnologias como protagonistas na vida de crianças e jovens.

Neste trabalho, vamos analisar Gerações a partir da categorização proposta por Tapscott, em sua obra *A Hora da Geração Digital* (2010), que leva em conta o ano de nascimento dos indivíduos para sua classificação. Shirky faz uma ressalva a essa forma de classificar os sujeitos, ele percebe como frágil o conceito de diferença geracional inata, ou seja, “a ideia de que as pessoas que hoje estão na casa dos trinta são membros de uma classe chamada Geração X, enquanto quem está na casa dos vinte é parte da Geração Y, e de que ambos se diferenciam de forma inata entre si” (SHIRKY, 2010, p. 111). Segundo o autor, trata-se de rótulos sem valor explicativo se não forem consideradas as oportunidades oferecidas para cada um ao longo de suas vidas. No decorrer da pesquisa, essa perspectiva foi considerada.

Em *Cultura da participação* (2010), o autor pontua que as gerações se diferenciam, contudo, menos porque as pessoas se diferenciam e mais porque as oportunidades são diferentes para cada uma delas:

Teorias de diferenças de gerações fazem sentido quando são formuladas como teorias de diferença ambiental, e não de diferença psicológica. As pessoas, e em especial os jovens, responderão a incentivos porque têm muito a ganhar e pouco a perder com a experimentação. (SHIRKY, 2010, p. 112)

O pesquisador ilustra esse raciocínio abordando a Geração X, com adultos que ingressavam nessa fase em momento de pouco estímulo econômico, o que não estimulava ambições pessoais ou profissionais. “Então, de repente, a economia começou a recompensar a ambição, e os supostos atributos psicológicos típicos daqueles jovens simplesmente desapareceram, sendo substituídos por um conjunto de características quase opostas.” (SHIRKY, 2010, p.112). Esse exemplo reforça sua hipótese de que as diferenças de gerações fazem sentido quando formuladas como teorias de diferença ambiental e não de diferença psicológica.

As pessoas da minha geração e mais velhas frequentemente desaprovam a atitude dos jovens de expor tanto sua vida pessoal em redes sociais como o *Facebook*, contrapondo esse comportamento à nossa qualidade relativa nesse assunto. “Seus exibicionistas! Nós não nos comportávamos assim quando éramos da sua idade!” Essa comparação ignora convenientemente o fato de que não nos comportávamos assim porque ninguém nos deu a oportunidade. (SHIRKY, 2010, p. 112)

Os estudos apresentados neste tópico e que guiarão a análise da pesquisa, apresentam observações de adultos e pré-adolescentes de diferentes classes sociais. Esse fator também impacta os resultados apresentados e foi considerado. Logo, não é recomendado analisar da mesma forma ou generalizar conclusões de determinada faixa etária sem observar o contexto de disponibilidade de tecnologia e recursos disponíveis.

Feita a ressalva e apresentada a forma como as gerações são identificadas por Tapscott (1999), o próximo bloco relata a forma como chegou-se à escolha das Gerações Y e Z para serem analisadas.

### 3.2 DEFINIÇÃO DO PÚBLICO-ALVO DO ESTUDO

Mais do que delimitar épocas cronológicas, a segmentação por gerações relaciona aspectos sociais, históricos e é um indicador de disponibilidade e acesso às tecnologias. Esses elementos foram considerados na elaboração do Quadro 2, um comparativo entre pais e filhos e a respectiva disponibilidade de tecnologia que tiveram ao longo de suas vidas.

O contexto escolhido foi o de uma escola de Educação Básica, em 2018, ano do início da realização desta pesquisa. Essa escolha tem relação com o histórico profissional do pesquisador, observando esse público de perto ao longo dos últimos 15 anos. Ainda, a forma como a maioria das escolas divide seus alunos, pela data de nascimento, tem relação com a forma como Tapscott organiza o seu estudo. Nas escolas, determinado grupo de alunos, com mesma faixa etária, tendem a possuir características semelhantes. Utilizou-se a forma como os níveis de ensino são organizados no Brasil e a média de idade dos pais e filhos matriculados.

Como marco referencial, considera-se que a idade média dos pais que matriculam seus filhos no Nível 1 da Educação Infantil é de 33 anos (nascidos até 1985), pertencentes à Geração Y. Para as crianças, o ingresso obrigatório no Nível 1 da Educação Infantil é aos 3 anos (nascidos em 2015), percorrendo uma trajetória formativa de até 15 anos. Nesta análise, jovens de 17 anos (nascidos em 2001), pertencentes à Geração Z, concluíram o Ensino Médio em 2018.

Para ilustrar o cenário tecnológico, buscou-se identificar quais inovações marcaram o ano de nascimento de cada um: em 2001 (*Apple* lança o *iPod*, começa a popularização da banda larga e surge o *pendrive*); 2002 (*Blackberry* lança o primeiro *smartphone*); 2003 (surge o *Skype* para realização de chamadas de vídeo); 2004 (Mark Zuckerberg lança o *Facebook* e começa a popularização da internet *Wi-Fi*); 2005 (lançamento do *YouTube* e do *Google Maps*); 2006 (mensagens em 140 caracteres passam a ser enviadas pelo *Twitter*); 2007 (*Apple* lança o *iPhone* e a *Amazon*, a primeira geração do seu leitor de livros digitais, o *Kindle*); 2008 (*Google* apresenta seu navegador, o *Chrome*, e surge o sistema operacional *Android*); 2009 (lançamento do *WhatsApp*); 2010 (*Apple* lança o *iPad*); 2011 (*Netflix* chega ao Brasil); 2012 (*Google* apresenta ao público o *Google Glass*); 2013 (*Drones* e impressoras 3D começam a se popularizarem e a *startup* brasileira *Nubank* lança seus serviços de cartão de crédito); 2014 (lançamento do *Spotify* e a *Uber* chega ao Brasil); 2015 (*Google* lança seu primeiro carro autônomo). Esse recorte de tempo tem como justificativa o ano de nascimento dos estudantes que em 2018 frequentaram as escolas de Educação Básica no Brasil (2001 – 2015).

Quadro 2 - Período que o estudante pode ter tido contato com cada inovação, em anos de vida

	Há quanto tempo o filho tem disponível cada tecnologia														
	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos
	Nível 1 EI	Nível 2 EI	Nível 3 EI	1º ano EF	2º ano EF	3º ano EF	4º ano EF	5º ano EF	6º ano EF	7º ano EF	8º ano EF	9º ano EF	10º ano EF	11º ano EF	12º ano EF
Carro autônomo	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Spotify e Uber	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Nubank, Drones e Impressora 3D	3	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Google Glass	3	4	5	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6
Netflix	3	4	5	6	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7
iPad	3	4	5	6	7	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8
WhatsApp	3	4	5	6	7	8	9	9	9	9	9	9	9	9	9
Android e Google Chrome	3	4	5	6	7	8	9	10	10	10	10	10	10	10	10
iPhone e Kindle	3	4	5	6	7	8	9	10	11	11	11	11	11	11	11
Twitter	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	12	12	12	12	12
YouTube e Google Maps	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	13	13	13	13
Facebook e Wi-fi	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	14	14	14
Skype	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	15	15
Blackberry	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	16
iPod e Pendrive	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17

Fonte: Desenvolvido pelo autor (2018).

Nota: No apêndice do trabalho, a tabela é apresentada em maior formato para melhor visualização dos dados.

A partir deste levantamento de dados históricos, foi possível estabelecer a relação de quantos anos cada uma destas inovações esteve presente na vida dos sujeitos identificados no quadro. Tendo constituídas as relações entre idade e disponibilidade das tecnologias, a pesquisa passou a analisar cada um dos níveis de Ensino.

Figura 1 – Relação entre gerações, idade dos pais e filhos e a disponibilidade de tecnologias



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

O Nível de Ensino que corresponde às crianças com menor idade, entre 3 e 5 anos, é a Educação Infantil, sendo os representantes da Geração Alpha, cujos pais hipoteticamente podem ter nascido entre 1983 e 1985. Estes adultos, Geração Y, podem ter completado 10 anos de uso de *Facebook* e educam seus filhos imersos em todo o potencial tecnológico disponível.

Outra faixa de estudantes retratada na figura, possui entre 6 e 10 anos, frequenta os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Estes, puderam ter sua vida acompanhada pelo *WhatsApp* dos pais desde que nasceram e tiveram a oportunidade de levar *smartphones* para o colégio desde os primeiros anos de vida.

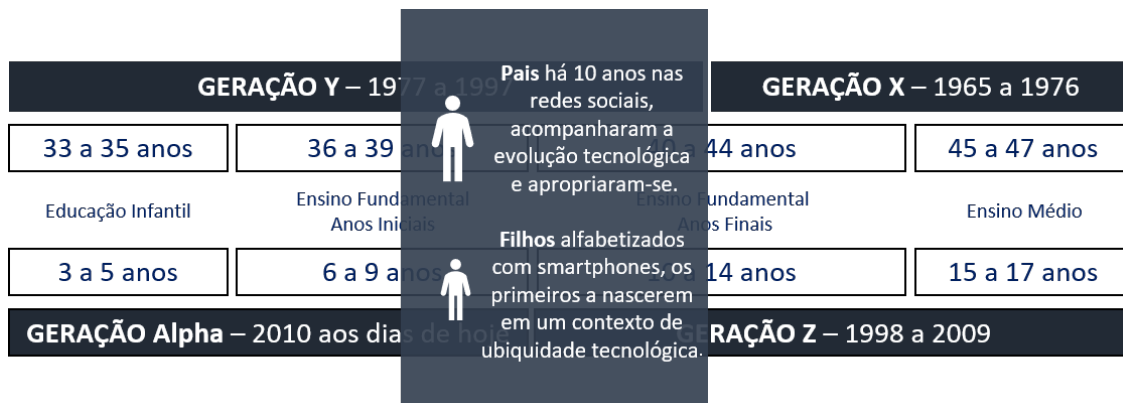
O *YouTube* já era referência em consumo de vídeos para seus pais e passa a ser para as crianças.

Os Anos Finais do Ensino Fundamental compreendem estudantes entre 11 e 14 anos, inseridos em um momento de transição para o Ensino Médio. Esta será a faixa etária escolhida para aprofundamento de pesquisa, pois, como pano de fundo, a tecnologia já estava disponível e fazia parte do contexto cultural desta geração desde que foram alfabetizados. Puderam ter à disposição, nesta época da vida escolar, *iPhones* e *tablets* tanto em casa quanto na escola, por exemplo.

O bloco de estudantes que frequentam o Ensino Médio completa a figura. São jovens que possuem entre 15 e 17 anos, sendo o primeiro grupo a poder ter acesso à banda larga em suas casas, desde que nasceram e, ainda, chegaram aos 15 anos de idade utilizando aplicativos de transporte como *Uber* e novas formas de serviços bancários como o *Nubank*. Enquanto isso, seus pais, viram o surgimento do *Skype* como forma de contato e puderam utilizar um *BlackBerry* quando seus filhos nasceram. A popularização da internet banda larga e, posteriormente, dos *smartphones*, fez com que as pessoas entendessem a conexão não como algo momentâneo e limitado, mas como algo nativo, permanente e em plena simbiose.

Tendo em vista a figura desenvolvida, chama atenção a conexão entre as Gerações, especialmente ao identificar o primeiro grupo de estudantes que foi alfabetizado com a disponibilidade de *smartphones*, com seus pais que podem pertencer à Geração Y. Estes, acompanharam a evolução tecnológica e, provavelmente, já atuam em redes sociais há 10 anos. A figura abaixo identifica esse grupo.

Figura 2 – Conexão entre as gerações identifica grupo a ser pesquisado



Fonte: elaborado pelo autor (2019)

De acordo com Tapscott (2010, p. 91), os representantes da Geração Y nasceram na emergência da economia digital e têm como características o desejo pela liberdade, gosto pela customização, apreço pela investigação, busca por integridade e abertura ao decidir o que comprar e onde trabalhar. Querem entretenimento e diversão no trabalho, na educação e na vida social, precisam de velocidade e são inovadores. Visualizando o ano de 2020, tais elementos podem ser atribuídos a quem possui entre 23 e 43 anos.

Com essa faixa etária, a Geração Y convivia em sua infância e adolescência com poucos recursos digitais, sendo livros, quadrinhos, cinema, rádio e televisão os elementos que compunham o ecossistema da época. Segundo Livingstone (2011) esses meios, mesmo que os pais não tivessem familiaridade com os conteúdos específicos que seus filhos se interessavam, poderiam ter acesso e entender o que as crianças estavam fazendo. Essa dificuldade, os pais Geração Y encontram ao mediar e acompanhar as interfaces digitais utilizadas pelos seus filhos atualmente.

A mobilidade é outra característica ligada ao consumo deste grupo. Acompanharam a ascensão da Internet e, conseqüentemente, das redes sociais digitais, que permitiram a ampliação do contato com amigos próximos e distantes, bem como o rompimento das barreiras geográficas. “Eles acordam juntos, trabalham juntos, comem juntos e vão para a cama juntos, embora vivam a quilômetros de distância uns dos outros e talvez só se vejam pessoalmente poucas vezes por mês” (JENKINS, 2009, p. 44-45).

Seus filhos, Geração Z, nasceram em um contexto no qual a tecnologia digital já estava disponível, formando o primeiro grupo com a possibilidade de acesso à banda larga em suas casas e *smartphones* desde a infância. Uma geração totalmente ubíqua, que nasceu com amplo acesso à tecnologia, conectividade e mobilidade, ainda mais do que seus pais.

Crescidos entre *notebooks*, *smartphones* e *tablets*, tendo a tecnologia como parte integral de suas vidas, acessam à Internet, produzem e consomem informação e conteúdos digitais, expõem-se e observam os outros de uma forma diferente dos demais. Para eles, o papel foi substituído por telas eletrônicas em muitas atividades diárias e o mundo está a apenas um toque de distância (PRENSKY, 2001).

Outros pesquisadores que se dedicaram a avaliar o impacto da tecnologia na vida dos jovens foram John Palfrey e Urs Gasser (2011), cuja publicação *Nascidos*

*na Era Digital: entendendo a primeira geração de Nativos Digitais* traz importantes contribuições para ampliar o debate sobre os comportamentos dos adolescentes na era digital. Segundo Palfrey e Gasser (2011), eles substituíram a leitura dos jornais por blogs, consomem música *online*, por vezes ilegalmente, enviam mensagens ao invés de telefonarem. Os autores publicaram suas conclusões há quase uma década, período em que esses elementos ganharam novas possibilidades, como o *WhatsApp* e os serviços de *streamings* de música, por exemplo. “Os principais aspectos de suas vidas – interações sociais, amizades, atividades cívicas – são mediados pelas tecnologias digitais. E não conheceram nenhum modo de vida diferente” (PALFREY; GASSER, 2011, p.12).

Crescer nesse ecossistema teve um impacto no modo como esta geração pensa, mudando até mesmo a maneira como seus cérebros são conectados (TAPSCOTT, 2009, p. 10). Mesmo que essa imersão digital imponha desafios relevantes aos jovens - como gerenciar grandes quantidades de informações recebidas ou garantir o equilíbrio entre os mundos digital e físico - sua imersão não os prejudicou. De acordo com Tapscott, foi positiva. “A geração é mais tolerante com a diversidade racial e é mais inteligente e mais rápida do que seus predecessores. Esses jovens estão reformulando todas as instituições da vida moderna, desde o local de trabalho até o mercado, da política à educação e até a estrutura básica da família. (TAPSCOTT, 2009, p. 10,).

Ao mesmo tempo, Palfrey e Gasser (2011) alertam para o excesso de informações públicas que esse modo de viver a mídia implicou para essa geração. Eles nasceram digitais, seus pais tiveram acesso aos meios desde que nasceram e suas informações já estavam na rede desde os primeiros minutos de vida. “Em nenhum momento na história humana as informações sobre um jovem – sobre ninguém, aliás – estiveram mais livre e publicamente acessíveis a tantos outros” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 53).

Não podemos fazer muito com relação ao fato de que haverá uma grande quantidade de informações coletadas, em formato digital, sobre os nativos digitais. Essas informações estarão armazenadas em uma multiplicidade de lugares espalhados pelo mundo, e serão acessíveis a partir desses lugares. Esses fatos são as desvantagens que, como sociedades, estamos optando por aceitar como um preço a pagar pela facilidade de acesso proporcionada pelas tecnologias digitais. (PALFREY; GASSER, 2011, p. 66)

Tapscott (2009) também ressalta essa preocupação, pois, segundo ele, a Geração Y estaria cometendo um erro sério sem percebê-lo: “eles estão entregando suas informações pessoais nas redes sociais e em outros lugares e, ao fazê-lo, estão prejudicando sua privacidade futura” (TAPSCOTT, 2009, p. 7). Esse fenômeno, embora configure-se como uma marca da Geração Y, também pode ser identificado nas demais gerações que hoje convivem entre si e consomem dos mesmos dispositivos e recursos.

A crescente quantidade de dados disponibilizados pelos usuários para as empresas, de forma consciente ou não, sugerem uma pauta para outra análise, mas destaca-se aqui por ser um elemento característico das gerações analisadas. Por isso, o próximo bloco deste capítulo reúne informações produzidas nos últimos anos por institutos que acompanham de forma quantitativa o uso das tecnologias digitais por este público.

### 3.4 PANORAMA QUANTITATIVO

Para complementar a identificação dos traços das gerações analisadas, são apresentadas pesquisas quantitativas que observam o comportamento de diferentes públicos quanto ao consumo de tecnologia. Compreende-se que a produção científica destes institutos de pesquisa nacionais e internacionais, que lançam suas análises sobre o tema, são relevantes para compor a análise deste trabalho e ampliar a reflexão. Ainda, alinha-se ao que Shirky (2010) alerta para a fragilidade de estudos de gerações que não apresentam contextos, tais como: econômicos, sociais e culturais.

O consumo de Internet no Brasil e no mundo é apresentado pelo relatório<sup>2</sup> *We are Social e Hootsuite*, de 2019. No Brasil, a penetração da Internet alcança 70% da população, número bem acima da média global, que não chega a 57%. Destes, 85% dos brasileiros navegam diariamente na rede. Em horas dedicadas para tal consumo, o brasileiro supera em quase 50% a média global, chegando a 9h29min por dia na Internet.

Nas redes sociais, 81% dos brasileiros a partir dos 13 anos consideram-se atuantes. Trata-se de uma das maiores médias entre os países pesquisados. O

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2019-brazil>. Acesso em: 8 ago. 2019.



índice global nesse tópico é de 58%. A pesquisa revela ainda que o *WhatsApp* é o principal aplicativo de mensagens em 128 países, sendo o 3º mais baixado do mundo, ficando atrás do *Facebook* e do *Facebook Messenger*.

O *Pew Research Center*<sup>3</sup> identifica o comportamento de jovens entre 13 e 17 anos, relativo aos usos de tecnologias e redes sociais. Essa mesma pesquisa foi realizada tanto em 2018 quanto em 2015, tornando possível comparações entre os dados obtidos em períodos diferentes. De acordo com o instituto, 85% dos jovens dessa faixa etária dizem usar o *YouTube* (plataforma não mapeada no estudo de 2015); o *Instagram* aparece com 72% (52% diziam usar em 2015); o *Snapchat* aparece com 69% (41% diziam utilizar em 2015) e o *Twitter* com 32% (31% diziam utilizar em 2015).

A rede social líder da preferência entre jovens americanos, na pesquisa realizada em 2015, era o *Facebook*, com 71%. Os dados de 2018 indicam uma redução de 20 pontos percentuais, alcançando 51% e, com esse indicador, fica atrás do *YouTube*, do *Instagram* e do *Snapchat*. Essa foi a maior variação apontada pelo relatório, o que indica uma perda de popularidade do *Facebook* em relação a esse público. Para a realização da pesquisa, o instituto entrevistou 1058 pais americanos com filhos entre 13 e 17 anos, além de 743 adolescentes dessa faixa etária, entre 7 de março e 10 de abril de 2018.

Contribui com essa análise do público americano a pesquisa *Social Life: Teens Reveal Their Experiences*, realizada pela *Common Sense*, organização sem fins lucrativos que promove tecnologia segura para crianças, que ouviu 1141 jovens, entre 13 e 17 anos, nos Estados Unidos. Divulgada pela *BBC News Brasil*<sup>4</sup>, o relatório indica que, em 2012, quando a pesquisa foi realizada pela primeira vez, o *Facebook* era apontado como a principal rede social por 68% dos jovens, enquanto em 2018, apenas 15% responderam da mesma forma.

A correlação desses dados com jovens brasileiros pode ser feita a partir do estudo *Digital in 2018: world's internet users pass the 4 billion mark*<sup>5</sup>, realizado por *We Are Social*. De acordo com o relatório, o número de brasileiros com acesso à Internet é de 139,1 milhões. Estes, dedicam, em média, 9h14min diariamente, em

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.pewinternet.org/2018/05/31/teens-social-media-technology-2018> . Acesso em: 14 ago. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-45470711>. Acesso em: 14 ago. 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 14 ago. 2019.

diferentes dispositivos. Em redes sociais, o tempo de consumo diário do brasileiro é de 3h39min. Nesse cenário de disponibilidade de acessos, o *YouTube* é a plataforma com maior número de usuários (60%), sendo o *Facebook* o segundo (59%). A pesquisa revela ainda os aplicativos mais baixados pelos usuários brasileiros. Dos cinco mais adquiridos, quatro são de interação social: *WhatsApp*, *Facebook*, *Facebook Messenger* e *Instagram*.

Os três relatórios quantitativos apresentados, *We Are Social* (2018), *Common Sense* (2018) e *Pew Research Center* (2018), indicam a crescente utilização de redes sociais e, ao mesmo tempo, uma redução da preferência pelo *Facebook*, aparecendo na liderança o *YouTube* como plataforma mais utilizada.

Já a *Viacom Global Insights*<sup>6</sup>, ouviu 6.500 mães, pais, avós e irmãos de crianças entre 3 e 5 anos, em 12 países, na pesquisa *Little Big Kids*. Embora a faixa etária seja inferior à analisada neste projeto de dissertação, os dados obtidos podem ser compreendidos como insumo para análise comparativa e como inspiração metodológica. O trabalho foi conduzido a partir de diários digitais, pesquisas *online* e etnografias.

Como resultado, percebeu-se que 62% dos pais brasileiros desejam que seus filhos estejam atualizados com as últimas tecnologias disponíveis e, por isso, constata-se que a maioria das crianças (69%) possui acesso a um *tablet*, dedicando cerca de 1,5 horas por dia no dispositivo. Para além dos *tablets*, crianças da faixa etária pesquisada passam 42 horas por semana em frente a diferentes telas. Esse índice é 50% superior à média global, que é de 28 horas. Segundo a pesquisa, os pais acreditam que a tecnologia causa impacto positivo no desenvolvimento dos seus filhos e, por isso, ampliam o acesso a ela. Quanto ao conteúdo, para 49% dos pais brasileiros, seus filhos usam o *tablet* para consumir materiais educativos, especialmente no *YouTube*, apontado como ferramenta de ensino para 66%.

Outro tópico revelado pela Viacom indica a possibilidade de os pais utilizarem a tecnologia como forma de manter seus filhos dentro de casa, em um ambiente controlado e seguro. Tal afirmação tem como pressuposto o fato de que a criança brasileira passa 161% mais tempo em frente a telas do que na rua. Este número é três vezes maior do que a média global.

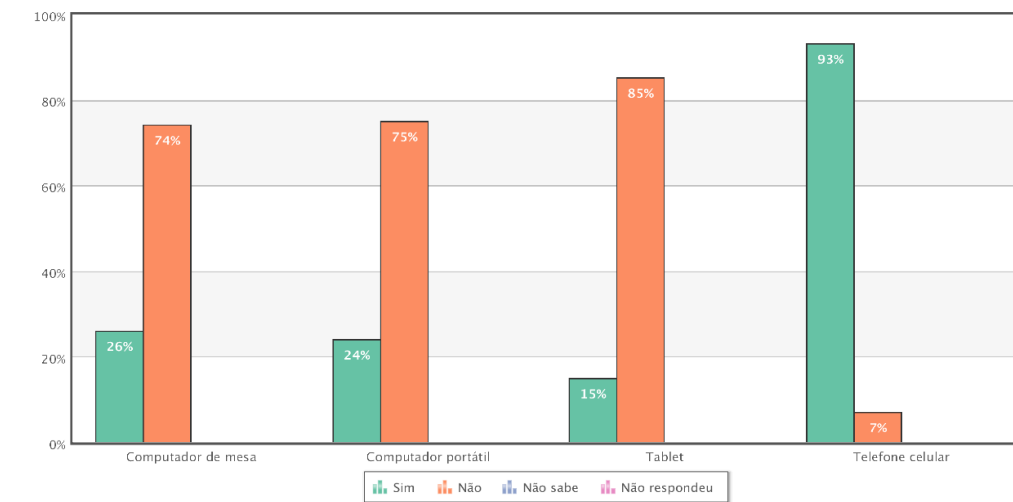
---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://insights.viacom.com/pt-br/post/no-brasil-os-pais-se-preocupam-com-a-seguranca-e-confiam-na-tecnologia/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Um estudo divulgado pelo *YouTube*<sup>7</sup>, realizado pelo *Kantar Ibope Choice*, aponta que 74% das casas com crianças entre 4 e 11 anos, já possuem acesso à Internet e 81% conectam-se, ao menos, uma vez por dia. Para essa faixa etária, a utilização da internet também acontece na casa de amigos (60%), em trânsito (49%) e na escola (38%). A pesquisa indica também a idade média em que as crianças estão acessando a Internet pela primeira vez, sendo 52% até os 10 anos. Entretanto, nas famílias com renda superior a três salários mínimos, essa idade cai para até os 9 anos.

Os dados divulgados pela *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2018*, desenvolvido pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, mostram que, em 2018, 93% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos eram usuários de internet. Para acessarem a rede, 93% destas crianças e adolescentes utilizaram o telefone celular. Outros recursos como computador de mesa (26% acessam Internet), computador portátil (24% acessam Internet) e *tablet* (15% acessam Internet) confirmam a predominância de acessos feitos pelo celular.

Gráfico 1 – Dispositivos utilizados por crianças e adolescentes para acessar a Internet



Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos

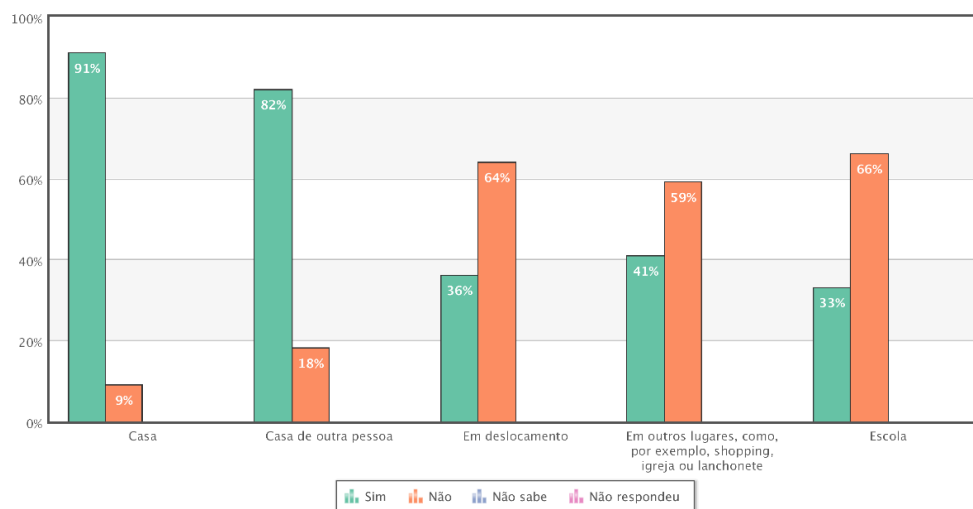
Fonte: TIC Kids Online Brasil (2018)

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/youtube-kids-um-ano-de-divers%C3%A3o-para-os-pequenos/>. Acesso em: 24 jun. 2018.

No caso de computadores, 84% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos, das classes A e B, utilizaram o dispositivo para acessar a internet, enquanto nas classes D e E essa proporção foi de apenas 29%. No caso da televisão, 49% dos usuários das classes A e B utilizaram esse equipamento para se conectar à internet e apenas 8% das classes D e E tiveram essa oportunidade.

Para acessar a internet, a conexão utilizada é predominantemente a *wi-fi*. Dos entrevistados, 86% acessaram a Internet por rede sem fio, já 45% disseram ter acessado por conexão 3G ou 4G. Esse indicador de conexão está relacionado com outro elemento analisado pela pesquisa, que diz respeito ao local de acesso à Internet. 91% responde acessar em casa e 82% na casa de outra pessoa. Os acessos em deslocamento (necessidade de conexão 3G ou 4G) representam 36%.

Gráfico 2 – Local de acesso à Internet por crianças e adolescentes



Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos

Fonte: TIC Kids Online Brasil (2018)

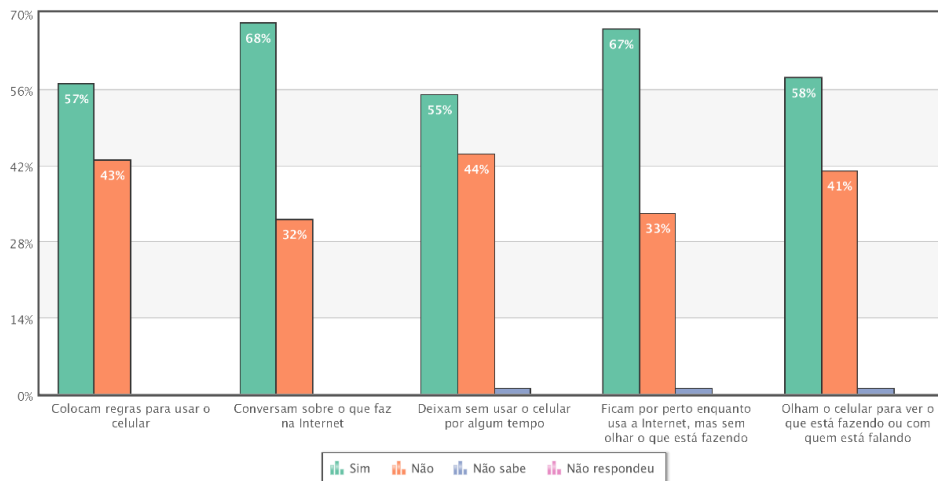
As atividades realizadas em Redes Sociais Digitais também foram questionadas. 82% dos usuários entre 9 e 17 anos dizem possuir perfil em redes sociais digitais. Os principais usos têm relação com envio de mensagens instantâneas (77%). A rede mais utilizada é o *WhatsApp* (70%), seguido pelo *Facebook* (66%).

Além disso, 70% dos usuários de Internet, de 11 a 17 anos, responderam que sabem muitas coisas sobre como usar a rede e 73% que sabem mais do que os seus pais. Essa relação entre pais e filhos também foi analisada sob a perspectiva do conhecimento que os pais possuem sobre as atividades realizadas

pelas crianças e adolescentes na Internet. Na visão dos filhos, 51% dos seus pais conhecem muito do que eles fazem, 40% mais ou menos e 8% não conhece nada. Já os dados de 2012, mostram uma realidade diferente, os filhos percebiam menos o acompanhamento dos pais, sendo que 38% responderam que os pais possuíam conhecimento das atividades na rede, 10% nada e 17% um pouco.

A principal forma que os pais orientam os filhos, na perspectiva das crianças e jovens é por meio de conversas (68%) e estar próximo quando usam a Internet, mesmo sem olhar o que estão fazendo (67%). Outras formas utilizadas incluem a restrição do uso de celulares, estabelecimento de regras e observar o que os filhos estão fazendo na rede.

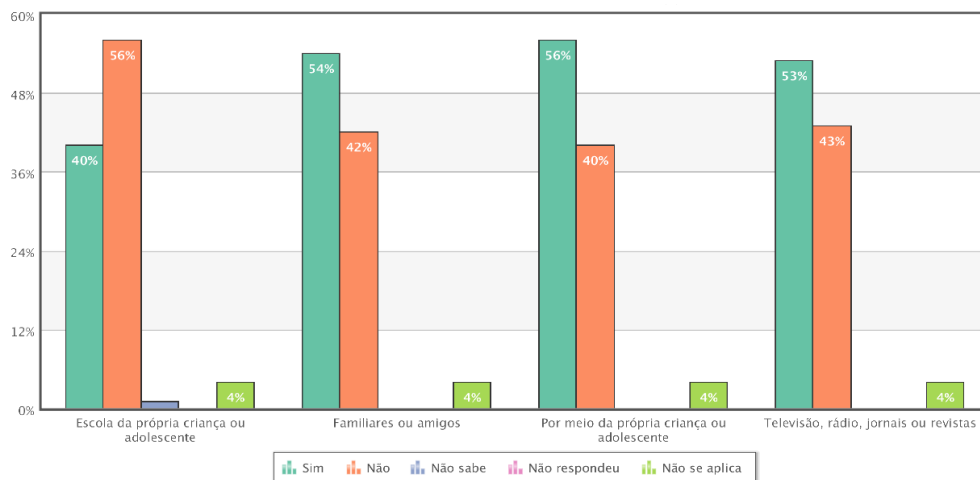
Gráfico 3 – Orientação recebida dos seus pais ou responsáveis para uso da Internet por crianças e adolescentes



Fonte: TIC Kids Online Brasil (2018)

Outra informação coletada pela pesquisa diz respeito às fontes utilizadas pelos pais ou responsáveis para obtenção de informações sobre o uso seguro da internet. Na percepção dos filhos, as principais fontes são as próprias crianças e adolescentes (56%), superando a escola (40%), ficando muito próximo percentualmente de familiares e dos meios de comunicação como televisão, rádio, jornais ou revistas.

Gráfico 4 – Fontes utilizadas pelos seus pais ou responsáveis para obtenção de informações sobre o uso de Internet



Fonte: TIC Kids Online Brasil (2018)

As desigualdades no acesso à rede também foram observadas para variáveis socioeconômicas. Crianças e adolescentes das classes A e B (98%) e C (93%) eram, quase em sua totalidade, usuários de Internet. Já entre as classes D e E, a proporção foi de sete em cada 10 crianças e adolescentes. Quanto maior a escolaridade dos pais, maiores são as chances de os jovens serem usuários de Internet. Em 2017, 93% das crianças e adolescentes, de 9 a 17 anos, cujos pais ou responsáveis tinham Ensino Médio ou Ensino Superior, eram usuários da rede. Já entre aqueles que os pais cursaram até o Ensino Fundamental, a proporção foi de 76%.

A exclusão digital também foi mapeada, sendo realidade para 8% das crianças e adolescentes que possuem entre 9 e 17 anos. Estes, nunca haviam acessado a rede, o que equivale a 2,2 milhões de brasileiros. Em 2017, a maior parte das crianças e adolescentes excluídos digitalmente eram de classes D e E (2 milhões de pessoas), residentes de áreas rurais (1,3 milhão) e da região Nordeste (1,2 milhão). Fazem parte de um grupo invisível dentro do estereótipo do jovem hiperconectado. As entrevistas apresentadas posteriormente trazem o retrato de um grupo privilegiado, com disponibilidade de conexão diária com a Internet e seus momentos de exclusão digital são pontuais, provocados pela restrição dos pais ou ausência de *wi-fi* em alguns espaços.

Essa intersecção entre a Geração Y e a Z, numa relação entre pais e filhos, foi aprofundada neste capítulo. Tapscott (1999) é referência para o estudo geracional, quando aponta as características dos *Millenials* (Y) e dos *Next* (Z).

Shirky (2010) faz uma ressalva quanto às categorizações que levam em conta somente o ano de nascimento e desconsideram o contexto social e as oportunidades que tiveram. Essas características foram consideradas na construção metodológica da pesquisa e análise.

Uma das construções apresentadas é a Figura 2, que apresenta as diferentes gerações inseridas no contexto e organização de uma escola. Foi a partir da elaboração deste quadro que se identificou a relação entre os pais Y e os filhos Z, que puderam ser alfabetizados com a disponibilidade de *smartphones*.

São os primeiros a chegar nesse momento histórico, por isso, foram escolhidos para análise, que incluiu dados quantitativos produzidos por institutos de pesquisa nacionais e internacionais. Essa combinação de fatores molda a forma como consomem tecnologia no dia a dia e a maneira como pais e filhos interagem nesse sentido. O próximo capítulo vislumbra esses sujeitos em situações de consumo, os riscos, as oportunidades e como os pais estão atuando na mediação desse processo.

## 4 CONSUMO E INFLUÊNCIAS

*Até mesmo Sócrates supostamente advertiu sobre os perigos do alfabeto e da escrita, citando implicações para a memória e para a capacidade de transmitir a verdade. Esses medos agora são pequenos, mas quando as novas tecnologias ou gêneros de mídia apareceram pela primeira vez, foram levados muito a sério". (BOYD, 2014, p. 28 e 29)*

As Gerações Y e Z estão intrinsicamente ligadas pela disponibilidade de tecnologia em seu cotidiano. Em um contexto de ubiquidade e plena conexão, este capítulo insere esses grupos em situações de consumo, aliando a descrição contextual do ambiente comunicacional e tecnológico (Cap. 2) e das suas características (Cap. 3). Enquanto observa-se os nativos e imigrantes digitais (TAPSCOTT, 2009, PRENSKY, 2010), são identificados os potenciais e os riscos dos seus envolvimento com as tecnologias e as influências de um sobre o outro.

Para o desenvolvimento deste trabalho, o consumo de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) é analisado a partir dos relatos e vínculos estabelecidos pelos seus usuários. Será reconhecida a importância destes aparatos digitais dentro do contexto social de cada família, visando compreender como essa amostra de Porto Alegre relaciona-se e consome esses meios.

Neste caso, não se trata de teorizar sobre o consumo numa perspectiva comercial ou tecnicista, mas dos usos e apropriações sociais. Por exemplo, não será observada a marca ou o modelo do celular utilizado pelos entrevistados, e sim, as práticas que permeiam o aparelho e os impactos nas suas vidas. Nesse sentido, o celular não é visto como um fim, mas um meio, uma interface.

Ao observar os hábitos das famílias, busca-se reconhecer as influências e interferências que uma geração causa na outra. A partir disso, conceitos de mediação parental são discutidos, bem como os impactos que as tecnologias causam no comportamento de pais e filhos. Antes de chegar a esses tópicos, será esclarecida a forma como a pesquisa compreende o consumo.

### 4.1 AFINAL, DE QUE CONSUMO ESTAMOS FALANDO?

Iniciar esse tópico com uma pergunta tem relação com a variedade de abordagens relacionadas ao tema, especialmente nas Ciências Sociais. Pontuar



como esta pesquisa compreende o consumo faz-se necessário para a posterior condução da análise e garantia da coerência teórica, pois o consumo aparece desde o título deste trabalho: *Famílias conectadas: um estudo do consumo de tecnologia das Gerações Y e Z em Porto Alegre*.

Questionamentos sobre a definição do conceito de consumo aparecem na obra de Canclini (1999), em *Consumidores e Cidadãos*, quando pontua a existência de teorias econômicas, sociológicas, psicanalíticas, psicossociais e antropológicas sobre o que é e como ocorre o consumo. Cita a presença de teorias literárias sobre a recepção e teorias estéticas sobre o valor das obras artísticas. Tudo é consumo, no entanto, “não existe uma teoria sociocultural do consumo” (CANCLINI, 1999, p. 76). Sua proposta foi assinalar os pontos de convergência entre as linhas a fim de conceituar consumo de forma a serem incluídos os processos de comunicação e recepção de bens simbólicos. Esse é o ponto de alinhamento com este trabalho, a forma como esse conceito é compreendido.

Dentre as proposições teóricas existentes no campo da Comunicação, será apresentada a do Consumo Cultural. O autor define consumo como o conjunto de processos socioculturais no qual se realizam a apropriação e o uso dos produtos (CANCLINI, 1999, p. 77). Para sua análise, sistematiza seis propostas, a partir do pensamento sociológico e antropológico, que deveriam ser consideradas para a conceitualização e análise do consumo. São elas: 1) reprodução da força de trabalho e expansão do capital; 2) cenário de disputas pela apropriação dos bens produzidos; 3) diferenciação social e distinção simbólica entre classes; 4) sistema de integração e comunicação entre as classes; 5) manifestação dos desejos individuais e grupais; 6) processo ritual que consiste em dar sentido à ordem social.

Sendo assim, ao se definir o que é consumido, também se define o que é considerado importante cultural e socialmente, permitindo processos de integração ou diferenciação social. “Consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo” (CANCLINI, 1999, p. 78). Pode-se concluir, nessa perspectiva, que o consumo se constitui em espaço de encontro e de comunicação.

O consumo, considerado uma das principais características da cultura de massa, também é um valor relevante entre adolescentes e jovens. Conforme Martín-Barbero (1997, p. 290), trata-se tanto de uma reprodução de forças quanto de uma produção de sentidos, incluindo a posse de objetos até os usos que atribuem forma

social ao consumo. Tais usos, por sua vez, tornam possível identificar demandas e dispositivos de ação de variadas competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Outro viés tem relação com o consumo midiático, compreendido como um aspecto específico do consumo cultural como propõe Canclini (1993), destacando a relação mais ampla com os meios de comunicação, diferenciando-o dos estudos de recepção. Tendo em vista esse aspecto e os objetivos que se pretendem alcançar, o consumo abordado nesta dissertação não tem relação com a aquisição de produtos, mas com o conjunto de práticas sociais e culturais dos sujeitos e suas relações.

Segundo a pesquisadora Gisela Castro (2014), nesse consumo cultural, as pessoas criam identificações, constroem identidades e reconhecem-se num sentido social. “Quando consumimos, não estamos apenas admirando, adquirindo ou utilizando determinado produto ou serviço. Estamos comunicando algo e criando relações com tudo e todos os que estão à nossa volta” (CASTRO, 2014, p. 60). Portanto, a autora entende que o consumo é um campo plural e que hoje não seria correto falar em cultura, mas em culturas do consumo.

Retomando a relação com o jovem, busca-se na obra de Martín-Barbero algumas possibilidades. Embora não tenha se dedicado ao estudo de crianças e jovens, incluiu esse público em alguns de seus trabalhos e apresenta sua visão de como eles estão reconfigurando o ecossistema de comunicação, diante da grande transformação da sociedade contemporânea, onde se tornam protagonistas. Assim, analisa o consumo juvenil, relacionando identidades e sociabilidades com outras variáveis. Martín-Barbero (2017) não desvincula o mundo do consumo do mundo social, porém, ao abordar o consumo juvenil, especialmente consumo cultural e da mídia, enquadra a discussão no campo da cultura e das relações sociais.

No entendimento do pesquisador, o consumo de mídia desempenha um papel importante na reconfiguração de identidades em geral, principalmente em jovens. Isso acontece, segundo Martín-Barbero (2017), porque, na América Latina, seu campo de pesquisa, os jovens experimentam um enfraquecimento de três dimensões importantes que constituem a identidade: a família, o trabalho e política. Além disso, esse grupo social estaria mais exposto a discursos da mídia, não porque a mídia tem mais força, mas pela intensidade com que os jovens se relacionam com ela.

Martín-Barbero não superestima a tecnologia quando fala em comportamento dos jovens. Por um lado, porque trata de uma questão de usos, por outro, reconhece que os jovens têm seu próprio mundo.

Um mundo técnico que veio a perturbar as próprias condições do que Marx chamaria de "produção social", essa é a produção que diz respeito não apenas ao mundo dos objetos, mas também aos sujeitos e ao vínculo social que os une. Enquanto a tecnologia, que durante séculos foi considerada um mero instrumento, se tornou uma razão e uma dimensão constitutiva das mudanças socioculturais. (MARTÍN-BARBERO, s/p, 2017)

Não obstante, o autor compreende que, mais do que um conjunto de novos dispositivos, a comunicação hoje designa novas formas de perceber, sentir e se relacionar com o tempo e com o espaço. Trata-se de novas maneiras de reconhecer e reunir o que os adultos tendem a desvalorizar, julgando que as mudanças dos jovens são, como sempre foram, "uma febre passageira". Em sua obra, Martín-Barbero cita Mead, ao analisar o jovem na década de 1970, numa perspectiva contemporânea. Tanto Mead quanto Martín-Barbero questionam se há algo realmente novo na juventude.

Nossos pensamentos ainda nos ligam ao passado, para o mundo, tal como existia no momento da nossa infância e juventude, nascido e criado antes da revolução eletrônica, a maioria de nós não entende o que isso significa. Os jovens da nova geração, no entanto, se assemelham a membros primeira geração nascida em um país novo. Devemos aprender juntos com os jovens como dar próximos passos; mas ao fazê-lo, temos de mudar o futuro. (MEAD, 1971, apud MARTÍN-BARBERO, 2017)

Esse contraponto entre passado e futuro marca a convivência entre as Gerações Y e Z, que tiveram disponibilidades de tecnologia diferentes desde que nasceram. Enquanto os primeiros acompanharam a evolução dos meios e viveram boa parte das suas vidas sem conexão com a Internet, a Geração Z teve a possibilidade de nascer com um contexto diferente, de plena conexão. Essa perspectiva leva em consideração o que cada um teve à disposição desde o seu nascimento, trazendo outras denominações como nativos e imigrantes digitais.

#### 4.2 QUEM SÃO OS NATIVOS E OS IMIGRANTES DIGITAIS?

Categorizar públicos e atribuir terminologias a eles é uma constante na ciência. Até então, optou-se por abordar a perspectiva das Gerações, que considera a época de nascimento de cada um. Porém, a relação entre crianças, jovens e

adultos com as tecnologias resulta em novas terminologias: nativos e imigrantes digitais. Prensky (2010) foi um dos primeiros a cunhar esses termos, afirmando que atualmente a tecnologia digital é parte integrante do cotidiano das crianças desde o seu nascimento. A essa geração ele chama de nativos digitais, enquanto os pais são denominados imigrantes digitais, uma vez que nasceram em uma época mais analógica e ao longo de suas vidas puderam se adaptar às inovações tecnológicas.

Ao desenvolver seus estudos sobre os Nativos Digitais, Prensky (2001) apresenta algumas características que teriam transformado a sociedade e que já seriam irreversíveis. O autor estabelece a década de 1980 como marco divisor entre duas gerações, uma anterior à propagação das novas tecnologias e outra que já cresceu em um mundo tecnológico, utilizando o computador, os videogames e a Internet.

Eles [Nativos Digitais] passaram a vida inteira cercados por e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digital, câmera de vídeo, celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. [...] Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informação muito rápido. Eles gostam de realizar paralelamente processos e tarefas múltiplas. Eles preferem seus gráficos antes de seus textos mais do que o oposto. Eles preferem acessos aleatórios - como hipertexto (PRENSKY, 2001, p. 2).

A mesma perspectiva é encontrada em Tapscott (2009), ao indicar que uma das características definidoras desta geração é o fato de ser a primeira a ter crescido em um mundo digital, cercada por mídias digitais. Ao comparar a Geração *Net* com os *Baby Boomers* e as anteriores, o autor cita que “as crianças de hoje estão tão mergulhadas em *bits* que elas acreditam ser tudo parte de uma paisagem natural” (TAPSCOTT, 2009, p. 2). O pesquisador pontua que a mudança para um cenário global – favorecido pela Internet - tornou esse público mais inteligente, mais rápido e mais tolerante à diversidade que os seus predecessores.

Apesar dos questionamentos, os termos Nativos Digitais, elaborado por Prensky (2001) e Geração *Net*, de Tapscott (1997 e 2009), apresentam contribuições para o recorte de faixa etária analisado com profundidade neste trabalho.

Segundo Buckingham (2007, p. 71), as pessoas costumam projetar a imagem de que as crianças são “possuidoras de uma criatividade natural e espontânea que seria (talvez paradoxalmente) liberada pela máquina; ao mesmo tempo que elas são vistas como vulneráveis, inocentes”. Porém, elas precisam de

orientação sobre os danos que os dispositivos digitais podem causar nas suas vidas.

Ainda, para Buckingham (2011), os usos das crianças consideradas nativos digitais estão mais voltados para a comunicação, assim como nos hábitos dos adultos. Portanto, pode-se afirmar que as crianças consomem as mesmas redes sociais digitais que os adultos, assistem aos vídeos no *YouTube* e tiram *selfies*. Aqui, o termo nativos e imigrantes deve ser ponderado.

Nascer com disponibilidade tecnológica não significa dominá-la plenamente, faz-se necessário um processo contínuo de aprendizagem. Seguindo esse raciocínio, Boyd (2014) ressalta que ao dizer que a juventude é nativamente digital, promove-se um retrato impreciso do acesso à tecnologia, como se todos os jovens estivessem prontos para a era digital, e ignora o privilégio que é ter tamanha intimidade com as novas tecnologias.

Considerar uma criança ou um pré-adolescente pronto para o atual momento tecnológico é um risco e desconsidera características próprias desta etapa da vida, permeada pela educação que acontece dentro e fora das escolas. “Na Internet, as crianças têm de procurar informações, em vez de simplesmente observá-las. Isso as obriga a desenvolver seu raciocínio e habilidades investigativas. E muito mais – elas precisam se tornar críticas.” (TAPSCOTT, 2010, p. 33).

No entanto, na contramão da aquisição de competências e educação para as mídias digitais, Palfrey e Gasser (2011) indicam a habilidade, quase intuitiva, desses nativos em avaliar notícias e outras formas culturais, assim como estabelecer rotinas para navegar na mídia digital e escolher entre as possibilidades que ela oferece. Uma necessidade, segundo os autores, que está desafiando as demais gerações e é indispensável aos nativos.

Os nativos digitais estão constantemente conectados. Eles têm muitos amigos, tanto no espaço real quanto nos mundos virtuais – uma coleção crescente de amigos que eles computam, para o resto do mundo ver, em seus sites de contato social *online*. Mesmo enquanto dormem, - conexões são realizadas *online* e ficam arquivadas para eles as encontrarem a cada novo dia quando despertam. Às vezes, estas conexões são com as pessoas que os Nativos Digitais jamais teriam a chance de conhecer no mundo *offline*. Através dos sites de contato social, os Nativos Digitais se conectam, conversam pelo *Messenger* e trocam fotos com amigos do mundo todo. Eles podem também colaborar criativa ou politicamente de maneira que teria sido impossível 30 anos atrás. (PALFREY; GASSER, 2011, p. 14-15).

Livingstone (2011, p. 12) alerta que “a criança que maneja a tela nos parece tão habilidosa que podemos concluir confortavelmente que já sabe tudo o que precisa”, leva o segundo grupo, de imigrantes digitais, a ter a tendência de observar, com ênfase, as consequências relativas ao contato com conteúdos que podem a submeter a riscos *online* e *offline*.

Essa geração aprendeu acessar, selecionar e categorizar as informações, ao mesmo tempo em que transforma a Internet “de um lugar no qual você encontra informações em um lugar no qual você compartilha informações, colabora em projetos de interesse mútuo e cria novas maneiras para resolver alguns de nossos problemas mais urgentes” (TAPSCOTT, 2010, p. 54). A grande quantidade de dados pode ser vista como uma sobrecarga com a qual elas poderiam não saber lidar, porém, Palfrey e Gasser (2011, p. 187) destacam que:

crianças que passam mais tempo *online* – os Nativos Digitais – têm uma probabilidade maior de estarem mais bem equipados para fazer julgamentos sobre a qualidade das informações [...] têm uma maior probabilidade de ter uma visão cética dos tipos de informações que extraem das fontes.

Palfrey e Gasser (2011) ressaltam que os nativos digitais, na maioria, são compostos por uma elite independente da sociedade, formando uma cultura global pela maneira como se relacionam com as informações, com as novas tecnologias e com os demais indivíduos. Eles, a partir das conversas, das mensagens, dos perfis e do compartilhamento, transcendem fronteiras em nível global, ao mesmo tempo em que partilham costumes e valores regionais e locais. Ainda, “esses jovens não são consumidores passivos daquilo que a mídia apresenta, mas participantes ativos da criação de significado na sua cultura” (GASSER; PALFREY, 2011, p. 151), portanto, percebe-se uma cultura própria em nível individual.

Buckingham (2011) traz a ideia de que uma geração relacionada diretamente a uma tecnologia ou meio de comunicação não é algo novo. Ao retornar as análises para os anos de 1960, apresenta-se o termo geração da televisão, utilizado como um resumo para descrever as mudanças culturais e sociais da época. O problema dessa abordagem, para o autor, não são os nativos digitais, mas os mais velhos, os imigrantes digitais, que permanecem estabelecendo vínculos às mídias antigas e falham em acompanhar os novos tempos (BUCKINGHAM, 2011, p. 9).

Tais terminologias surgiram quando os adultos de países desenvolvidos perceberam que estavam perdidos quanto às tecnologias digitais, enquanto seus filhos respondiam da melhor forma. A diferença entre os Nativos e Imigrantes é de que os jovens convivem com os dispositivos desde o nascimento, convivem com naturalidade e cada vez com menos medo e receio (PRENSKY, 2011). Isto é, “tendo crescido com a tecnologia digital como brinquedos, os nativos digitais sentem-se muito mais à vontade com o seu uso do que a geração que não cresceu assim. Mas isso certamente não significa que eles sabem tudo, ou mesmo que querem saber tudo sobre a tecnologia digital” (PRENSKY, 2011, p. 17).

O que podemos afirmar é que existe uma tendência dos jovens à tecnologia e um grande uso, porém, isso não significa que suas habilidades sejam inerentes, como aponta Boyd (2014, p. 176). Nem todos os nascidos nesse período são Nativos Digitais e estão vivendo da mesma maneira.

Há um grande abismo de participação entre aqueles que são Nativos Digitais e aqueles que têm a mesma idade, mas que não estão aprendendo nem vivendo da mesma maneira. Há bilhões de pessoas no mundo para as quais os problemas que os Nativos Digitais estão enfrentando são meras abstrações. (PALFREY; GASSER, 2011, p. 24)

Outro aspecto considerado na obra, refere-se à qualidade da informação. Para as crianças, os processos de avaliação do que é considerado uma informação correta ou não, são ainda mais difíceis do que para os adultos, especialmente pelo fato de não terem suas habilidades cognitivas plenamente desenvolvidas e possuírem grau atenção mais curto do que os adultos. “Jovens enfrentam o desafio tendo menos experiências próprias com as quais podem comparar informações que estão avaliando” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 186). Segundo os autores, a internet está mudando a maneira com que as crianças coletam e processam informações em todos os aspectos de suas vidas.

Para os Nativos Digitais, “pesquisa”, muito provavelmente, significa uma busca no *Google* mais do que uma ida até a biblioteca. É mais provável que eles chequem as coisas com a comunidade da *Wikipédia* ou recorra a um amigo *online* antes de pedir ajuda a um bibliotecário de referência. Eles raramente, se é que alguma vez, compram jornal em papel; em vez disso, surfam por enormes quantidades de notícias e outras informações *online*. (PALFREY; GASSER, 2011, p. 269)

Boyd (2014) também traz essa reflexão. O fato de os adolescentes conviverem naturalmente com as mídias sociais, não significa que eles sejam fluentes com tecnologia ou efetivamente Nativos Digitais. A autora entrevistou

jovens que sabiam procurar assuntos no *Google*, entretanto, demonstraram dificuldade em obter informações de qualidade, com valor científico. Constata, ainda, o uso frequente do *Facebook*, mas o desconhecimento das configurações de privacidade da rede social. “Narrativas da mídia geralmente sugerem que as crianças de hoje em dia – aquelas que cresceram com tecnologia – estão equipados com novos superpoderes maravilhosos” (BOYD, 2014, p. 36). Na verdade, essa definição, por vezes, libera os pais de acompanharem e observarem os hábitos de seus filhos, deixando-os vulneráveis a novos perigos.

Conforme Palfrey e Gasser (2011, p. 63) pontuam, o mundo virtual passa a fazer parte da vida dessa geração, modificando a forma como localizam informações: “a pesquisa de qualquer tipo, significa, para a maioria dos Nativos Digitais, uma busca no *Google*. O *Google* tornou-se um modo de vida para esse grupo geracional, sendo considerado uma das principais fontes por crianças, adolescentes e pais (BOYD, 2014), e, muitas vezes, não tem sua confiabilidade questionada por eles. Nessa perspectiva, Strasburger, Wilson e Jordan (2011) afirmam que as crianças não são totalmente passivas e nem totalmente perspicazes em relação às mídias. Portanto, existe uma dicotomia entre esse “nativo digital” e a criança como não entendedora de todos os riscos de estar *online*.

A percepção dos adultos quanto ao vício dos adolescentes com as mídias sociais também é analisada. De acordo com Boyd, historicamente os adolescentes são entusiastas de novas tecnologias. Foi assim com a televisão e com o próprio telefone, que despertaram preocupações aos pais das gerações anteriores, quando os filhos ocupavam a linha telefônica por muito tempo ou passavam longos períodos em frente ao televisor de casa. Uma das justificativas para esse comportamento envolvendo tecnologias sociais é que “o entretenimento e a sociabilidade são as principais razões pelas quais os adolescentes investem tanta energia em suas atividades *online*” (BOYD, 2014, p. 93). Ao contrário do que acredita o senso comum, os adolescentes não são menos sociais quando estão envolvidos profundamente com as mídias sociais. Pelo contrário. Por isso, toda análise dos impactos das tecnologias nas suas vidas deve ser ponderada e contextualizada.



### 4.3 OS IMPACTOS DA TECNOLOGIA

Pais e filhos, sendo Nativos ou Imigrantes Digitais, convivem com a disponibilidade de tecnologia digital, independentemente dos dispositivos e meios de acesso que possuem. Culturalmente, o consumo destes elementos tem transformado a forma como se relacionam, passam o tempo livre e informam-se. A correlação e os impactos destes elementos na vida do jovem podem ser encontrados nos estudos de Danah Boyd, especialmente na obra *It's Complicated: the social lives of networked teens* (2014), um estudo que ouviu 166 jovens americanos entre 2005 e 2012.

Segundo Boyd, ao contrário da primeira geração a tomar contato com as redes sociais, nos anos 90, cuja intenção, em boa parte, era fugir do mundo real e do contexto em que viviam, os jovens participantes da sua pesquisa demonstram usar as redes sociais para entrar em contato com pessoas de sua comunidade, pessoas conhecidas, numa continuidade do que vivem na vida *offline*. Essa leitura, de não separação entre vida *online* e *offline* vai ao encontro de conceitos aqui elencados por outros autores como Shirky (2010) e Deuze (2011).

Boyd (2014, p. 21) revela ainda que “as interações mediadas dos adolescentes complementam ou suplantam, por vezes, os seus encontros face a face”. Mais do que isso, demonstram o quanto os adolescentes estão ali por motivações sociais, e não simplesmente pela tecnologia em si. Ainda, a autora desmistifica o conceito de jovens viciados em telefones ou computadores, pois, segundo ela, os jovens são viciados em seus grupos de amizade, mais do que na tecnologia em si. Em virtude disso, a mídia social tornou-se um importante espaço público onde os adolescentes podem reunir-se e socializar com os colegas informalmente. “Os adolescentes estão buscando um lugar próprio para dar sentido ao mundo além dos seus quartos. A mídia social permitiu que eles participassem e ajudassem a criar o que chamo de públicos em rede” (BOYD, 2014, p. 19). Em sua obra, relata inúmeras situações observadas, de jovens compartilhando o mesmo espaço, cada um usando seu *smartphone*, mas compartilhando o mesmo conteúdo, expandindo a experiência vivida no local.

A expressão mídia social, para a autora, traduz o conjunto de sites e serviços que suportam a interação social, tal como redes sociais, compartilhamento de vídeos, blogs, plataforma de troca de mensagens, entre outras. “Como um

fenômeno cultural, a mídia social reformulou a informação e o ecossistema de comunicação” (BOYD, 2014, p. 20), mesmo assim, para esta geração de crianças e pré-adolescentes, o engajamento com as mídias sociais é parte do cotidiano, semelhante a assistir televisão ou mesmo usar o telefone para realizar ligações, num paralelo com os hábitos das gerações anteriores.

Outros elementos apresentados pela pesquisadora estão relacionados com a necessidade de o jovem aprender a usar a mídia. “A retórica dos nativos digitais, longe de ser útil, constitui muitas vezes uma distração para se perceberem os desafios que os jovens enfrentam num mundo conectado” (BOYD, 2014, p. 123). Pessimista em relação aos efeitos da mídia na sociedade, sugere que no contexto em que temos menos intermediários controlando o fluxo de comunicação e mais conteúdos circulando, “a capacidade de questionar criticamente as informações ou as narrativas dos meios de comunicação social é cada vez mais importante” (BOYD, 2014, p. 212).

Boyd, a partir de suas metodologias, atribui protagonismo ao jovem como objeto de estudo. Insere esse sujeito em seu contexto de ubiquidade e conceitua aspectos ligados ao desenvolvimento de novas habilidades e competências. Assim como Deuze, entende que nem todos vivem a mídia ou suas implicações da mesma forma. E, ainda, que para além da tecnologia, faz-se necessário analisar o comportamento, os novos e os velhos hábitos relacionados ao consumo destas mídias.

Craig Watkins (2009) desenvolveu a obra *The Young and the Digital*, baseada em entrevistas de campo e pesquisas com estudantes universitários. A origem do estudo foi uma iniciativa da Fundação MacArthur sobre Juventude, Mídia Digital e Aprendizagem. Um grupo de pesquisa, com especialistas em tecnologia de diferentes países, analisou como esse público interage e aprende com as mídias sociais e redes. Contextualizando sua época, o *Facebook* estava consolidando-se e o *YouTube* passava a fazer parte do dia a dia. A troca mensagens na época era feito por SMS.

Segundo o autor, os celulares aumentaram a conectividade do adolescente a um nível totalmente novo (WATKINS, 2009, p. 57). Watkins lança seu estudo anos antes da popularização do *WhatsApp*, mas já percebia o potencial da comunicação via mensagens trocadas pelos celulares. “As evidências sugerem que os jovens estejam usando tecnologias de comunicação para facilitar as interações face a face

em uma mistura dinâmica de lugares informais” (WATKINS, 2009, p. 60). A separação entre *online* e *offline* é cada vez menor e feita somente pelos mais velhos. Crianças e jovens não percebem a distinção.

Pesquisadora do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Sherry Turkle tem, desde 1995, ano da popularização da internet, acompanhado os efeitos da digitalização no comportamento humano. Em sua obra, *Alone Together* (2011), apresenta resultados de observações com jovens, suas relações e comportamentos com a tecnologia. Frisa que os jovens esperam mais da tecnologia e menos uns dos outros e de si próprios, quando assinala a dependência do uso de celular, que canaliza os espaços de fala.

Nas empresas, entre amigos, e dentro dos departamentos acadêmicos, as pessoas admitem prontamente que elas prefeririam deixar um *voicemail* ou enviar um *e-mail* ao invés de falar pessoalmente. Alguns dos que dizem “Eu vivo minha vida no *BlackBerry*” também tentam evitar o comprometimento de uma ligação em tempo real. As novas tecnologias nos permitem determinar a natureza e a extensão do contato humano. (TURKLE, 2011, p. 10)

Destaca-se que as percepções de Turkle, em 2011, apontam para a geração dos pais que hoje possuem filhos em idade escolar. Em entrevista ao *The Guardian* (2015), a autora discute os efeitos deste fenômeno nas crianças de hoje, percebidas como uma geração que possui menor grau de empatia e interações cada vez mais distraídas. Ao mesmo tempo, relata uma Geração Z que deseja uma outra relação com a tecnologia, na busca por momentos de desconexão.

As crianças estão recebendo celulares cada vez mais cedo. São épocas em que elas precisam desenvolver a capacidade de ficarem sozinhas. Se você não consegue ficar isolado, você estará sempre sozinho, e a minha preocupação é de que as crianças conectadas nunca terão aquela sensação de estarem bem consigo mesmas; converso com acadêmicos que cresceram com o hábito de estarem sempre em contato com seus pais, cinco, dez, quinze vezes por dia. (TURKLE, 2011, p. 58)

Turkle também retrata as relações entre pais que criticam ou preocupam-se com a dificuldade em estabelecer diálogos com os filhos. Crianças que cresceram vendo seus pais utilizando celulares o tempo todo, desde quando nasceram e foram amamentados com a mãe segurando um *smartphone*. As telas são elementos naturais para eles, as conversas mediadas por dispositivos tecnológicos também. Ainda, segundo Turkle (2015), é possível educar essa geração para o diálogo face a face, a partir da importância que ela atribui a esse tipo de conversação. Para além

da forma como os diálogos são estabelecidos, este estudo pretende observar a forma como as diferentes gerações consomem conteúdo: convergente e ubíquo.

A autora amplia seus estudos sobre a forma como a sociedade tem estabelecido diálogos. Em sua obra, *Reclaiming Conversation: The power of talk in a Digital Age* (2015), realiza uma série de entrevistas e percebe as dificuldades em estabelecer conversas face a face tanto com jovens quanto com adultos. Ressalta que sem esse tipo de diálogo “somos menos empáticos, menos conectados, menos criativos e realizados” (TURKLE, 2015, p. 18).

Esse tensionamento entre gerações encontra na produção de Palfrey e Gasser (2011), outros elementos. Desenvolvida por meio de pesquisas e entrevistas com estudantes que nasceram depois de 1980, denominados pelos autores como Nativos Digitais, “por terem habilidades extraordinárias quanto ao uso de tecnologias” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 22). A proposta dos autores foi conhecer em profundidade a maneira como os jovens se relacionam com a informação e entre si.

Uma das conclusões não é inédita e corrobora com outros pesquisadores: “ao contrário de muitos Imigrantes Digitais, os Nativos Digitais passam grande parte da vida *online*, sem distinguir entre o *online* e o *offline*. (...) não conheceram nada além de uma vida conectada ao outro e ao mundo dos *bits* dessa maneira” (PALFREY; GASSER, 2011, p.14). Sendo assim, a relação das crianças e pré-adolescentes com seus pais tende a ser tensionada, por terem crescido com diferentes disponibilidades de tecnologias.

No entendimento de Buckingham (2007), a discussão sobre crianças e jovens nesse contexto tecnológico, geralmente, atribui um poder determinante à tecnologia.

Esses argumentos são problemáticos por diversas razões. As tecnologias não produzem mudança social independentemente dos contextos em que são usadas; além disso, as diferenças inerentes entre as tecnologias não são tão absolutas como geralmente se propõe. Entretanto, em combinação com outras mudanças, as novas tecnologias – especialmente as tecnologias digitais – têm efetivamente revolucionado o processo de produção em quase todas as áreas das indústrias da mídia, e agora estão também transformando rapidamente os processos de distribuição e recepção. (BUCKINGHAM, 2007, p. 53)

Esses processos têm relação com a forma como os indivíduos usam esses meios. Buckingham (2007) exemplifica a partir da televisão, que se tornou um ponto de conexão para muitas mídias e meios. Agrupar serviços, reduzir o tamanho e

oferecer disponibilidade e conexão constante são fatores que tendem a aumentar a apropriação e os usos dos meios e dos serviços. Um exemplo são as plataformas que concentram as Redes Sociais Digitais.

#### 4.4 REDES QUE CONECTAM AMIGOS

*Orkut, Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e Snapchat.* Esses são termos que orbitam o cotidiano de diferentes gerações — alguns deles há pelo menos uma década — e transformaram a forma como as pessoas se relacionam na Internet. Esses espaços oferecem conexão entre diferentes grupos sociais, maior circulação de informação e, por isso, uma maior ação coletiva (RECUERO, 2009). De acordo com a autora, as redes sociais são grupos de atores e as plataformas digitais proporcionam a mediação desses grupos. Embora não seja objetivo desta dissertação analisar as Redes Sociais Digitais, esse tema emerge como categoria de análise em virtude do uso feito pelas Gerações Y e Z, relatado nas entrevistas. Enquanto os pais (Y) puderam experimentar esses recursos ainda quando eles surgiram, seus filhos (Z), embora não tenham a idade indicada para ingressar, já desejam fazer parte e, muitos, já possuem perfis ativos.

O uso das redes sociais digitais é um dos elementos analisados por Boyd (2004), relacionando tais redes como espaços de socialização com seus pares. “costumava ser o *shopping*, mas para a juventude discutida neste livro, sites de redes sociais como *Facebook, Twitter e Instagram* são os lugares ‘legais’” (BOYD, 2014, p. 5). Na juventude, a socialização nos espaços que cada grupo de adolescentes determina ser “legal” é fundamental para a aceitação social dos sujeitos. De acordo com a pesquisadora, a forma como utilizam cada rede social digital não tem relação direta com os aspectos técnicos das plataformas, mas na forma como eles se apropriam e adaptam seus usos ao conectarem-se com pessoas que já conhecem.

Sendo assim, as normas de mídia social são desenvolvidas por efeitos de rede; os pares influenciam uns aos outros sobre como usar um determinado site e, em seguida, ajudam coletivamente a criar as suas regras (BOYD, 2014, p. 39). A adoção de práticas distintas em cada plataforma, entretanto, não indica que os jovens estão criando múltiplas identidades no sentido psicológico. Na verdade, são escolhas de se representar de modos diferentes em sites diversos, cujos públicos e

normas variam. É nesse sentido que surge uma miscelânea de identidades *online* (BOYD, 2014).

Tanto Boyd (2014) quanto Gardner e Davis (2013) consideram que nas redes sociais digitais as pessoas buscam identificar-se entre si, seus pares. Gardner e Davis (2013) também concluem que para os jovens cada vez mais está entrelaçado o estar *online* e *offline*, sendo raramente distintas as posições.

Hoje, muitos adolescentes estão online para socializar com amigos que conhecem de cenários físicos e para se retratar em contextos *online* que são mais fortemente ligados a comunidades sociais não mediadas. Essas práticas, que incentivam uma maior continuidade entre os mundos *online* e *offline* dos adolescentes, eram muito menos comuns quando eu estava crescendo. (BOYD, 2014, p. 38)

Para além dos adolescentes e jovens, busca-se a relação e usos destas tecnologias e redes sociais digitais pelas crianças. Buckingham (2010) indica que mesmo diante do universo de possibilidades presentes na internet, as crianças não realizam atividades diferenciadas. O interesse central delas na rede não é baseado em interação com o computador, mas sim com outras crianças, o que corrobora com a análise do público mais velho, referente ao mesmo uso.

Essa mesma análise é feita por Recuero (2009). Para a autora, a partir do momento em que a capacidade de conexão foi ampliada, novas redes digitais surgiram e elas “conectam não apenas computadores, mas pessoas” (RECUERO, 2009, p. 17). Nesses espaços, os indivíduos criam identidades que se adaptam às diferentes plataformas que interagem. Quanto mais tempo dedicam para esse fim, maior o nível de interação. Porém, para muitos pais, a quantidade de tempo que os adolescentes gastam em mídias sociais é uma evidência de um vício, no sentido negativo. E, à medida em que os adolescentes procuram novos espaços, os adultos criam bloqueios para restringir o poder dos jovens (BOYD, 2014, p. 110). Segundo a autora, a maioria dos jovens utiliza mídias sociais em resposta a um mundo social em que adultos assistem e restringem suas práticas e atividades, justificando seu protecionismo como sendo necessário para segurança.

Watkins (2009) também estuda essa dependência e o tempo dedicado pelos jovens com as telas. Relaciona, por exemplo, que o tempo com televisão seria um momento longe dos amigos e da vida pública (característica de consumo da Geração Y) e as telas de computadores e celulares pelo contrário, conectam e aproximam os amigos.

#### 4.5 INTERFERÊNCIAS E MEDIAÇÕES

Outro elemento a ser considerado na análise das gerações é a cultura do aprendizado que, segundo Castells et al. (2007), está levando à transformação do modelo patriarcal, especialmente com jovens usuários ensinando os pais a usarem celular. “Portanto, embora o processo educacional ainda permaneça vertical, os papéis foram invertidos e o fluxo de conhecimento mudou de direção para subir da geração mais jovem até os mais velhos” (CASTELLS, et al., 2007, p. 518). Contudo, embora desfrutem de autonomia no consumo de dispositivos de comunicação sem fio, ainda existem regras estabelecidas pelos pais, como os limites de usos.

O Relatório Mundial da Juventude evidencia que “a comunicação móvel cria o que se poderia chamar de cordão umbilical entre os jovens e seus pais” (CASTELLS et al., 2007, p. 608), no sentido de que, embora o consumo seja individual, os pais passaram a ter novas demandas de acompanhamento e controle dos seus filhos.

Em entrevistas com pais, a pesquisa de Livingstone (2017) demonstra, por exemplo, que esse público já estabelece em casa regras e restrições ao uso de TV no quarto dos filhos. Eles preferem que os filhos utilizem *tablets* por ser um dispositivo mais gerenciável ao aparelho de TV, que atualmente possui uma extensa variedade de canais e conteúdos. “De maneira semelhante, nos últimos anos houve um aumento na conversa pública sobre os benefícios de uma desintoxicação digital, à medida que as famílias começaram a corrigir o equilíbrio entre atividades digitais e outras prioridades em suas vidas” (LIVINGSTONE, 2017, p. 24). Pode-se considerar, ainda, a quase uma década de uso de *smartphones* e redes sociais pela Geração Y, que leva a questionamentos e a uma maior percepção dos problemas envolvidos em tanto tempo de uso.

Neste caso, os pais, em suas intervenções, devem considerar não apenas o tempo de uso dos dispositivos, mas o conteúdo, o contexto e as conexões sociais estabelecidas pelos filhos (LIVINGSTONE, 2017). A própria indústria percebeu as características dessa geração de crianças e pré-adolescentes, que consomem conteúdos em múltiplas telas, vídeos curtos ao invés de longos filmes e adaptou sua linguagem para conquistar essa audiência. A natureza do uso da internet está mudando. Mais móvel e personalizado, mais incorporado à vida cotidiana, mais

difícil de supervisionar pelos pais, mais rastreado pelas empresas (LIVINGSTONE, 2017).

A relação dos jovens Nativos Digitais com seus pais e professores costuma ser pauta tensionada. Trabalhar juntos é uma alternativa encontrada por John Palfrey e Urs Gasser. "Os Nativos Digitais, seus companheiros, as empresas de tecnologia e os legisladores têm, cada um, um papel a desempenhar na resolução desses problemas" (PALFREY; GASSER, 2011, p. 21). No gráfico, os autores estabelecem possíveis esferas de influência entre diferentes atores sociais e os *Nativos Digitais*.

Gráfico 5- Rede de Influências do *Nativo Digital*



Fonte: Palfrey e Gasser (2011, p. 21)

O primeiro círculo, a família e os amigos mais próximos de um *Nativo Digital*, pode influenciar, seja através de orientações específicas ou do desenvolvimento colaborativo de normas sociais. O segundo círculo inclui professores e mentores, que muitas vezes podem ter uma grande influência na maneira como os *Nativos Digitais* navegam nesses ambientes. No quarto, aparecem as empresas de tecnologia que criam os *softwares* e oferecem serviços, que podem fazer bastante diferença na maneira como essas questões são enfrentadas. Em quinto, estão a lei e as organizações de segurança, segundo os autores, “muitas vezes instrumentos poderosos, mas em geral cegos - e adequadamente vistos como último recurso” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 20). Eles acrescentam que esse quadro captado é caleidoscópico em sua complexidade e muda substancialmente a cada poucos meses.



A preocupação dos pais, ao se depararem com os filhos consumindo novas tecnologias, tem similaridade com outros momentos vividos por eles mesmos. Boyd (2014), em suas observações, constata que qualquer nova tecnologia que capte atenção de forma generalizada, desencadeia pânico e preocupações. Ela cita inovações que surgiram com certa preocupação como o *Walkman*, que levaria à solidão, ou do surgimento da máquina de costura e seu impacto na sexualidade da mulher, por movimentar suas pernas intensamente.

Até mesmo Sócrates supostamente advertiu sobre os perigos do alfabeto e da escrita, citando implicações para a memória e para a capacidade de transmitir a verdade. Esses medos agora são pequenos, mas quando as novas tecnologias ou gêneros de mídia apareceram pela primeira vez, são levados muito a sério. (BOYD, 2014, p. 28-29).

Os estudos de Boyd demonstram que muitas das preocupações causadas pelas novas tecnologias não são recentes como o *bullying*, por exemplo, mas podem servir como distração para riscos reais. A dinâmica dos meios amplia a ansiedade e reforça os medos, especialmente quando duas ou mais gerações se relacionam e percebem de forma diferente o impacto das inovações. Os tensionamentos entre pais e filhos passam por discussões sobre o tempo despendido para as redes sociais, as trocas de mensagens com amigos, o impacto dessa dependência tecnológica para a educação etc. No entendimento de Boyd, essas questões parecem menos urgentes quanto reconhecer as motivações sociais dos adolescentes. Os *gadgets* são compreendidos como um meio e não como um fim (BOYD, 2014, p. 32).

Essa perspectiva também é abordada nos estudos de Susan Herring (2008), que percebe o papel e a visão dos adultos nessa concepção de como crianças e jovens estão imersos nessa vida na mídia. “Para muitos, especialmente os menos tecnológicos, adultos logicamente experientes, a Internet não é familiar, é intimidadora e potencialmente perigosa” (HERRING, 2008, p. 74). Segundo ela, os adultos estão preocupados com o risco da exposição das crianças à pornografia ou de encontros que acontecem *online* passem a existir *offline*, representando riscos e muito medo para os pais, em uma espécie de pânico moral em que os novos ambientes de mídia são representados como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade.

Característica dessa fase da vida, adolescentes muitas vezes querem estar com os amigos sem a supervisão dos adultos, em público. Paradoxalmente, as

publicações em redes sociais habilitam esse desejo com uma privacidade relativa, mas com autonomia. Em casa, essa liberdade não é possível, pois pais e irmãos podem ouvir as conversas. “Reconhecer isso é importante para entender as relações dos adolescentes com as mídias sociais. Embora muitos adultos pensem o contrário, os adolescentes se engajam com a vida pública através da mídia social e não como uma rejeição da privacidade”. (BOYD, 2014, p. 33). Contudo, tal hábito provoca preocupação nos adultos, pois esse espaço de interação, por vezes, é altamente visível.

A pesquisa de Livingstone (2017) revelou que a maioria dos pais e dos filhos não acham que a Internet é um lugar seguro para as crianças estarem. Ela cita o estudo de 2015, *Ofcom's Children's media lives* (LIVINGSTONE, 2017, p. 24), ao mapear que, nos EUA, os pais estão mais preocupados com a privacidade *online* dos seus filhos do que com o desempenho escolar, relacionamentos ou saúde.

Nessa perspectiva, os pais gostariam de conhecer sites que desenvolvam seus filhos, para que pudessem recomendar. Porém, ao serem estimulados a citar bons sites para consumo das crianças, encontram poucas opções. Esse exemplo contribuiu para o diagnóstico de que os pais tendem a passar mais tempo impedindo determinados acessos do que estimulando.

Para a mídia tradicional - pense em crianças livros ou filmes - os pais podem recorrer a bibliotecários ou livrarias infantis ou outros intermediários confiáveis para aconselhá-los, mas em relação à Internet, esses intermediários estão faltando, ou são movidos por interesses comerciais. Como resultado, as crianças tendem a visitar uma faixa bastante estreita de sites que são altamente comercializados ou feitos para pessoas muito mais velhas do que eles são. (LIVINGSTONE, 2017, p. 26)

As pesquisas norte-americanas dedicam especial atenção para o que eles denominam *sexual predators* (predadores sexuais em tradução livre). O tópico segurança *online* tem desempenhado papel significativo na configuração da relação dos adolescentes com a comunicação, bem como as atitudes dos adultos em relação à participação dos adolescentes e a regulação da mídia. “A internet limita o controle dos adultos pois torna mais difícil para os pais isolar a juventude de materiais que julgam inadequados e de pessoas cujos valores difiram dos seus” (BOYD, 2014, p. 118). Ao mesmo tempo, constata-se que quando os pais criam bolhas de proteção, não permitem que seus filhos percebam o que está

acontecendo fora de sua casa, isso pode gerar consequências graves. O medo não é apontado como solução, a empatia sim.

Enquanto tentam isolar os filhos dos riscos da Internet, os pais também optam por mantê-los em casa do que na rua. Preferem a companhia de celulares e a constante comunicação em família. Castells (2007, p. 515) aponta que a comunicação entre família também pode ser vista claramente no Reino Unido, onde percebe a existência de uma “cultura de quarto” desenvolvida como uma resposta ao desejo dos pais em manter os seus filhos em locais seguros e possam ser monitorados.

Outra preocupação dos pais está nas crianças se depararem com conteúdo pornográficos *online* de forma mais fácil do que no ambiente *offline*. Os autores Palfrey e Gasser (2011, p. 104) levantam questionamentos sobre isso: “Quando se trata de pornografia, a internet produziu um problema essencialmente novo e diferente, ou apenas proporcionou uma nova fonte para um velho problema?”. A diferença apontada por eles está na ubiquidade. “Antes da Internet, se uma casa não tivesse material pornográfico dentro dela, os pais podiam estar seguros de que seus filhos só poderiam entrar em contato com isso no mundo lá fora” (PALFREY; GASSER, 2011, p.105). Outro elemento que facilita o acesso é a inexistência de intermediários, caso a navegação da criança ou pré-adolescente não seja acompanhada/mediada por um adulto.

Assim como Boyd, a sugestão de Palfrey e Gasser é o diálogo. “A antiga orientação sobre conversar com as crianças sobre sexo, de modo que elas tenham um contexto para o que encontrem, continua válida na era digital” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 107). Segundo eles, a conversa simplesmente pode ter de acontecer mais cedo do que aconteceria em outras épocas.

No início da Internet, pais e professores tendiam a se sentirem sem poder, pois seus filhos sabiam mais do que eles. Atualmente, essa configuração tende a mudar. Evidências mostram que, se os pais são conhecedores e confiantes em usar a internet, suas orientações são mais aceitas pelas crianças. “Isso significa mais autoridade e orientação - compartilhar, discutir, estabelecer alguns limites - e menos restrições ou proibições que as crianças tendem a fugir. (LIVINGSTONE, 2017, p. 30).

Uma visão contrastante é a de que as crianças estão cada vez mais maduras e conhecedoras das mídias. Sendo assim, os esforços para proteger os jovens da

mídia são excessivamente protecionistas na sua essência - com traços de paternalismo - e interpretam as crianças como sujeitos manipulados, evidencia Strasburger (2011). Sob essa ótica, não se compreende as crianças como totalmente passivas diante das mídias de massa, nem extremamente experientes e perspicazes. Sugere-se um meio termo.

Para resumir, as crianças diferem dos adultos de várias maneiras que têm implicações na resposta à mídia. As faixas etárias mais jovens têm menos experiência com o mundo real e ao mesmo tempo possuem uma grande prontidão para aprender sobre as coisas com as quais não estão familiarizadas. Eles também tendem a ter menos conhecimento sobre a natureza, as complexidades e as distorções potenciais das mídias de massa. Tal ingenuidade faz com que um pré-escolar e mesmo um aluno do ensino fundamental tenham mais probabilidade de acreditar, aprender e responder emocionalmente às mensagens da mídia do que um adulto mais maduro e criterioso. (STRASBURGER, 2011, p. 33)

De acordo com as pesquisas de Strasburger (2011), as crianças passam mais tempo envolvidas com a mídia do que com qualquer outra atividade, além de dormir. Durante a infância, passarão mais tempo assistindo televisão do que em sala de aula. A maioria dos pais participantes diz ter, pelo menos, algumas regras sobre que mídias os filhos podem usar e quanto tempo eles podem assistir TV, jogar *videogame* ou usar a Internet. O autor aponta que essa mediação é uma das primeiras e mais importantes negociações entre pais e filhos, pois são oportunidade para estabelecer limites, valores e convicções culturais (STRASBURGER, 2011, p. 355)

Algumas das formas de mediações dos conteúdos midiáticos, identificadas por Strasburger e Livingstone neste referencial teórico, foram sistematizadas na tese de doutorado da pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Maria Clara Sidou Monteiro. São elas:

1. “Mediação ativa” (STRASBURGER, WILSON e JORDAN, 2011, p. 355): os pais conversam com os filhos para ajudá-los a serem críticos em relação ao conteúdo assistido. No caso da internet, eles podem conversar com os filhos sobre suas atividades *online*, conteúdos e dividir experiências (LIVINGSTONE et al., 2015);
2. “Mediação ativa para segurança na internet” (LIVINGSTONE et al., 2015, p. 8): atividades que os pais podem fazer, além das recomendações, para promover uma navegação segura;
3. “Mediação restritiva” (STRASBURGER, WILSON e JORDAN, 2011, p.356): os pais colocam regras em relação a quais canais, os filhos podem acessar. Eles determinam regras e limites de tempo *online* e delimitam os conteúdos acessados (LIVINGSTONE et al., 2015, p. 8).
4. “Restrições técnicas” (LIVINGSTONE et al., 2015, p. 8): pais utilizam softwares de filtragem *online*.

5. “Coassistir” (STRASBURGER; WILSON; JORDAN, 2011, p.356): os pais assistem junto aos filhos os programas de televisão, e atualmente os canais do *YouTube*, para poderem conversar.
6. “Monitorar” (LIVINGSTONE et al., 2015, p. 8): os pais observam as atividades *online* dos filhos após o uso deles da internet (MONTEIRO, 2018, p. 47-48).

Como forma de atingir os objetivos do projeto, tal sistematização contribuirá para identificar como esse fenômeno acontece ao ser mapeado um grupo de pais e filhos de Porto Alegre. Os estudos citados neste referencial englobam diferentes faixas etárias e concepções metodológicas. A proposta desta dissertação é analisar o pré-adolescente da Geração Z. Busca-se compreender como consome mídia e quais são as interferências dos seus pais, representantes da Geração Y.

Sendo assim, conceituar consumo torna-se indispensável para resolver o problema de pesquisa proposto. Aqui, a abordagem desse conceito tem um viés sociológico, comunicacional e não mercadológico ou tecnicista. Canclini (1999) define consumo como o conjunto de processos socioculturais no qual se realizam as apropriações e uso dos produtos. O Capítulo 4 busca justamente colocar uma lupa para esse processo, ao observar como as Gerações Y e Z aparecem nesse contexto.

Quando o fator consumo aparece na caracterização destes sujeitos, mais do que apontar as Gerações em que estão enquadrados a partir das suas idades, passa a ser considerado outras duas definições: Nativos e Imigrantes Digitais (TAPSCOTT, 2009, PRENSKY, 2011). O elemento decisivo é a disponibilidade de tecnologia presente na vida de cada um desde o nascimento.

Os modos de vida *online* e *offline* não possuem uma separação entre os jovens (PALFREY; GASSER, 2011) que vivem uma conexão constante, um vício não necessariamente em tecnologias, mas em seus amigos e pessoas próximas (BOYD, 2014), que se mantêm mais unidos e acessíveis a partir das tecnologias digitais. Já seus pais, Geração Y, são tão dependentes quanto seus filhos e já percebem a necessidade da desconexão, de conseguir ficar sozinho por algum tempo (TURKLE, 2011), fato que seus filhos não estão conseguindo.

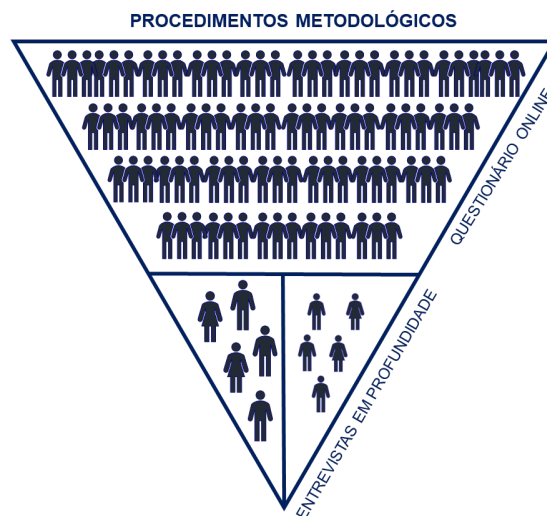
Conhecedores dos impactos que tiveram com o uso das tecnologias, os pais tendem a mediar a forma como seus filhos consomem esses meios. O equilíbrio entre a vida digital e outras prioridades da vida passa a ser pauta em família, num

momento em que os pais não consideram a Internet como um lugar seguro para crianças estarem (LIVINGSTONE, 2017). Por isso, passam a controlar seus filhos de diferentes formas, seja estabelecendo diálogos ou vigiando de forma digital o passo a passo das crianças e pré-adolescentes, com diferentes intencionalidades (STRASBURGER; WILSON; JORDAN, 2011, LIVINGSTONE et al., 2015). Esses pontos de convergência entre pais e filhos serão destacados na próxima etapa do trabalho, momento em que o conjunto metodológico é apresentado e os resultados da pesquisa emergem dos dados obtidos ao ouvir famílias em Porto Alegre.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para identificar *como a primeira geração que teve a possibilidade de ser alfabetizada com apoio de smartphones e tablets consome tecnologias de comunicação no seu cotidiano e como acontece a influência dos pais nesse processo*, problema desta pesquisa, optou-se por um conjunto de procedimentos metodológicos que contempla a revisão bibliográfica apresentada nos capítulos anteriores, a aplicação de um questionário *online* e a realização de entrevistas em profundidade com uma amostra de pais e filhos. A seguir, apresenta-se a forma como esses procedimentos foram realizados ao longo do ano de 2019. A proposta partiu de uma amostra maior, como forma de aproximação empírica com o objeto de estudos e, em uma segunda fase foi aprofundada a partir das entrevistas que geraram as categorias analisadas.

Figura 3 – Estrutura dos Procedimentos Metodológicos



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

### 5.1 QUESTIONÁRIO ONLINE

Como forma de iniciar a pesquisa exploratória, optou-se por uma aproximação com o objeto de estudo a partir de um questionário *online*. Antes de falar diretamente com os filhos, buscou-se por pais, com a intenção de identificar possíveis participantes da fase seguinte, presencial. O questionário foi distribuído em grupos do *Facebook* destinados a temáticas envolvendo pais e filhos.

As pesquisadoras Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011) destacam o desafio enfrentado pelos pesquisadores da cultura digital ao pensar e aplicar abordagens metodológicas que sejam eficientes, pois quando falamos de novas tecnologias e, em especial, a Internet, ela “pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa” (FRAGOSO et al., 2011, p. 17).

Aqui, entende-se a Internet como um local, um espaço para distribuição do questionário. Fragoso, Recuero e Amaral indicam as características deste tipo de pesquisa e refletem sobre a dimensão da amostra a ser pesquisada no ambiente digital:

A pesquisa qualitativa visa uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social. Nesse contexto, o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 67).

Portanto, a aplicação do questionário resulta em elementos que ilustram outras pesquisas e traçam o perfil deste sujeito, sem generalizar em sua análise. A estrutura da pesquisa encontra em Novelli (2005) suas diretrizes. A pesquisadora entende este método como forma de expressão da opinião de determinado público. A técnica de coleta de dados indicada é o Questionário, pelo baixo custo, possibilidade de alcançar a amostra de forma facilitada, inexistência de viés do entrevistador e facilidade para o entrevistado responder onde e como preferir, além de permitir o anonimato das respostas (NOVELLI, 2005, p. 157). O instrumento de pesquisa contemplou quatro blocos e sua íntegra está disponível nos Apêndices.

**Bloco 1** (Introdução e apresentação da pesquisa) - Explica o propósito do estudo e quem está realizando (pesquisador, orientador e universidade).

**Bloco 2** (Perfil do entrevistado) – Inclui pergunta filtro (possuir filhos), identificação de cidade, estado e outros questionamentos sobre os hábitos deste sujeito no seu consumo de Internet.

**Bloco 3** (Relação com os filhos) – Perguntas que mapeiam a percepção dos pais quanto aos hábitos de consumo de mídia dos filhos e seus graus de interferência.



**Bloco 4** (Convite para pesquisa presencial) – Espaço para os respondentes se voluntariarem a participar da etapa presencial da pesquisa. É apontada a necessidade do entrevistado ser morador de Porto Alegre ou Região Metropolitana.

Para localizar pais com perfis alinhados aos da pesquisa, recorreu-se ao *Facebook*, mais especificamente, buscou-se identificar grupos dentro da rede social. O Facebook<sup>8</sup> define a funcionalidade *grupos* como espaço para as pessoas conversarem sobre interesses em comum. Na plataforma é possível encontrar grupos a partir de categorias como *Família e criação de filhos*. Entre os encontrados estão:

- Brick só coisas de bebês e crianças<sup>9</sup> (110 mil membros)
- Nossos filhos<sup>10</sup> (3 mil membros)
- Grupo papo de pai<sup>11</sup> (22 mil membros)
- Filhos: cadê o manual de instruções<sup>12</sup> (16 mil membros)
- Papo de mães e amigas<sup>13</sup> (65 mil membros)

Este estudo não teve como objetivo analisar o conteúdo destes grupos, mas mapear os perfis dos filhos cujos pais participam da rede social. Por isso, optou-se por utilizar estes espaços como forma de divulgação do questionário *online*.

O instrumento foi distribuído entre os dias 3 e 10 de junho de 2019, exclusivamente a partir de postagens no *Facebook*, nos grupos com temáticas relacionadas a crianças e pré-adolescentes. Nesse período, 140 respondentes participaram da pesquisa, tendo idades entre 26 e 61 anos, moradores de 34 diferentes cidades do Rio Grande do Sul. Destes, 72,9% disseram ter filhos entre 11 e 16 anos, público definido para a pesquisa, portanto, os demais 27,1% foram desconsiderados da amostra. Considera-se o dimensionamento da amostra como insuficiente para generalizações, por isso, trata-se os dados como forma de reconhecer padrões, identificar *insights* culturais e referências alusivas aos conceitos apresentados na Revisão Bibliográfica da pesquisa.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2ILjFA5> Acesso em: 16 jun. 2019.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2N0Rt1o> Acesso em: 16 jun. 2019.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2WNt9Vw> Acesso em: 16 jun. 2019.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2WN7qlc> Acesso em: 16 jun. 2019.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2FdYupz> Acesso em: 16 jun. 2019.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2ZqUppx> Acesso em: 16 jun. 2019.

## 5.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Os elementos obtidos no questionário *online* apresentam a perspectiva dos pais sobre o tema. Realizar entrevistas também com as crianças e pré-adolescentes da Geração Z torna-se relevante para cumprir com a proposta desta dissertação e, também, para promover o seu protagonismo. Os pesquisadores que embasam teoricamente a pesquisa também ouviram e deram voz a esse público, entre eles Danah Boyd, que produz ciência a partir da sua observação, ouvindo adolescentes, prestando atenção ao que eles têm a dizer sobre suas vidas *online* e *offline*. Segundo ela, “muitas pessoas falam sobre o envolvimento dos jovens com as mídias, mas poucos estão dispostos a ter tempo para ouvi-los (...) Neste livro, eu uso as vozes de adolescentes que entrevistei” (BOYD, 2014, p. 10-11). Na dissertação, para contemplar esse aspecto foram realizadas entrevistas em profundidade.

Este recurso metodológico busca, com base em teorias e pressupostos definidos previamente, recolher respostas a partir da experiência das fontes selecionadas. Ainda, segundo Duarte (2005), o uso desta técnica permite identificar diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos analisados. Nesta dissertação, a forma como pais e filhos utilizam as tecnologias, suas influências e hábitos poderão ser analisados a partir de entrevistas em profundidade. Cáceres (1998, p. 227) corrobora com essa proposta, ao entender a entrevista como “um excelente instrumento heurístico para combinar as abordagens práticas, analíticas e interpretativas implícitas em todo processo de comunicação”, sendo uma atividade multifuncional e dinâmica, que consegue perpassar o contexto social dos objetos de estudo da pesquisa, imersos em uma vida complexa e continuamente aberta a transformações (CÁCERES, 1998, p. 283).

Indo ao encontro dessa conceituação, a entrevista em profundidade é considerada uma técnica qualitativa e visa explorar um assunto a partir de percepções e experiências dos entrevistados. “Para além das respostas, indica-se observar o ambiente onde a entrevista está sendo realizada. As circunstâncias podem ser muito úteis para ajudar o pesquisador a descrever e analisar seu objeto de pesquisa” (DUARTE, 2005, p. 75). Sendo assim, priorizou-se realizar as entrevistas presencialmente na casa dos entrevistados ou nos seus espaços de trabalho, no caso dos pais.

O modelo de entrevista escolhido foi o semiaberto, partindo de um roteiro de questões-guia compreendendo os objetivos de pesquisa, conforme indica Duarte (2005). A relação de perguntas teve origem no problema de pesquisa e em elementos que surgiram na aplicação do questionário *online* (etapa que precedeu as entrevistas em profundidade). De acordo com Cáceres (1998), como a conversação, a entrevista aberta destaca-se por ser um tipo de conversa interpessoal ambigualmente definida. É desenvolvida como uma conversação cotidiana, permitindo uma expansão narrativa dos sujeitos. (CÁCERES, 1998, p. 297).

Para seleção dos entrevistados, partiu-se da relação de voluntários que indicaram interesse ao final do questionário *online*. No total, 10 entrevistas foram feitas, sendo cinco pais e cinco filhos. Foi respeitado o recorte de filhos Geração Z (entre 9 e 15 anos completados em 2019) e pais Geração Y (entre 23 e 43 anos completados em 2019). Este recorte e definição geracional levam em conta os conceitos de Tapscott (1999). A seleção considerou a data de nascimento dos participantes, buscando idades que contemplem a fase inicial e final do recorte das gerações. Os nomes dos entrevistados foram alterados a fim de garantir o anonimato.

- Pais: GABRIELA (32 anos), PAULA (35 anos), JEFERSON (35 anos), MARCELA (38 anos), LAÍS (42 anos).
- Filhos: BIA (9 anos), FELIPE (10 anos), DUDA (11 anos), LIS (13 anos), PEDRO (15 anos),

Segundo Cáceres (1998), considera-se a amostra não-representativa para mapear as características de toda a população, mas adequada para fins exploratórios, quando os resultados não pretendem ser determinados para todo o universo pesquisado.

O processo de agendamento das entrevistas, apenas com os voluntários do questionário, tornou-se insuficiente para alcançar a amostra desejada. Boa parte não respondeu aos contatos telefônicos e mensagens enviadas. Como hipóteses para essa dificuldade está o fato de as pessoas desconhecerem o entrevistador para recebê-lo em suas casas; a dificuldade de horários para reunir a família; e o grande intervalo de tempo entre a aplicação da pesquisa *online* e o convite para a entrevista. Sendo assim, parte dos entrevistados foi selecionada segundo a técnica de bola de neve (CÁCERES, 1998, p. 312) pelas redes de contatos, através de

amigos, parentes, contatos pessoais e conhecidos daqueles que inicialmente concordaram em responder.

Posteriormente, para análise das entrevistas realizadas, adota-se a Análise de Conteúdo, por se tratar de uma técnica consolidada nas Ciências Sociais e permitir aproximação e análise do objeto de forma sistemática, resultando em categorias de análise. A obra de Laurence Bardin (1977) direciona a forma como o trabalho foi realizado e ressalta a importância do método: “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 1977, p. 20).

Segundo a autora, a análise de entrevistas é um processo delicado e exige uma série de procedimentos, os quais são seguidos neste trabalho. Todas as entrevistas, após transcrição foram analisadas de acordo com características associadas ao tema central da pesquisa. Também foi desenvolvido um perfil de cada entrevistado, com especificidades do seu discurso. Para isso, a organização contou com pré-análise (sistematização das ideias iniciais, formulação de hipóteses e indicadores que fundamentam a interpretação final), exploração do material (decomposição dos textos resultantes das transcrições, enumeração e aprofundamento do conhecimento do conteúdo) e tratamento do resultado, inferência e interpretação (tratamento dos resultados a fim de serem significativos, válidos e apresentáveis no formato de relatórios, quadros, diagramas que organizam as informações). Não foram realizadas análises quantitativas, apenas qualitativas. “Pode funcionar sobre *corpus* reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos se tornem possíveis” (1977, p. 141).

Seguindo a Análise de Conteúdo, tratou-se de realizar a categorização do material resultante das entrevistas. A categorização é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas: o inventário, que consiste em isolar os elementos e a classificação, segmentando os elementos com o intuito de organizar as mensagens (BARDIN, 1977). Ainda, as categorias resultam em rubricas e títulos que refletem o agrupamento realizado em razão das características comuns destes elementos.

### 5.2.1 Elaboração das categorias

A fim de responder ao problema de pesquisa e aos objetivos apresentados neste trabalho, os dados obtidos por meio das entrevistas em profundidade foram analisados a partir de categorias, resultantes do processo de Análise de Conteúdo indicado por Bardin (1977). A obtenção das categorias se deu em função da repetição de palavras, expressões e temáticas relacionados ao tema da dissertação, não servindo como modelo para outros estudos que possuam temas diferentes.

### 5.2.2 Categorias iniciais

As 10 entrevistas (cinco filhos e cinco pais) resultaram em 26 categorias iniciais, fruto dos desdobramentos e temáticas abordadas ao longo das conversas. Trata-se das primeiras impressões sobre o tema. Para chegar a elas, utilizou-se trechos das falas dos entrevistados e o próprio referencial teórico.

Quadro 3 – Categorias iniciais

<b>Categorias iniciais</b>
Rotina das famílias
Uso da televisão atualmente
Uso da televisão no passado
Celular como forma de acompanhar os filhos
Monitoramento do celular do filho
Restringir o uso de celular como castigo
Instalação de aplicativos de controle
Aumento da insegurança
Contato com desconhecidos <i>online</i>
Uso do celular no colégio
Horários de uso do celular
Cuidados na hora de postar
Ensinar outros pais a controlar
Netos ensinam os avós
Adultos como exemplo para os jovens
Protagonismo do celular
Funcionalidade do celular com e sem Internet
O celular na rotina
Músicas nos deslocamentos
Uso de aplicativos
Dependência do celular

Categorias iniciais
Utilização de videochamadas
Assistir vídeos no celular
Usos do <i>Facebook</i>
Usos do <i>Instagram</i>
Usos do <i>WhatsApp</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

### 5.2.3 Categorias intermediárias

A sequência da análise permitiu o agrupamento das 26 categorias iniciais em nove categorias intermediárias, também pautadas nas narrativas dos entrevistados e no referencial teórico apresentado. O conceito norteador contribuiu para o entendimento de cada uma das categorias identificadas.

Quadro 4 – Categorias Intermediárias

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Conceito norteador
Rotina das famílias	<b>Configurações familiares</b>	Indica a forma como as famílias se organizam para conciliar trabalho dos pais, escola dos filhos e a rede de apoio formada.
Cuidados na hora de postar	<b>Exposição na Internet</b>	Expressa a preocupação dos pais com o conteúdo postado pelos filhos nas Redes Sociais Digitais.
Celular como forma de acompanhar os filhos	<b>Formas de controle</b>	Revela as formas como os pais acompanham o uso que seus filhos fazem das tecnologias e da Internet.
Monitoramento do celular do filho		
Restringir o uso de celular como castigo		
Instalação de aplicativos de controle		
Horários de uso do celular		
Ensinar outros pais a controlar		
Netos ensinam os avós		
Adultos como exemplo para os jovens	<b>Hierarquia do conhecimento</b>	Mostra a mudança no conceito de que os mais velhos educam os mais novos.
Ensinar filho a usar recursos do celular		

Categories iniciais	Categories intermediárias	Conceito norteador
Aumento da insegurança		
Contato com desconhecidos <i>online</i>	<b>Preocupações dos pais</b>	Indica as preocupações que os pais têm com seus filhos e suas implicações.
Usos do <i>Facebook</i>		
Usos do <i>Instagram</i>	<b>Redes Sociais</b>	Representa como pais e filhos usam as Redes Sociais Digitais.
Usos do <i>WhatsApp</i>		
Usos do <i>YouTube</i>		
O celular na rotina		
Músicas nos deslocamentos	<b>Rotinas</b>	Constitui elementos da rotina das famílias, influenciada pelas tecnologias.
Uso da televisão atualmente		
Uso da televisão no passado	<b>Tecnologias que possuem acesso</b>	Expressa a forma como os entrevistados utilizam tecnologias
Uso do celular no colégio		
Celular como principal meio de acesso à Internet		
Funcionamento do celular com e sem Internet		
Uso de aplicativos		
Dependência do celular (tempo de uso)	<b>Uso do Celular</b>	Evidencia a importância dos <i>smartphones</i> na vida do grupo entrevistado.
Utilização de videochamadas		
Assistir séries no celular		

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

#### 5.2.4 Categorias finais

A organização em categorias iniciais e intermediárias contribuíram para a construção das categorias finais. Estas, irão respaldar as interpretações e guiarão a análise dos resultados apresentadas no capítulo seguinte. Foram elencadas as seguintes categorias: Influências e controles; Literacia digital; Presença da tecnologia; Usos das Redes Sociais Digitais.

Tais categorias guiarão a análise que visa identificar *Como a Geração Z consome tecnologias de comunicação e qual a influência dos seus pais, Geração Y, neste processo*. O trabalho ainda possui como objetivos específicos: descobrir como a Geração Z consome tecnologias de comunicação em seu cotidiano e como toma decisões sobre esse hábito; Investigar como os pais interferem ou influenciam o consumo dos filhos; Identificar marcas de uma geração na outra, na medida em que convivem em um mesmo tempo e espaço. As quatro categoriais finais contemplam aspectos relacionados a estes objetivos:

Quadro 5 – Categorias Finais

<b>Categorias intermediárias</b>	<b>Categorias finais</b>	<b>Conceito norteador</b>
Configurações familiares	<b>Influências e controles</b>	Filhos passam mais tempo longe dos pais e estão em constante contato com a Internet, gerando preocupação. Acompanhar esses usos passa a ser desejo dos pais em um ambiente de múltiplas possibilidades de conexão.
Formas de controle		
Preocupações dos pais		
Exposição na Internet	<b>Literacia digital</b>	Os Nativos Digitais não estão totalmente prontos para o uso das tecnologias e a educação para esse fim vai além da escola. Ao mesmo tempo, seus pais dominam as tecnologias, mas a geração dos avós passa a ser educada pelos netos.
Hierarquia do conhecimento		
Rotinas	<b>Presença da tecnologia</b>	A conexão com a Internet impactou a forma como as pessoas usam tecnologias, especialmente o celular, atribuindo papel central na vida dos entrevistados.
Tecnologias que possuem acesso		
Uso do Celular		
Redes Sociais	<b>Usos das Redes Sociais Digitais</b>	Pais presentes há mais de 10 anos nas Redes Sociais Digitais e a forma como os filhos utilizam esses espaços <i>online</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)



## 6 OUVINDO PAIS E FILHOS: OS RESULTADOS QUE EMERGEM

Com vistas a alcançar os objetivos propostos, a análise será realizada em dois escopos complementares, conforme indicado no capítulo de Procedimentos Metodológicos. Inicialmente, serão considerados os indicadores obtidos a partir da aplicação de um Questionário *Online*, pesquisa exploratória que permitiu contato mais próximo com o tema e contribuiu para a etapa seguinte, das Entrevistas em Profundidade. Estas serão analisadas tendo como método a categorização proposta por Bardin (1977), relacionando as temáticas com o conjunto teórico sistematizado nos primeiros capítulos. Espera-se, ao final deste bloco, contemplar os objetivos da pesquisa e fazer emergir os resultados da investigação.

### 6.1 QUESTIONÁRIO *ONLINE*

O contexto de ubiquidade no qual o jovem está inserido requer um olhar contextualizado para identificá-lo. Sua relação com a mídia, fazendo parte dela e constituindo grupos a partir de seus recursos tecnológicos, coloca o jovem em um ecossistema de múltiplos e intensos acessos às redes sociais. Seus pais, representantes da Geração Y, também podem ser identificados desta forma e ir ao encontro deste grupo foi um dos objetivos alcançados por meio da aplicação do Questionário *online*.

A técnica, já referendada anteriormente, permitiu estabelecer contato com 140 pais, localizados em grupos de *Facebook* com temáticas relacionadas a pais e filhos. É possível afirmar que este tipo de organização, em grupos por afinidade, já pode ser considerada uma das características de um dos públicos analisados, os pais Geração Y. Eles amadureceram vendo a tecnologia se desenvolver, especialmente nas últimas duas décadas. Acompanharam de perto esse processo e imprimem marcas na geração dos seus filhos, Geração Z. A aplicação do questionário buscou identificar essas características.

Após as primeiras perguntas, que traçaram o perfil dos respondentes, os pais foram convidados a definir tecnologia em apenas uma palavra. Para apresentação deste resultado, foi criada uma nuvem de palavras utilizando a plataforma

*Wordclouds*<sup>14</sup>, sendo as maiores palavras, aquelas expressões que apareceram com maior frequência.

Figura 4 – Nuvem de palavras – Definição de Tecnologia



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

As palavras mais utilizadas para definir tecnologia foram *Inovação* (17 citações), *Facilitadora* (13 citações), *Futuro* (11 citações) e *Avanço* (11 citações). Apenas três citações fizeram referência a expressões consideradas negativas: *Vício*, *Saco* e *Perigo*.

Na sequência, o questionário solicitou que os entrevistados indicassem, em uma palavra, como definem Redes Sociais. Uma nuvem de palavras também foi elaborada para visualização das respostas. A expressão com maior frequência de respostas foi *Conexão* (23 citações), seguida por *Comunicação* (17 citações), *Interação* (8 citações), *Exposição* (5 citações) e *Viciante* (5 citações).

Figura 5 – Nuvem de palavras – Definição de Redes Sociais



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.wordclouds.com/> Acesso em: 16 jan. 2020.

Como contraponto, selecionou-se apenas as expressões consideradas negativas, para uma nova visualização das palavras em formato de nuvem. Ao total, foram 42 citações negativas, sendo as mais frequentes: *Exposição* (5 citações) e *Viciante* (5 citações).

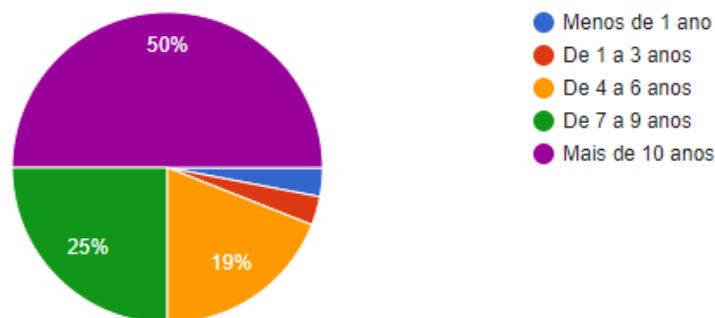
Figura 6 – Nuvem de palavras – Redes Sociais (aspectos negativos)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Outro objetivo da aplicação do questionário foi ratificar a hipótese de que os pais podem ser usuários de Redes Sociais há cerca de 10 anos, desde que se popularizaram. Na amostra realizada, com 100 respondentes, 75% diz estar utilizando Redes Sociais há mais de 7 anos, sendo 50% há mais de 10 anos.

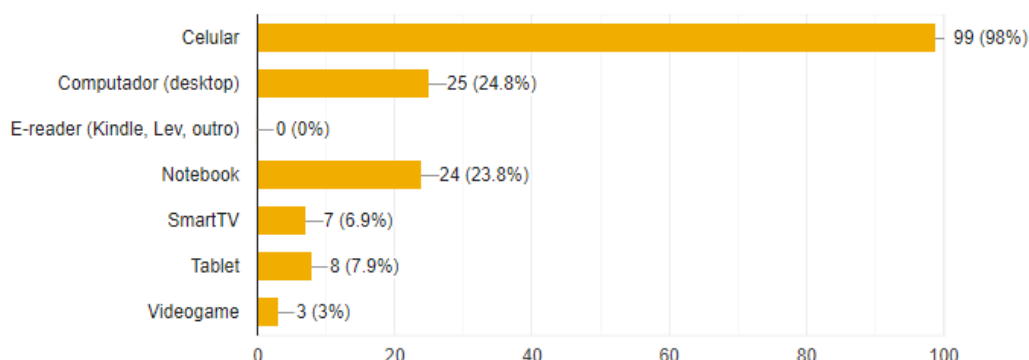
Gráfico 6 – Há quanto tempo você usa redes sociais?



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A pesquisa também visou identificar os principais meios pelos quais este público acessa a Internet, sendo o celular a escolha de 98% dos respondentes. Nesta questão, os pais puderam selecionar mais de uma alternativa, por isso, a soma final ultrapassa 100%.

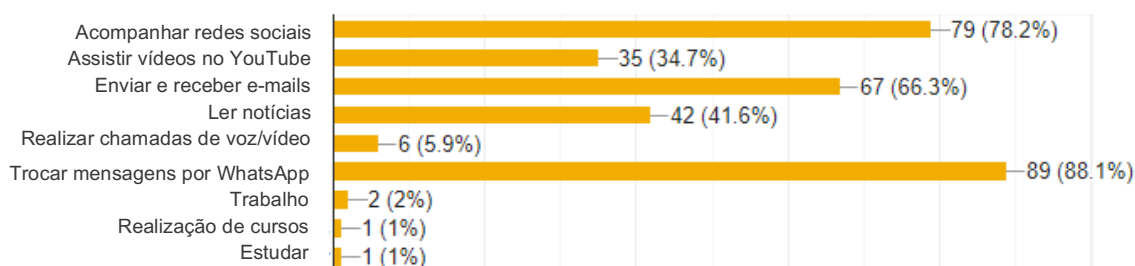
Gráfico 7 – Por qual meio você mais acessa a Internet?



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Verificou-se as atividades mais realizadas por este público na Internet e obteve-se como resultado: *Trocar mensagens por meio de aplicativos como WhatsApp* (88,1%), *Acompanhar Redes Sociais* (78,2%) e *Enviar e receber e-mails* (66,3%). As opções indicadas pela pesquisa não se excluem, ou seja, a mesma pessoa que respondeu que usa a Internet para trocar mensagens pode também ter respondido que assiste a vídeos.

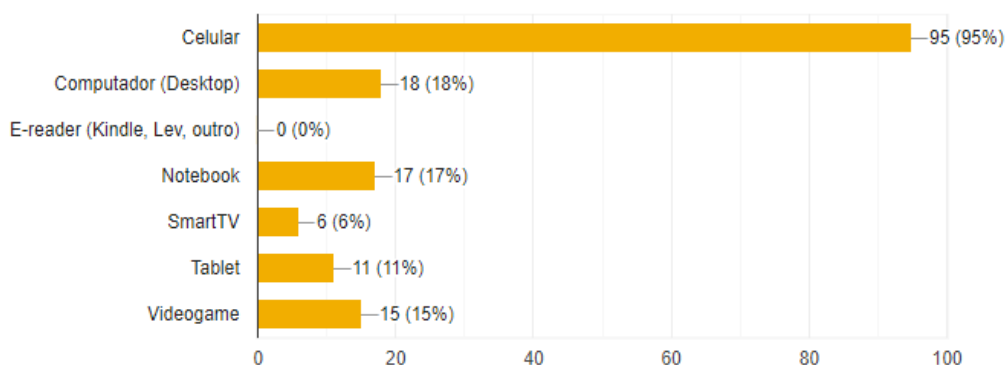
Gráfico 8 – Quais atividades você mais realiza na Internet? Escolha até três.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

As mesmas perguntas apareceram em outro bloco da pesquisa, para que os pais indicassem os meios e atividades que os seus filhos mais realizam na Internet. O celular permanece na liderança, sendo o principal meio de acesso para ambos os públicos. Entre os filhos o percentual é de 95%, seguido por computador *desktop* e *notebook*.

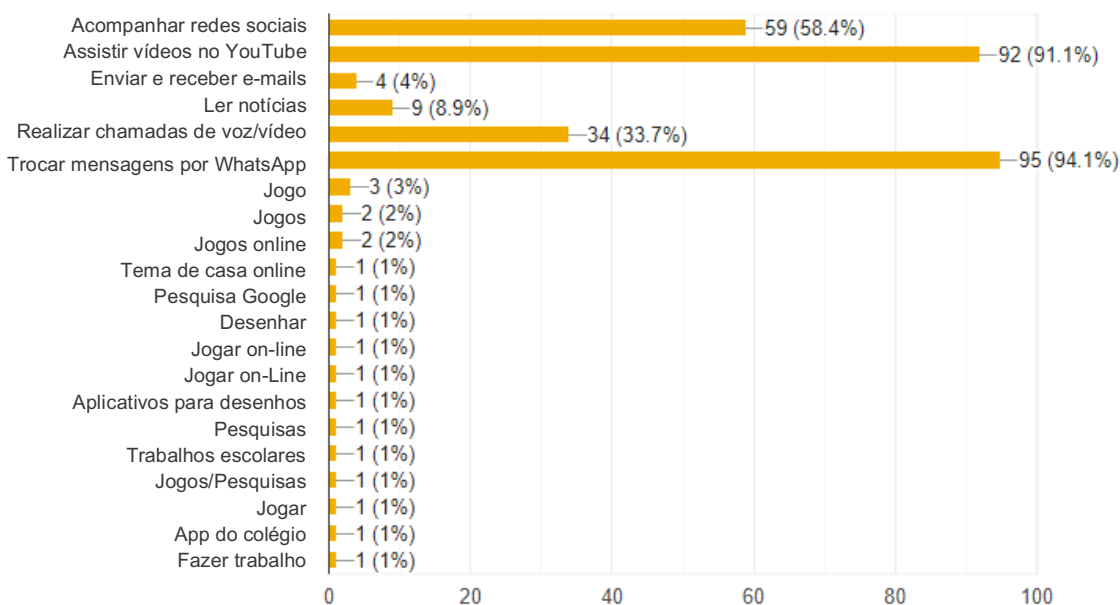
Gráfico 9 – Por qual meio seu filho mais acessa a Internet?



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

As atividades realizadas pelos filhos mudam em comparação aos pais. *Trocar mensagens por meio de aplicativos como o WhatsApp* alcança a liderança, com 94,1% das respostas, seguido por *Assistir a vídeos em plataformas como o YouTube*, com 91,1%. *Acompanhar redes sociais* aparece como terceiro principal uso, com 58,4%. O uso de *e-mails* e leitura de notícias cai para as últimas posições. Destaca-se, nesta pergunta, o campo “Outros”. Entre as 101 respostas, 16 outros motivos foram citados, sendo nove relacionados a jogos.

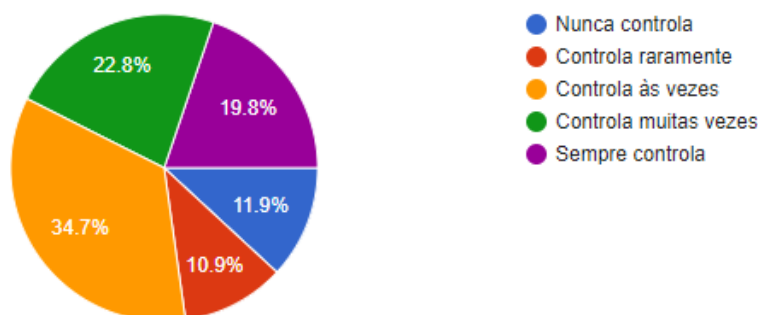
Gráfico 10 – Quais atividades seu filho mais realiza na Internet? Escolha até três



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O bloco final do questionário fez referência ao conteúdo consumido pelos filhos e a relação de incentivo e controle dos pais. Entre os respondentes, 43,6% afirmaram que sempre ou muitas vezes controlam o consumo de Internet dos filhos.

Gráfico 11 – Controle dos pais em relação ao que seu filho consome na Internet



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Outro tópico solicitou que os pais indicassem, de forma espontânea, quais conteúdos incentivam seus filhos a acessarem ou consumirem na Internet. Foi possível agrupar as respostas em três categorias, descritas no Quadro 6. Destaca-se que os pais puderam registrar mais do que uma resposta, por isso, a soma das respostas ultrapassa o número de respondentes.

Quadro 6 – Conteúdos que os pais mais incentivam seus filhos a consumirem na Internet

EDUCAÇÃO	ENTRETENIMENTO	INFORMAÇÃO
Cursos <i>online</i> , apoio para o conteúdo do colégio, pesquisas, trabalhos escolares.	Jogos, lazer, documentários, filmes.	Sites de notícias, jornais, revistas.
65 citações	18 citações	22 respostas

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A categoria *Educação* traz como característica a relação deste tipo de conteúdo com vídeos. Das 65 citações que fizeram referências à educação, 23 delas apontavam para conteúdo em vídeo, ou seja, 35% da amostra.

Outra pergunta buscou compreender quais conteúdos os pais não permitem que os filhos acessem ou consumam na Internet. Entre as 91 respostas, os temas mais citados foram *Redes Sociais* (9 citações), *jogos* (4 citações), *violência* (21 citações) e *pornografia* (43 citações). Essa análise será aprofundada com as Entrevistas em Profundidade.

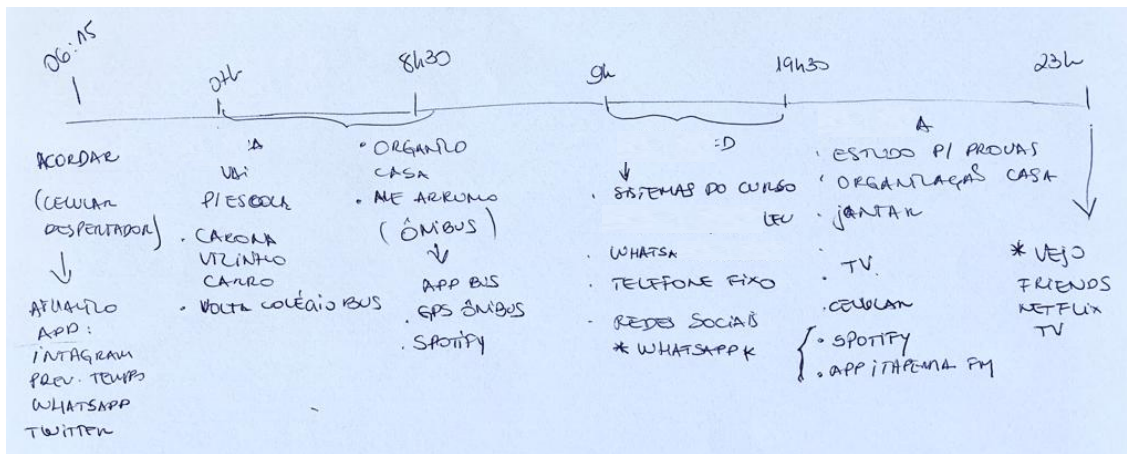
## 6.2 GERAÇÕES LADO A LADO: ENTREVISTAS APROFUNDAM A ANÁLISE

Ouvir tanto os pais quanto os filhos torna-se fundamental para entender como eles usam tecnologia e as influências que decorrem desse processo. Por isso, ocorreram entrevistas em profundidade, realizadas presencialmente entre novembro de 2019 e janeiro de 2020, em diferentes locais de preferência dos participantes como casa, trabalho e cafés. A única exceção aconteceu com a entrevistada Duda (11 anos, filha da Laís) que preferiu responder as perguntas por videochamada, enquanto se deslocava do colégio para a casa da sua avó. Entendendo que essa característica (uso de videochamadas) corresponde a um elemento da pesquisa, optou-se por manter a entrevista como ela transcorreu.

Foram entrevistados quatro mães e um pai, com idades que variaram entre 32 e 42 anos, todos representantes da Geração Y, com filhos da Geração Z. São características comuns a presença da tecnologia no cotidiano e a preocupação com a forma com que estão acompanhando e educando seus filhos a respeito disso. A proporção de homens e mulheres entrevistados acompanha a amostra do questionário *online*, respondido predominantemente por mães. Na sequência da conversa com os pais, seus filhos foram entrevistados seguindo uma mesma linha de condução dos temas. As entrevistas duraram cerca de 30 a 40 minutos por pessoa.

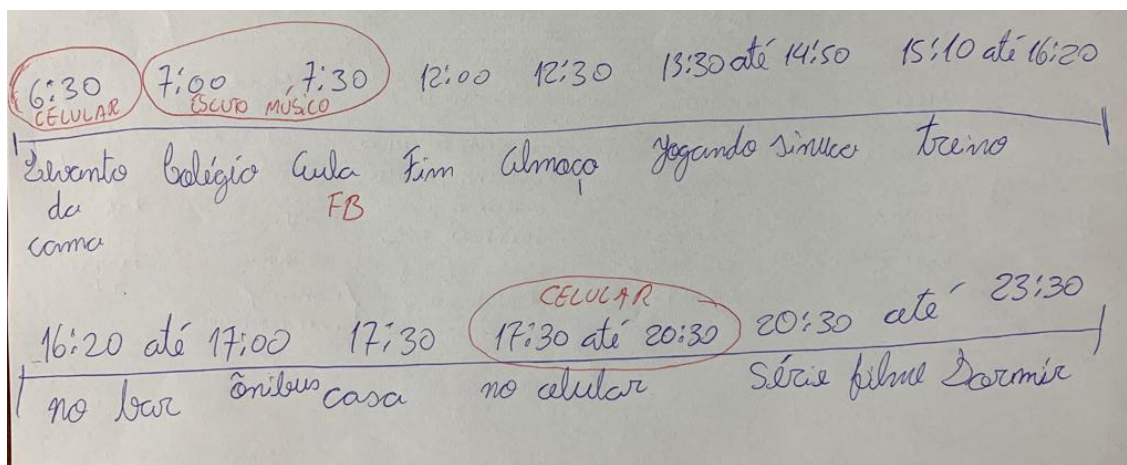
O primeiro bloco de perguntas conduzia os entrevistados a relatarem as suas rotinas, desde a hora que acordam até dormir, ilustrando um dia da semana comum. Em seguida, apontavam onde percebiam a presença da tecnologia no cotidiano. Com o intuito de tornar o momento menos formal, foram elaboradas linhas do tempo com essas marcações. Os desenhos contribuíram para a condução da entrevista, em vários momentos eles eram retomados, para pontuar itens que faltaram ou mesmo para exemplificar situações. A seguir, apresenta-se um quadro elaborado por uma mãe e outro por um filho entrevistado.

Figura 7 – Linha do tempo – Marcela (38 anos)



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Figura 8 – Linha do Tempo – Pedro (15 anos)



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Como forma de realizarem comparações da época em que eram crianças e pré-adolescentes, os pais também responderam sobre o período de infância, as tecnologias disponíveis na época e como seus pais conduziam os seus usos. O consumo de Internet de pais e filhos também foi investigado, buscando-se identificar os meios pelos quais mais acessam, os principais usos e as Redes Sociais Digitais em que estão presentes.



Por fim, o bloco Mediações enfatizou a forma como os pais acompanham os filhos nos usos de tecnologia e como os filhos percebem essa mediação. Pais relataram suas preocupações e os cuidados que possuem para consigo e seus filhos. O quadro a seguir ilustra a forma como os entrevistados são apresentados ao longo do relatório. A descrição do perfil dos pais e filhos, bem como dos resultados das entrevistas seguirão essa organização, com identificação das famílias com letras de A até E. Os nomes dos entrevistados foram substituídos a fim de preservar o anonimato, já as suas ocupações e idades são reais.

Quadro 7 – Perfil das famílias entrevistadas

	<b>FAMÍLIA A</b> Mãe acompanha de perto a filha, dá autonomia, mas como castigo, já retirou o celular.	<b>FAMÍLIA B</b> Violência, conversa com estranhos e pedofilia são preocupações e acabam gerando maior controle.	<b>FAMÍLIA C</b> Filha passa muito tempo fazendo videochamadas, mãe educa sobre cuidados nesses momentos.	<b>FAMÍLIA D</b> Pai controla à distância a semana do filho, que prefere jogar futebol a ficar no celular.	<b>FAMÍLIA E</b> Mãe diz não controlar o filho, mas acompanha e conversa sempre que percebe algo errado.
<b>FILHOS</b>	<b>LIS</b> 13 anos	<b>BIA</b> 9 anos	<b>DUDA</b> 11 anos	<b>FELIPE</b> 10 anos	<b>PEDRO</b> 15 anos
	“Fiquei uns cinco meses sem celular e foi bem doloroso pra mim. Foi horrível, eu sentia um vazio, sabe.”	“Quando eu não tinha celular, ficava no <i>tablet</i> brincando e usava muito o celular da minha mãe. Baixava tudo que era jogo. Travava e eu reclamava do celular. Dava vontade de tacar na parede.”	“Vejo vídeos segurando o celular na mão. No chuveiro eu tenho aquele plástico para colocar o celular e poder falar com as minhas amigas”.	“Meu pai me deu celular há dois anos, eu queria porque os meus amigos já tinham <i>WhatsApp</i> e eu não tinha ainda, queria ter alguma forma de conversar com eles, de jogar com eles.”	“Nossa! Minha mãe usa muito mais, e depois ela fala de mim. Ela mexe muito no <i>Instagram</i> e no <i>Whats</i> ”
<b>PAIS</b>	<b>GABRIELA</b> 32 anos Recepcionista	<b>PAULA</b> 35 anos Auxiliar Administrativa	<b>LAÍS</b> 42 anos Assistente Comercial	<b>JEFERSON</b> 35 anos Gestor Comercial	<b>MARCELA</b> 38 anos Secretária
	“Essa coisa de assistir <i>Netflix</i> deitada na cama com celular ela pegou de mim, não tinha o costume. Até porque eu chamava ela pra assistir comigo. Ela também adora celular”.	“Mas no celular dela eu controlo com um aplicativo, o <i>Family Link</i> . Então 21h morre o telefone. Se fez todos os deveres eu dou uns minutinhos extras”.	“Eu tenho um acordo que ela não pode deletar nada, que eu preciso olhar tudo por onde ela passou, por segurança. Eu explico que a Internet não tem piscina rasa, a criança está tendo acesso a tudo.”	“Como eu tô sempre ocupado, na correria é mais fácil mandar áudio, foto do que fazer uma ligação. Eu dei um celular pra ele por isso, principalmente pra estar mais presente.”	“Quando eu acordo é onde eu atualizo <i>app</i> , onde eu vejo tudo. <i>Instagram</i> , previsão do tempo, <i>WhatsApp</i> , <i>Twitter</i> .”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

### 6.2.1 Perfil das Famílias

As duas décadas que separam, em média, pais e filhos, fez com que nem todos os hábitos fossem completamente diferentes uns dos outros. A presença da tecnologia, o costume de ouvir música indo para o trabalho ou para o colégio, ou mesmo assistir a séries antes de dormir, independente se no celular ou na televisão. As cinco famílias entrevistadas possuem elementos em comum, mas muitas peculiaridades que enriquecem o trabalho e ampliam as possibilidades de interpretação e análise. A seguir, cada uma das famílias é apresentada a partir dos relatos dos entrevistados.

Quadro 8 – Família A

FAMÍLIA A	
<b>MÃE - GABRIELA</b> 32 anos   Recepcionista	<b>FILHA - LIS</b> 13 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Gabriela tem uma rotina que começa cedo, por volta das 5h30, quando o celular a desperta para iniciar o dia. O trajeto de casa até o trabalho é feito de ônibus ou de bicicleta e o fone de ouvido a acompanha. Ela aproveita esse tempo para ouvir as músicas que baixa no celular no dia anterior. Tanto para ela, quanto para sua filha Lis, a conexão com a Internet acontece exclusivamente pelo celular, pois não possuem outro ponto de acesso (computador ou *Smart TV*, por exemplo). O *WhatsApp* acompanha seu dia inteiro e passou a ser aliado do trabalho quando começaram a criar grupos das equipes que atua. Completou uma década de uso de Redes Sociais Digitais, está há 10 anos no *Facebook*.

Enquanto a mãe ganhou seu primeiro celular quando tinha 15 anos, ou seja, já utiliza há 17 anos, a filha Lis ganhou aos 7 anos de idade. A pré-adolescente surpreendeu-se ao descobrir, durante a entrevista, que a mãe levou tanto tempo para ter seu primeiro telefone. A relação da Lis com o dispositivo é diferente, pois só pode utilizar celular quando está em locais com Internet *wi-fi*. Não possui plano de dados móveis, gostaria de ter sempre, mas, por enquanto, precisa buscar Internet grátis na casa de familiares.

Gabriela considera-se flexível no acompanhamento da filha, entretanto, olha periodicamente o celular dela, tem as contas do *Instagram* e *Facebook* associadas ao seu celular e possui as senhas da filha. Não controla o tempo de uso, mas o

conteúdo que a filha acessa e com quem está se relacionando. Tem a percepção de que sua filha usa muito celular e como castigo, chegou a deixá-la sem por alguns meses. Esse foi um período difícil para Lis, que sentiu falta do contato com os amigos e relatou perder as conversas com o grupo de colegas da escola, por exemplo. Mesmo assim, acha que sua mãe é flexível e faria o mesmo caso fosse ela.

Quando está conectada à Internet pelo celular, a preferência de Lis é assistir a vídeos no *YouTube*, segundo ela, até três horas por dia, na maioria das vezes, de noite. No *Facebook* e *Instagram* costuma acompanhar notícias dos seus artistas favoritos. Também monitora o que sua mãe posta e já chegou a solicitar que apagasse um post que considerou machista no *feed* do *Instagram* da mãe. Em casa, ajuda a sua avó com o *smartphone* e criou um perfil no *Tinder* para ela. A relação de Lis com outras mídias resume-se à TV, quando sua avó assiste. Mãe e filha costumam assistir a séries deitadas na cama, com o celular, antes de dormir.

Quadro 9 – Família B

FAMÍLIA B	
MÃE - PAULA 35 anos   Auxiliar Administrativa	FILHA - BIA 9 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Bia gosta de utilizar celular há muito tempo, no entanto, apenas há um ano ganhou ou seu próprio dispositivo, sempre monitorado pela mãe a partir do aplicativo *Family Link*. Para ela, celular é sinônimo de jogos *online*, pois ainda não teve autorização da mãe para usar Redes Sociais Digitais. O tempo de uso de celular é controlado, caso não faça o tema de casa, perde o direito de usar por determinado tempo. Ela não gosta do controle estipulado pela mãe.

Além dos jogos, gosta de ouvir música no *Spotify* e usa o *Google* para pesquisar o que não sabe nas tarefas do colégio. No celular não tem acesso ao *YouTube*, apenas a versão *Kids*, desaprovada por ela, por conter vídeos que não gosta mais. Quando sua mãe permite, gosta de ver vídeos de *gamers* jogando seus jogos favoritos. Nos momentos em que fica sem celular (fora do horário estabelecido pela mãe), opta por assistir TV.

Durante o dia, depois da escola, fica com a sua tia no horário de trabalho da mãe, mas seguem conversando ao longo da tarde, pelo *WhatsApp*. O aplicativo também reúne a sua turma do colégio, em vários grupos diferentes. Como forma de

acompanhar seus colegas, também gostaria de estar no *Instagram*, mas sua mãe não permite.

Preocupada com a educação da filha, Paula acompanha o passo a passo *online* da filha com o apoio do *Family Link*, um aplicativo que permite estabelecer regras, acompanhar o tempo de uso, serviços utilizados e a localização. Assim como sua filha, Paula passa o dia próxima ao celular e cita apenas Redes Sociais Digitais quando questionada sobre o que mais faz na Internet. Possui celular há 15 anos, desde quando tinha 20 anos de idade.

Sua preocupação em relação à filha é a segurança, tanto física quanto digital. Opta em deixar a filha com *tablet* e celular em casa, do que brincando na rua. Acompanha seus passos na Internet pelos riscos ligados aos jogos *online* que a filha acessa, especialmente, conversas e convites de adultos. Não permite o uso do *YouTube* e Redes Sociais Digitais por não conseguir acompanhar. Acredita que à medida que a filha cresce, dificultará seus meios de controle. Enquanto isso, o programa de mãe e filha depois do jantar é assistir a reprise da novela *Avenida Brasil*, que elas gravam no aparelho de TV.

Quadro 10 – Família C

FAMÍLIA C	
<b>MÃE - LAÍS</b> 42 anos   Assistente Comercial	<b>FILHA - DUDA</b> 11 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Laís já utilizou um aplicativo para acompanhar a rotina *online* da filha, mas preferiu abrir mão para conversar mais. Atualmente, olha o celular da Duda enquanto ela está dormindo, com o conhecimento da filha e, nestes momentos, chega a deletar mensagens e bloquear contatos. Como hábito da família (padrasto, mãe e filha) gostam de ver séries antes de dormir, todos ao mesmo tempo, mas cada um em seu quarto, com a sua tela individual.

É por meio de aplicativos que Duda sai de casa e vai ao colégio diariamente, dividindo *Uber* com vizinhos. Transmissões ao vivo, usando especialmente *Face Time* com amigas é um dos principais usos que faz do celular. Em virtude disso, sua mãe passou a ensinar como deve se comportar diante da câmera, uma espécie de etiqueta das *lives*. Ainda, precisou ampliar o pacote de dados do celular da filha, em

função do alto consumo de Internet, que é compartilhada entre todos os moradores da casa.

Realizar videochamadas é um hábito para Bia, tanto que a sua entrevista foi realizada desta forma, enquanto se deslocava do colégio até a casa da avó. Atendeu a chamada de dentro do carro em movimento e seguiu respondendo a todas as perguntas. Não é algo atípico para ela, mesmo no chuveiro, pois tem um plástico especial para colocar o celular enquanto toma banho.

Durante o dia, mãe e filha conversam pelo *WhatsApp*, Laís escrevendo e Duda enviando áudios. Isso incomoda a mãe, que não consegue ouvir as mensagens durante o seu horário de expediente.

Quadro 11 – Família D

FAMÍLIA D	
<b>PAI – JEFERSON</b> 35 anos   Gestor Comercial	<b>FILHO - FELIPE</b> 10 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Aos 10 anos, Felipe alterna sua rotina entre a escola e jogos, sejam eles eletrônicos ou não. Goleiro, prefere jogar futebol ou brincar na rua do que ficar no celular, mas quando está conectado, reúne-se com os amigos para jogar videogame e através de videochamadas organizar as jogadas com os amigos que estão conectados. Porém, nada de jogos que envolvam sangue ou muita violência, seu pai não permite.

Nunca fez um vídeo para o *YouTube*, mas se fizesse convidaria seus inscritos para escolherem um *game* para ele jogar e mostrar no canal. Na plataforma, vídeos de comédia e de jogos são as suas preferências. Não está no *Facebook* nem no *Instagram*, pois ainda não ganhou autorização da família.

Com os pais divorciados, mora com a mãe de segunda a sexta e passa os finais de semana com o pai. Durante a semana, como forma de manter o contato envia mensagens pelo *WhatsApp* para o pai várias vezes por dia. Em casa, acredita que sua mãe usa muito celular e impressiona-se por ela assistir TV e ficar mexendo no celular ao mesmo tempo.

Jeferson é diferente, justifica seu uso como parte da rotina profissional, por isso, no celular possui dois *WhatsApps*, um pessoal e outro *business*. Encara como

uma obrigação ter que produzir conteúdo e postar diariamente, mas entende que seus clientes estão nas plataformas e é uma forma de conquistá-los.

Para estar mais perto do filho, deu um celular de presente há dois anos, quando Felipe aprendeu a ler e a escrever, e, a partir de então, passou a manter conversar diárias pelo *WhatsApp*. Além disso, para controlar seus usos, vinculou todas as contas do celular do filho ao seu dispositivo, por meio do *App* de controle do *Google*. Informações como localização, atuação em jogos, pesquisas realizadas no *Google* e *YouTube*, bem como tempo de uso de cada aplicativo é reportado em tempo real. Mesmo com o controle tecnológico, confia muito na educação dada ao filho, tanto que vislumbra um futuro que, independente das tecnologias que surgirão, seu filho encarará da mesma forma, com o mesmo equilíbrio, fazendo as melhores escolhas. Jeferson considera que não é o mais controlador, dentre outros pais que conhece. Deseja que o filho também tome algumas decisões sozinho. Quanto à educação, preocupa-se com os exemplos que ele enxerga em casa, pois acaba não parando para conversar sobre isso com o filho.

Quadro 12 – Família E

FAMÍLIA E	
MÃE – MARCELA 38 anos   Secretária	FILHO - PEDRO 15 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Marcela tem o celular sempre ao seu lado, desde a hora de acordar, até a hora de dormir, quando assiste a séries no dispositivo. Sua rotina é mediada pelos aplicativos que tem instalado no seu *smartphone*. Em casa, tem *notebook*, mas no momento da entrevista não lembrava onde tinha guardado. Tem TV, mas acaba assistindo apenas futebol, pois o restante do consumo de vídeos é na tela do celular. Quando está cozinhando, por exemplo, o celular também serve para tocar música. Seu filho, Pedro, tem celular desde os 9 anos, momento em que precisou deixá-lo sozinho em casa para trabalhar.

Para ela, as Redes Sociais Digitais servem pra encontrar e falar com pessoas e percebe um desapego do filho. Acredita que acompanha pouco o filho nesse sentido, dando liberdade e conversando sempre que necessário. Filho de pais separados, Pedro mora alguns dias na casa de cada um e percebe que a mãe controla mais. Quando teve notas ruins no colégio, sua mãe desinstalou o *YouTube*,

*Facebook* e *Instagram* do celular. Possui uma boa relação com a mãe, às vezes, mostra conversas e o que está fazendo *online*. Com o seu pai, costuma ajudar a cuidar da irmã menor nos deslocamentos de carro, mostrando pra ela vídeos de desenho animado no *YouTube*, mas não conversa com ele sobre seus usos de Internet.

Durante as noites, Pedro fica até três horas por dia no celular, depois assiste séries na TV. Quando está conectado, não costuma postar muitas coisas nas Redes Sociais Digitais, gosta mais de acompanhar assuntos relacionados ao futebol no *Facebook*. Esporte também é assunto no *WhatsApp*, para combinar o horário da partida no grupo do condomínio ou para receber as orientações do treinador do time do colégio. Diz já ter usado muito mais celular, reduziu. Acredita que sua mãe usa ainda mais do que ele, principalmente Redes Sociais.

### **6.2.2 Afinal, como as gerações consomem tecnologia?**

Para solucionar o problema de pesquisa, as falas dos 10 entrevistados foram decupadas para posterior categorização. Exercitando um primeiro olhar para o conjunto de respostas, foram criadas nuvens de palavras, agrupando as mais citadas e destacando a frequência que cada uma delas aparece. Para essa finalidade, foi utilizada uma plataforma *online*<sup>15</sup>. Foram eliminados os nomes próprios, bem como palavras que apareceram menos de 10 vezes na amostra. Para identificar diferenças e similaridades entre as entrevistas dos filhos e de seus pais, segmentou-se as respostas para visualização em duas figuras distintas, uma para cada público. As perguntas que guiaram as entrevistas em profundidade foram similares para ambos, permitindo a comparação.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.wordclouds.com/> Acesso em: 16 jan. 2020.

Figura 9 – Nuvem de palavras geradas a partir da transcrição das entrevistas com os cinco filhos



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Figura 10 – Nuvem de palavras geradas a partir da transcrição das entrevistas com os cinco pais



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

As representações em nuvem indicam o quanto cada palavra apareceu durante as conversas. A técnica não permite gerar conclusões sobre cada um dos temas, mas aponta os assuntos mais representativos nos diálogos. Entre eles, destaca-se a posição central do celular, elemento comum nas duas figuras, com maior frequência nas falas dos cinco filhos. A TV também aparece em ambos, sendo mais repetida na fala dos pais, pois foram estimulados a narrar como era a relação com essa e outras tecnologias na época em que eram crianças e adolescentes. Outro elemento comum é a presença do nome das Redes Sociais Digitais em que tanto pais quanto filhos estão presentes. O questionário dos pais contou com mais perguntas, uma das justificativas para a maior quantidade de palavras representadas na nuvem deste grupo. Além disso, os pais entrevistados discorreram mais do que os filhos sobre os temas.

Esse primeiro exercício já apresenta alguns *insights* sobre as temáticas abordadas, mas serão aprofundadas com a análise das categorias: Presença da



Tecnologia, Redes Sociais Digitais, Influências e Controles e Literacia Digital. A contextualização dos assuntos surge do relato dos entrevistados e do aporte teórico dos autores, concluindo com uma síntese analítica de cada uma das categorias.

### **6.2.3 Presença da tecnologia: a importância e os impactos no cotidiano**

A Geração Y, correspondente aos pais entrevistados, teve um contexto de relação com as tecnologias diferente de seus filhos. Nascidos entre 1977 e 1997, ao invés do celular, tinham a televisão como centro das atenções dentro de suas casas. Nas duas décadas seguintes, a tecnologia evoluiu e os aparelhos comuns tornaram-se individuais. Além do surgimento do celular, a televisão passou da sala para os quartos, ou mesmo, para o *smartphone* de cada um. Esses elementos estão integrados às rotinas, fazem parte do dia a dia não apenas das duas gerações analisadas. As tecnologias de comunicação, segundo Watkins (2009), são necessidades que nos ajudam a gerenciar com eficiência os detalhes, grandes e pequenos, da vida cotidiana. “No mundo atual, da mídia móvel, estamos constantemente agindo com uma tela ou outro dispositivo, principalmente porque podemos” (WATKINS, 2009, p. 134). O autor aponta o momento como um estilo de vida digital, composto pelo conjunto de tecnologias disponíveis e seus diferentes usos. Esse estilo de vida é analisado neste bloco.

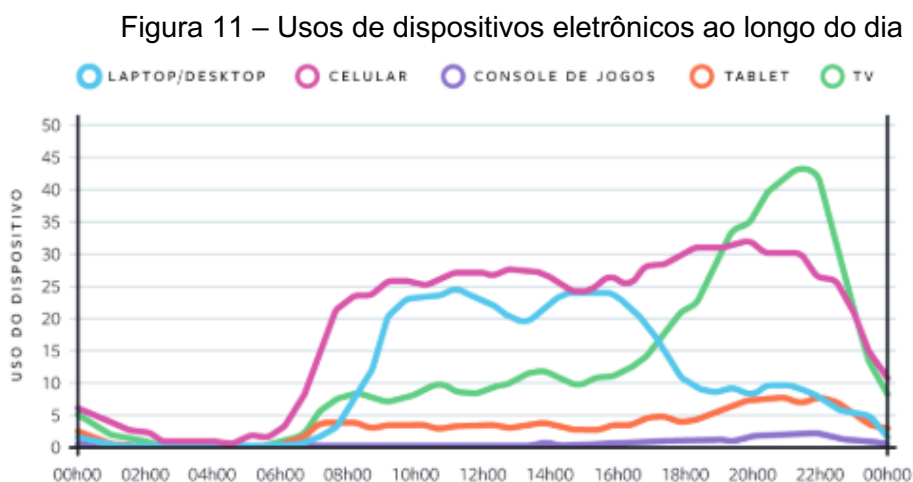
A presença das telas, principalmente do celular, da televisão e dos *tablets* foram tema da entrevista com as cinco famílias. Para análise desta categoria, inicialmente foi elaborado uma linha do tempo, contemplando um dia na vida de cada um dos entrevistados e onde as tecnologias de informação e comunicação estão presentes. Destaca-se a centralidade do celular como mediador de outros acessos e serviços, muito além das conversas por voz, que não aparece nos diálogos realizados.

Utilizado como referência para o estudo, a Figura a seguir<sup>16</sup> mapeia o uso de diferentes dispositivos nas 24 horas do dia. Publicado em artigo do *Facebook IQ*, foi elaborado a partir de dados publicados na pesquisa *Vida cotidiana* do IPA

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/insights/a-day-in-the-onscreen-life>  
Acesso em: 4 fev. 2020.

*TouchPoints*. Embora traga dados de adultos no Reino Unido, inspirou a realização das entrevistas com as cinco famílias.



Fonte: Facebook IQ (2018)

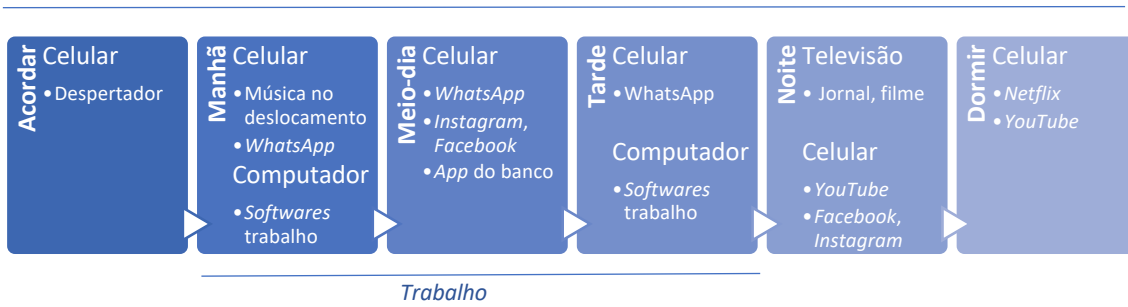
A curva que acompanha o celular também ilustra o comportamento dos entrevistados, bem como o pico de uso de televisão na parte da noite. Na análise, também foi contemplado como a música insere-se na rotina, a forma como o celular é utilizado quando não possui conexão com a Internet, o uso dos aplicativos e como o consumo de vídeos acontece.

### FAMÍLIA A (Gabriela e Lis)

A análise da rotina da *Família A* apresenta espaços de desconexão. Exceto pelo ambiente de trabalho da mãe, que possui computador, o restante do uso de Internet é realizado exclusivamente nos celulares e em locais com *wi-fi* liberado gratuitamente. O dispositivo muda de funcionalidade quando está sem conexão com a Internet, durante as manhãs, em casa, torna-se um *player* de música para Lis. Já a televisão é um aparelho que fica ligado nos momentos em que a avó está em casa, pois nos demais, o celular é a principal tela para assistir a vídeos. Durante a noite, antes de dormir, o hábito de assistir a séries no *smartphone* é compartilhado tanto pela mãe quanto pela filha, conforme podemos perceber nas figuras a seguir.

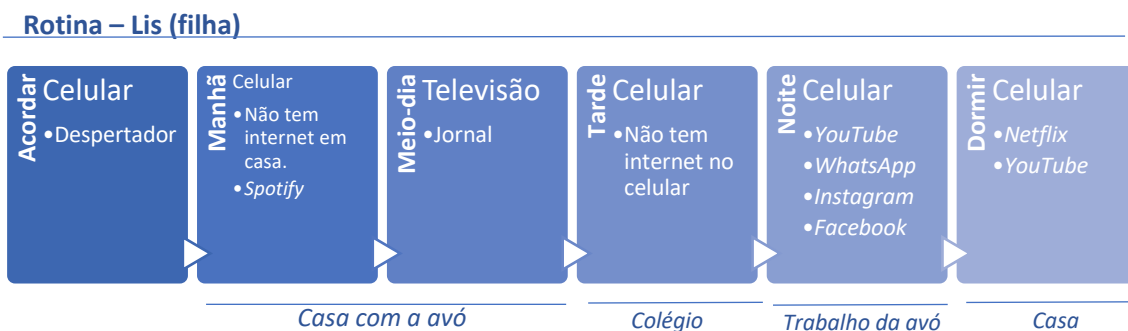
Figura 12 – Rotina Gabriela (mãe)

Rotina – Gabriela (mãe)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Figura 13 – Rotina Lis (Filha)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Lis é uma pré-adolescente que consome muitos vídeos no *Instagram* e, principalmente, no *YouTube*. Segundo ela, passa quase três horas por noite assistindo a vídeos no celular. As recomendações partem dos amigos e das notificações que recebe dos canais que assina no *YouTube*. Esse mesmo hábito é estendido para os momentos de estudo, oportunidade de buscar vídeos de dicas e matérias que necessita aprofundar para o colégio.

A ausência de Internet em casa e na escola impacta a forma como Lis utiliza o celular nestes momentos. O aparelho torna-se um *player* de música, exclusivamente. “Se pudesse teria *wi-fi* liberada 24h, melhoraria a vida”, conta Lis. A restrição ao uso de Internet tem relação com o custo do serviço, que não é contratado em casa, apenas no trabalho da avó. Em casa, o uso é limitado ao pacote de Internet da mãe, que compartilha o sinal, priorizando o uso de aplicativos que a operadora libera gratuitamente, sem descontar da franquia limitada de Internet. “Se eu estou com a minha mãe eu uso bastante, menos *YouTube* porque gasta muita

Internet, ela não deixa. Uso *Instagram*, às vezes uns vídeos bem rapidinhos. *WhatsApp* é liberado, falo com todo mundo, tô sempre falando”, explica.

A ausência de conexão, segundo Winocur (2009), pode gerar um trauma de separação, uma angústia e ameaça de exclusão. Watkins (2009) realça também essa perspectiva. Para ele, estar desconectado gera ansiedade e desconforto. “Hoje, ao solicitar que alunos desliguem seus computadores e celulares, você está pedindo-lhes para desligar as suas vidas” (WATKINS, 2009, p. 185). O autor analisa como a banda larga mudou a vida dos americanos, levando o entretenimento da rua para dentro de casa. A Internet móvel mudou mais uma vez esse contexto. No caso da Família A, mãe e filha compartilham o hábito de ouvir música nos deslocamentos de casa até o trabalho ou o colégio. Celular sem conexão ganha essa funcionalidade.

Durante as entrevistas, a maioria dos filhos indicou que os seus pais usam mais tecnologias, especialmente o celular, do que eles. Há exceções. Lis acredita que a sua mãe não utiliza tanto: “Não é da idade dela. É que tipo, na minha cabeça, as pessoas que mais usam a Internet em si são os jovens. Ela trabalha, ela tem mais preocupação, conta pra pagar. Não vai perder tempo ficando no celular”. Mesmo com o discurso ponderado, cita casos em que precisou chamar atenção de sua mãe que não respondia por estar concentrada no celular.

Gabriela tem a percepção de que a tecnologia permitiu que ela e sua filha conversassem mais. “Uso muito o celular, tá incluído quase 100% na nossa vida porque utilizo pra tudo. Até pra falar com a Lis, se preciso alguma coisa urgente”. Ao mesmo tempo, preocupa-se com o tempo, segundo ela excessivo, que sua filha passa no celular. “Essa é uma briga nossa porque às vezes ela passa tempo demais no celular. Quando chega da escola, até o horário de dormir ela está no celular. Não 100%, mas pelo menos 50% do tempo ela está no celular. Acho muito ruim”, percebe a mãe.

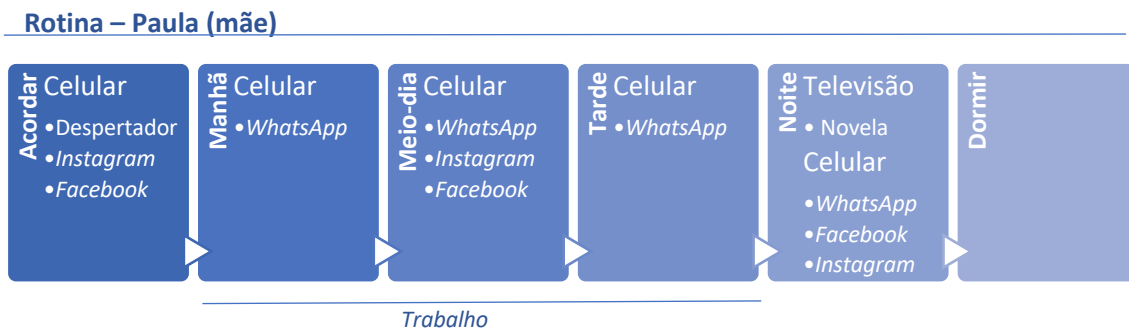
Lis já tem seu próprio celular há cinco anos e concorda com a percepção de sua mãe. “Com 8 anos eu não tava tão vidrada como eu tô agora. Eu só jogava joguinho da cobrinha. Agora tem mais coisas, é mais divertido”, comenta. O celular segue acompanhando a rotina até minutos antes de dormir, quando mãe e filha consomem o mesmo conteúdo, juntas, pela tela do celular. “Essa coisa de assistir

*Netflix* deitada na cama com celular ela pegou de mim, não tinha o costume. Até porque eu a chamava pra assistir comigo”, comenta Gabriela.

## FAMÍLIA B (Paula e Bia)

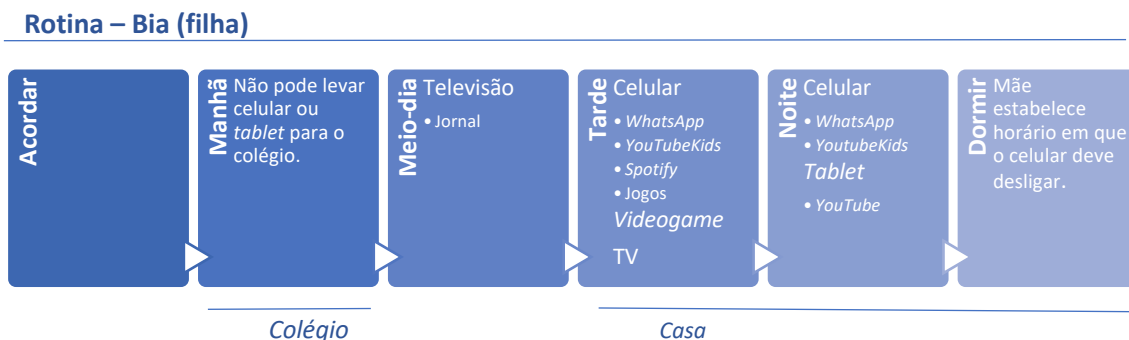
O destaque da linha do tempo da *Família B* é o *WhatsApp* como fio condutor da rotina, tanto para a mãe quanto para a filha, que não tem Redes Sociais Digitais em função da idade. Ainda, a presença da televisão, um hábito da mãe, de assistir novelas no turno da noite, junto com a filha. Já o celular apareceu nas mãos da Bia há pouco tempo e é monitorado por meio de aplicativo, por isso, o tempo de uso é restrito. O acesso à tecnologia é amplo em casa, com televisão, *tablet*, *videogame* e celulares. Todos em uso diário e, por vezes, simultâneo.

Figura 14 – Rotina Paula (mãe)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Figura 15 – Rotina Bia (filha)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

O uso do celular tem protagonismo na rotina da Família B. “Celular fica sempre por perto, da hora que eu acordo até a hora de trabalhar uso *WhatsApp*,

Rede Social, essas coisas assim”, relata Paula, que mantém o celular ao seu lado mesmo quando está em casa: “Só naqueles momentos de tomar banho, fazer comida. Mas quando sento no sofá, ele está ali”. O fato de usar tanto o aparelho, segundo a mãe, influencia o uso da filha: “Se eu não tivesse o hábito, eu poderia cobrar mais”. Na avaliação da mãe, Bia é muito dependente do celular e fica com ele o tempo todo, exceto quando está dentro da escola, onde é proibido.

Turkle (2011) preocupa-se com as crianças que recebem celulares cada vez mais cedo e que, por isso, não desenvolvem a capacidade de ficarem sozinhas. Nesse contexto de ampla disponibilidade de tecnologia e conexão com a Internet, Paula também tem essa preocupação e compara o tempo em que era adolescente com a vivência da sua filha:

Hoje em dia tem televisão no quarto, videogame que acessa Internet, celular, tem *tablet*, não tem tempo pra ficar entediado. Na minha época só na sala tinha TV. Meu pai escolhia o que assistir: Jornal Nacional, novela e meio-dia Jornal do Almoço e esporte. Era só isso. Ficava no 12 o tempo todo”.

Aos 9 anos, Bia não tem autorização dos pais para ter *Facebook* e *Instagram*. O *App* que mais utiliza no celular é o *WhatsApp*, seguido pelo *Spotify* e jogos. Mesmo antes de ter o seu próprio celular, Bia já utilizava *smartphones* e *tablets* de familiares. “Ficava no meu *tablet* brincando e usava muito o celular da minha mãe. Baixava tudo que era jogo. Travava e tudo. Eu reclamava do celular. Dava vontade de tacar na parede”.

Com disponibilidade de diferentes aparelhos conectados à Internet, Bia é exigente e reclama quando não funciona. “Não baixa jogo. O *tablet* tá ruim demais também, só pra assistir vídeo. Não dá pra fazer quase nada nele, trava tudo. Esses dias eu tava jogando e meu boneco ficou em câmera lenta. Não dá”, reclama.

Quando está conectada, Bia assiste vídeos no aplicativo do *YouTube* instalado no *tablet* da sua mãe, pois no seu celular só tem acesso ao *YouTube Kids*: “Eu não vejo muito no *YouTube Kids*, tem pouca coisa ali, prefiro o *tablet* pra ver *Julia Minergirl*, tem o *Luluca*, vídeos de *Roblox*, *Minicraft*, tem de várias coisas”, muitos dos vídeos tem relação com os jogos que ela gosta.

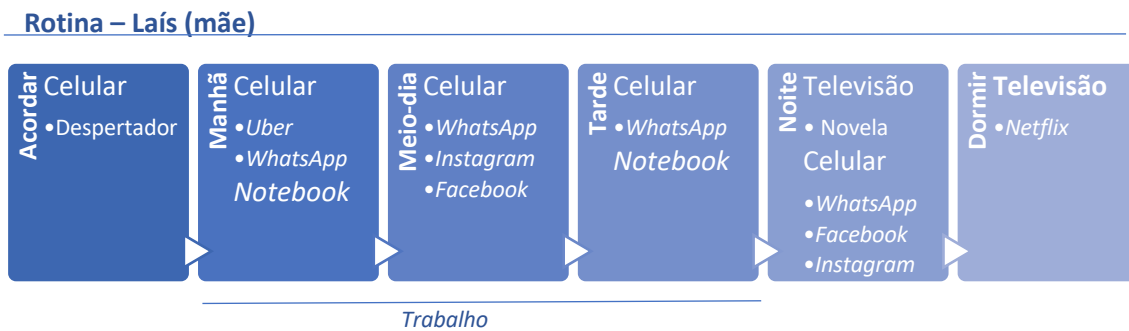
Estes jogos são *online* e mantêm conectados os colegas da escola, no período da tarde e noite. “O jogo conecta com várias pessoas, dá pra jogar até com amigos. Tem vários jogos. Eu tenho um perfil, tem essa bonequinha, e tem meus

amigos e de fora também”, explica. Para combinar os horários, utilizam *WhatsApp*. Neste caso, a tecnologia aproxima os amigos para seguirem próximos nos horários em que não estão na escola. Boyd (2014) aponta esse caminho ao destacar que as interações mediadas pelas tecnologias complementam ou suplantam os encontros presenciais. Usar a Internet, estar conectado tem relação social, com os amigos.

### FAMÍLIA C (Laís e Duda)

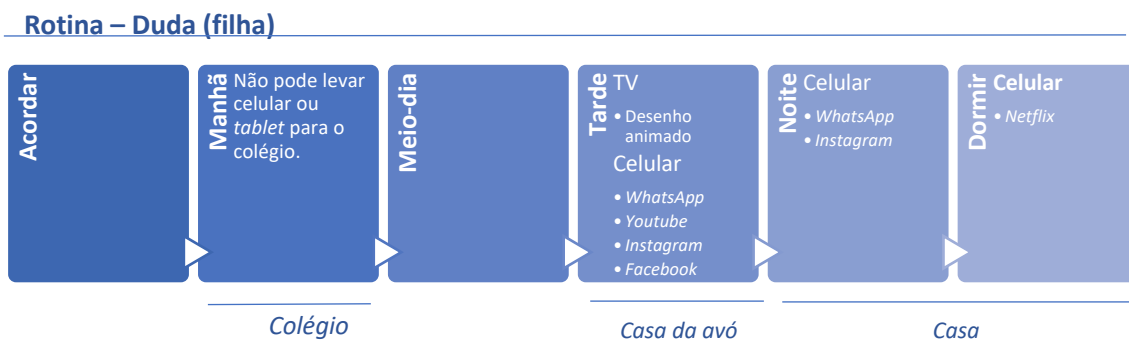
Os membros da *Família C* são muito conectados. Duda vai para o colégio de *Uber*, sua avó a busca de carro ao meio-dia, horário em que começam as videochamadas para as amigas. Pela tarde, o celular reaparece após o dever de casa e passa a ser o elo com a mãe, por meio do *WhatsApp*. Pela noite, a dimensão das telas muda. Laís e o seu marido assistem séries na TV do quarto enquanto Duda usa o *Netflix* para ver sozinha outras séries.

Figura 16 – Rotina Laís (mãe)



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Figura 17 – Rotina Duda (filha)



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

A logística que envolve a rotina da filha é organizada pela mãe. Pelo seu *smartphone* chama o *Uber* que a leva para o colégio e fica em contato com a avó que vai buscá-la no final da aula. No decorrer do dia, o *WhatsApp* ganha relevância nos diálogos entre mãe e filha, mesmo no horário de trabalho. “Eu tenho que lembrar que não posso ficar ouvindo os áudios toda hora. Eu explico que nem sempre posso responder, mas ela tenta conversar o dia inteiro, eu podo”, explica Paula.

Dois autores trazem contribuição para análise desse contexto. Watkins (2009, p. 174) fala no uso de celular pelas famílias como fonte de segurança, um gerenciador da vida doméstica, uma maneira eficiente de coordenar agendas e se comunicar em família. Já Winocur (2009, p. 37) aponta a popularização dos celulares como a inauguração de um ritual de regressão à segurança do útero materno, no sentido em que pais possuem um novo recurso para estarem permanentemente ligados aos seus filhos, independentemente de estarem perto ou longe.

Outro meio utilizado com frequência pela Família C é a televisão, com monitores presentes em diversos cômodos da casa: cozinha, sala e quartos. “Temos uma TV na cozinha que é para novela e jornal. Lá não tem TV a cabo então acabamos vendo noticiário mesmo. Nos quartos, cada um vê as suas séries”, relata Laís que teve televisão no quarto desde a sua adolescência e fez o mesmo com a sua filha, que teve primeiramente TV com DVD, depois videogame e, mais recentemente, uma televisão conectada à Internet. A televisão torna-se um ponto de conexão para outras mídias, no caso da Duda, para *Netflix* e *YouTube*, principalmente.

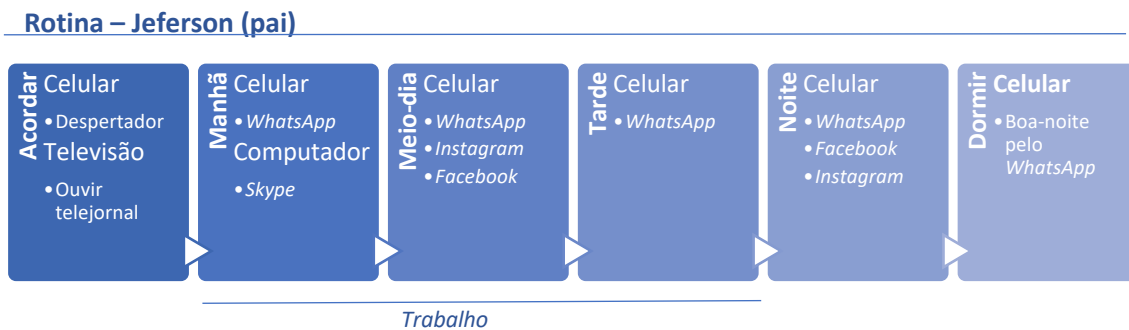
Além da TV no quarto, Duda tem celular há dois anos. “Minha mãe não deixava ter antes, eu queria e minha mãe não deixava, dizia que eu tinha que me focar mais nos estudos. Eu concordo, senão eu ia ficar o dia todo no celular, igual minha colega, não faz mais nada”, conta a pré-adolescente, que tem nos vídeos a grande importância do seu celular. Seja aqueles que ela aparece, nas videochamadas que costuma fazer com as amigas, ou os canais do *YouTube* que costuma assistir. “Vejo os vídeos segurando o celular na mão. Aqueles do *YouTube* e os do *Instagram* também”, comenta Duda, que possui um suporte para uso do celular enquanto está tomando banho, não interrompendo o contato com seu grupo social.



## FAMÍLIA D (Jeferson e Felipe)

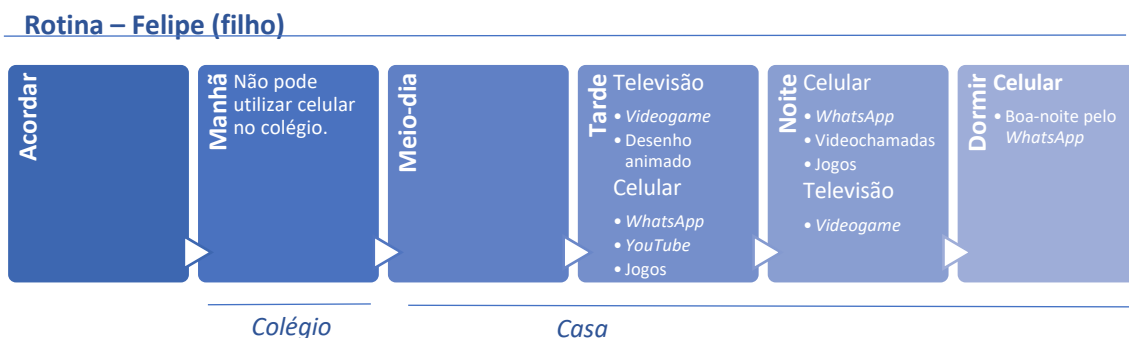
A relação da Família D com as tecnologias se difere das demais em virtude da menor importância dada ao celular pelo filho e o potencial uso de tecnologias pelo pai. Sendo assim, o *WhatsApp* surge como conector da família e facilitador de atividades que acontecem *offline* como o futebol, por exemplo. Entre esporte e celular, Felipe prefere o futebol, mas usa o *WhatsApp* para organizar o time. Jeferson presenteou seu filho com celular para ficarem mais próximos, pois não moram juntos durante a semana.

Figura 18 – Rotina Jeferson (pai)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Figura 19 – Rotina Felipe (filho)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Jeferson considera-se um usuário integral de tecnologia, por perceber sua conexão quase constante, principalmente por meio do celular. “Não vou dizer 24 horas, mas praticamente o tempo todo que eu tô acordado. Fico com o celular bastante, tanto o pessoal quanto o profissional. Já falo com a minha equipe antes mesmo de chegar no trabalho”, relata o pai de Felipe, que também utiliza o *WhatsApp* para estar mais próximo do filho, que mora com a mãe durante a semana.

Ele tem um celular, então minha comunicação com ele é pelo *WhatsApp*, diário, uma forma mais fácil. Como eu tô sempre ocupado, na correria é mais fácil mandar áudio, mandar foto do que fazer uma ligação. Eu dei um celular pra ele por isso, principalmente, pra estar mais presente. Assim, conseguimos nos comunicar melhor por lá. Fico em contato com ele 24h, principalmente na idade que ele tem. (JEFERSON)

Aos 10 anos de idade, a tecnologia não é sempre a primeira opção de Felipe, que prefere jogar futebol e ficar na rua do que usando celular. Mesmo assim, o aparelho está presente na sua rotina. “Meu pai me deu celular há dois anos, eu queria porque os meus amigos já tinham *WhatsApp* e eu não tinha ainda, queria ter alguma forma de conversar com eles, de jogar com eles”. Neste caso, a tecnologia aparece como forma de aproximar e os jogos também aparecem nessa rotina. Enquanto jogam, Felipe e seus amigos usam o recurso de videochamada do *WhatsApp* para se comunicar e combinar estratégias dos jogos *online*.

O *YouTube* é uma plataforma bastante acessada por Felipe, que busca vídeos relacionados aos jogos preferidos no videogame. “Eu assisti um vídeo que meus amigos falaram, depois fui clicando e vendo outros de *Fortnite* e *Minecraft*. Aprendo como fazer uma porta, vejo e faço, então eu sei tudo. Assisto pra aprender como jogar”. Nessa perspectiva, celular e videogame associam-se para ampliar a experiência do jogo e aproximar os amigos. Watkins (2009, p. 51) desconstrói em suas pesquisas o estereótipo de que a tecnologia está transformando os jovens em um “rebanho eletrônico de reclusos sociais”, por estarem, supostamente, preferindo interagir com computadores e celulares do que com pessoas físicas. Pelo contrário, ele demonstra que a tecnologia aproxima e, no caso dos jogos, como Felipe e seus amigos, estão fisicamente separados, mas jogando juntos.

Para jogar, utiliza a televisão de casa. Durante a noite, precisa dividir com a mãe, que gosta de ver novela e usar celular ao mesmo tempo, característica que chama sua atenção:

Acho que ela usa demais. Até no banheiro ela usa, fica praticamente o dia todo usando celular. Jogando, ela também joga. Às vezes eu quero jogar no celular dela, aí espero começar a novela pra jogar, mas quando inicia a novela ela também usa o celular. Faz duas coisas ao mesmo tempo, ela vê novela e ainda fica digitando. Ela fica vendo um pouco a TV, um pouco o celular, TV, celular. (FELIPE)

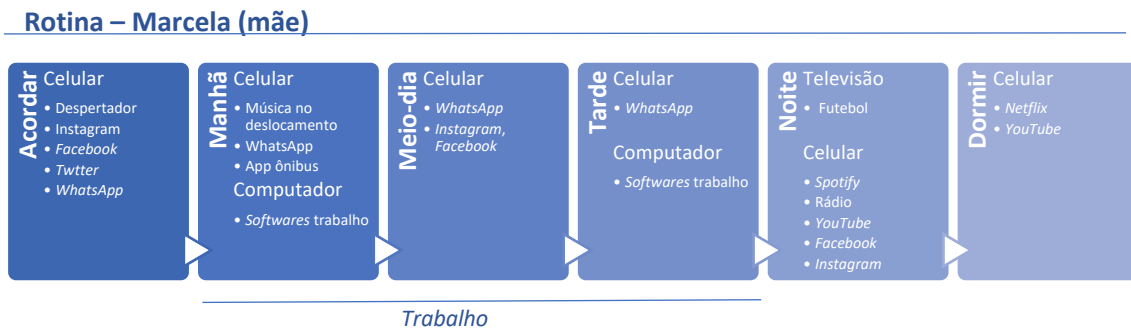
A percepção de Felipe quanto aos hábitos da mãe não chega a influenciá-lo, pois ainda não faz uso tão frequente do celular. Mesmo assim, seu pai, Jeferson demonstra cuidado nesse sentido: “Eu sempre tive preocupação de crianças que só

ficavam no videogame, viciados no celular, em computador. Queria que ele aproveitasse mais e tento mostrar outras coisas fora do celular”, comenta.

**FAMÍLIA E (Marcela e Pedro)**

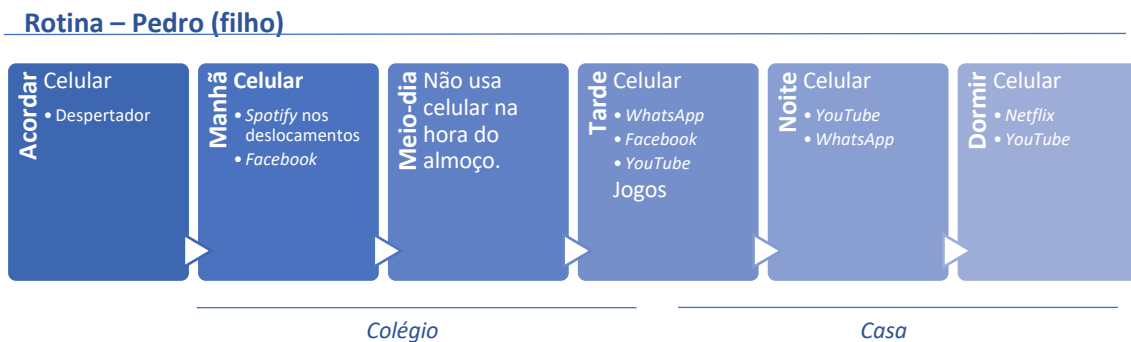
As influências de uma geração na outra podem ser percebidas na *Família E*. Marcela tem como hábito consumir música desde o momento em que acorda, usa ônibus, durante o trabalho e a noite, enquanto organiza a casa. Seu filho, Pedro, também tem a música acompanhando sua rotina. O fone de ouvido pode ser comparado com uma peça do vestuário, nenhum dos dois sai de casa sem, bem como o celular que acompanha as atividades de ambos, desde a hora de acordar a ir dormir. A televisão aparece nos quartos, conectadas à Internet e utilizam como suporte para assistir *Netflix* e *YouTube*.

Figura 20 – Rotina Marcela (mãe)



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Figura 21 – Rotina Pedro (filho)



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

O dia da Família E começa com o toque do despertador do celular. Marcela é a primeira a acordar e, antes de sair da cama, verifica suas Redes Sociais. “É onde eu atualizo app, onde eu vejo tudo. *Instagram*, previsão do tempo, *WhatsApp*, *Twitter*”. O celular segue integrado à rotina, com aplicativo para acompanhar o horário do ônibus e *Spotify* durante todo o deslocamento de casa até o trabalho. Pedro tem comportamento semelhante, com menor ênfase para o uso das Redes Sociais, pois pela manhã a principal função do celular é reproduzir músicas. “Tiro o despertador, olho o horário, boto meu fone e fico até a hora do colégio. Celular fica no bolso”, explica Pedro, que estuda em uma escola que não permite que os alunos utilizem celular durante as aulas: “Aproveito pra olhar nas trocas de período, mas bem pouquinho, olho o *Facebook*. Na hora do almoço (no colégio) eu não mexo no celular, fico conversando com os guris”. Durante a tarde, Pedro fica em casa sozinho enquanto os pais trabalham.

A casa da Família E possui uma TV na sala, utilizada principalmente em dia de jogos de futebol. “A TV fica ligada à toa. Fico mexendo no celular o tempo todo, no *Spotify* e na *Itapema*. Eu ouço no aplicativo da *Itapema*, não o rádio. 90% da minha noite eu deixo o celular com música e vou fazendo as coisas da casa”, explica a mãe.

Além da TV comum da família, Pedro tem TV no quarto desde criança. “Depois de um tempo, trocamos a TV dele por uma *smart*, quando ele fez 11 e passou a ter acesso à *Netflix*, *YouTube*”. O *YouTube* aparece tanto no celular quanto na televisão do quarto dele, mas sua preferência é o celular. “Eu vejo tudo no celular. Minha mãe até fala que na TV é melhor e não prejudica os olhos, mas eu peguei mania, comecei a usar no celular”. O conteúdo tem relação com esporte que pratica (futebol), comédia e videoaulas. O principal momento do dia em que consome vídeos é à noite, chega a passar até três horas utilizando o celular.

Eu fico vendo vídeo no *YouTube*, olho *Facebook*, vejo negócio sobre o Inter que agora eu sou fanático. As mensagens do professor do futebol. A gente criou um grupo no *WhatsApp*, ele tem um pra cada time. Ele manda “aí galera, hoje não tem treino”, ele manda convocação, avisa dos horários, tudo no *WhatsApp*. Então, eu fico nesse meio tempo ou no *YouTube* ou no *Facebook* ou no *WhatsApp* (PEDRO).

Os aplicativos estão presentes em toda a rotina da Família E. Desde que a mãe acorda e usa a expressão “atualizar app” para conferir as notificações de cada um dos aplicativos que usa, até o período da noite em que o filho dedica horas

alternando entre vídeos e redes sociais. Conforme Gardner e Davis (2013), os aplicativos transformaram o *smartphone* em uma central de controle do cotidiano. É o caso da Família E, nesse contexto da presença das tecnologias.

## SÍNTESE ANALÍTICA DA CATEGORIA

Essa categoria contribui para a solução do problema à medida que são identificados os principais usos de tecnologia na rotina das famílias entrevistadas. Ao criar uma linha do tempo, pode-se perceber como alguns elementos são comuns, como o uso constante do celular e como cada um o insere nas suas atividades, de acordo com as disponibilidades que possuem. Pode-se afirmar que a tecnologia ampliou as conversas e aproximou as famílias. Com pais e mães trabalhando em tempo integral, os filhos passam um turno do dia, ao menos fora da escola, estando na casa de tios, avós, sozinhos ou fazendo outra atividade para ocupar esse tempo livre. De acordo com as entrevistas, essa amostra, em Porto Alegre, encontra no *WhatsApp* um elo na rotina de pais e filhos.

Esse contexto de conexão tem relação com o estudo de Gardner e Davis (2013), ao considerarem o celular como um controle remoto da vida moderna. No caso dos entrevistados, quando falam celular, estão se referindo à *smartphones* e o uso concentra-se nos aplicativos. Nenhum entrevistado citou a função telefonar ou mesmo o uso de algum navegador para acessar a Internet. Neste grupo de Porto Alegre, tudo acontece pelos aplicativos, que organiza a vida das famílias. Desde a hora de acordar, passando pelo aplicativo de transporte, *delivery* de comida, banco, redes sociais.

Porém, o celular tem esse protagonismo quando está conectado à Internet. Em modo avião ele ganha outros usos e perde a centralidade. Para os entrevistados, torna-se um *player* de música ou acaba sendo substituído por outras mídias, como a televisão e o *videogame*. O grupo analisado, de crianças e pré-adolescentes da Geração Z, convivem com diferentes momentos de desconexão. Desde a ausência de *wi-fi* em casa, por motivos financeiros, até mesmo a proibição imposta pelas escolas. Como forma de inibir o uso, a cidade de Porto Alegre possui

uma Lei Municipal<sup>17</sup> que proíbe o uso de aparelhos celulares durante as aulas, na Rede Municipal de Ensino:

LEI Nº 11.067, DE 10 DE MAIO DE 2011.  
Art. 1º Fica proibido o uso de aparelhos de telefone celular durante as aulas, nas escolas públicas da Rede Municipal de Ensino.  
Parágrafo único. Os aparelhos de telefone celular deverão permanecer desligados e guardados durante as aulas (PORTO ALEGRE, 2011).

Momentos de desconexão são experiências difíceis para a Geração Z, que relata ansiedade, sentimento de perder as conversas com os amigos ou exclusão dos grupos. Usuários há mais de 10 anos, a Geração Y não relata esses sentimentos, pelo contrário, os pais buscam reduzir o uso de tecnologia e mediam o acesso dos filhos, conforme analisado posteriormente. A preocupação dos adultos é a dependência ou o tempo de uso excessivo. Segundo Watkins (2009), os pais estão equivocados ao imaginarem que as crianças que crescem no meio digital se tornarão escravas da tecnologia, menos sociáveis.

A pesquisa realizada mostra a Geração Z consciente da necessidade de os pais acompanharem seus usos e a dependência do celular, uma forma de se manterem conectados aos amigos. Trata-se menos da tecnologia e mais das pessoas. O resultado segue as análises de Boyd (2014), que indica jovens viciados em amigos e não em tecnologia, bem como na percepção de Palfrey e Gasser (2011) ao pontuarem que os jovens não separam os modos de vida *online* e *offline*. A contribuição desta dissertação é identificar que a Geração Z utiliza tecnologia para expandir experiências (videochamadas enquanto jogam videogame), para manter-se próximo dos pais (uso do *WhatsApp*), para organizar atividades (convocação para jogos) e para se divertir (música, jogos, vídeos), quase sempre acompanhados por amigos conectados a eles nas atividades.

Ao analisar a disponibilidade de tecnologia na rotina, a televisão aparece em todos os casos analisados. As famílias possuem TV em casa, tanto na sala, para uso coletivo, quanto nos quartos. A diferença de idade dos entrevistados (9 a 15 anos) indica usos diferentes como acompanhar desenho animado para os mais novos e conexão com o videogame para os mais velhos. Destaque para o uso passivo do aparelho, ligado aos hábitos dos avós e dos pais.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000031676.DOCN.&l=20&u=/netahtml/sirel/simples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT> Acesso em: 15 fev. 2020.

Para além da TV, o consumo de vídeo é muito presente para a Geração Z, tendo o *YouTube* como principal plataforma. O horário nobre é o noturno, com o celular na mão. Neste grupo de entrevistados de Porto Alegre, a recomendação para assistir novos vídeos acontece, principalmente, pelos amigos da escola e da reprodução automática *do YouTube*. Não citam os pais como fonte de indicações para quais conteúdos assistir, somente quando o tema foi controle e acompanhamento.

Além dos vídeos, a música ganha espaço nos celulares e, acompanhado do fone de ouvido, integra-se à rotina tanto dos pais quanto dos filhos. O consumo de vídeos e música acontece em qualquer lugar e a qualquer hora. Nesse sentido, Watkins (2009) relaciona o contexto digital com o consumo de entretenimento. “No ambiente cultural atual, o entretenimento rápido é mais do que um luxo ou uma maneira de passar o tempo. É um direito que cada vez mais nós esperamos, não importa onde estamos” (WATKINS, 2009, p. 191). Uma observação importante, nesse contexto, é o uso do celular sem Internet, que segue sendo utilizado para entretenimento, mas com foco em músicas que podem ser ouvidas de modo *offline*.

Um dos estereótipos atribuídos às crianças e pré-adolescentes é serem viciadas no celular e esse tema já foi abordado anteriormente, inclusive pelo aporte teórico do trabalho. Porém, uma das descobertas tem a ver com a percepção dos filhos quanto ao consumo dos pais. Percebem que, por vezes, os pais estão mais viciados em celular do que eles. Esse consumo está muito ligado às Redes Sociais Digitais, onde os pais seguem atuando há mais de 10 anos e é tema da próxima categoria.

#### **6.2.4 Redes sociais digitais: como as gerações utilizam e se relacionam?**

Entre os objetivos da pesquisa está identificar marcas de uma geração na outra, na medida em que convivem em um mesmo tempo e espaço. Observar como utilizam as Redes Sociais Digitais vai ao encontro deste propósito, mesmo sem detalhar especificidades de cada uma delas ou o comportamento dos usuários. O trabalho não tem como objetivo estudar as Redes Sociais, mas fazem parte do

contexto e emergiram como categoria. Por isso, cabe conceituá-las à luz de autores que abordam o tema.

A pesquisadora Raquel Recuero (2009) compreende Rede Social como um conjunto de dois elementos: atores (instituições, pessoas, outros – os nós das redes) e as conexões entre eles (interações ou laços sociais). Estudar as redes não é fruto da contemporaneidade, o fator digital traz um novo olhar para o tema. Outra perspectiva é a de Castells (1999, p. 498), quando define Redes Sociais como conjunto de nós interconectados, como estruturas abertas capazes de “expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação”. Nas Redes Sociais Digitais esse contexto é possível e, segundo Watkins (2009), a maior parte dos adolescentes e jovens preferem se relacionar via Redes Sociais na Internet com as mesmas pessoas que encontram fora da rede.

Como conceito, Recuero (2009, p. 102) distingue as redes sociais dos sites de redes sociais. “Sites de Redes Sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet”. Nesta dissertação, compreende-se as Redes Sociais Digitais *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* do mesmo modo que os sites citados por Recuero, pois “possuem mecanismos de individualização (personalização, construção do eu, etc.); mostram as Redes Sociais de cada ator de forma pública e possibilitam que os mesmos constituam interações nesses sistemas” (RECUERO, 2009, p. 103).

Ao analisar as Redes Sociais na Internet, Recuero (2009) enfatiza o surgimento destas estruturas sociais, mediadas pelo computador, e como as interações geram fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para ela, uma Rede Social sempre é um conjunto de atores e suas relações. Uma das características da Geração Y é a possibilidade de uso das redes sociais desde que elas foram criadas, há mais de dez anos. Os pais puderam acompanhar o surgimento dos primeiros sites que ofereciam a possibilidade de estabelecer contato e relacionamento com outras pessoas como *Orkut* e *Facebook*, inicialmente.

Boyd (2014) traz sua leitura para a forma como esses sujeitos fizeram uso das redes no começo: tendo como intenção fugir do mundo real e do contexto que



viviam. Já a Geração Z demonstra usar as redes para entrar em contato com os seus amigos, pessoas conhecidas, em uma continuidade da vida *offline*. Contudo, em um determinado momento histórico, pais e filhos passaram a fazer parte das mesmas redes e sugeriram os primeiros conflitos entre as gerações.

Como forma de organizar a análise, buscou-se mapear qual o principal uso de cada membro da família para cada Rede Social, tornando possível a comparação entre pais e filhos. Nos depoimentos dos entrevistados e para esse bloco de análise, foram consideradas Redes Sociais Digitais o *Facebook*, o *Instagram* e o *WhatsApp*. Embora o *Twitter* também tenha sido citado, não apareceu com frequência suficiente para análise entre as famílias.

### **FAMÍLIA A (Gabriela e Lis)**

Mãe e filha estão presentes nas três redes analisadas. Gabriela entrou no *Facebook* há 10 anos e hoje reduziu o seu uso, trocando pelo *Instagram*. Na rede, mantém um círculo de amigos ativo. “Serve pra seguir acompanhando amigas que eu não vejo mais. Tu tens aquele elo, não vê todo dia e acaba falando por ali. Uso mais especificamente pra amizades mesmo, me exponho bem pouco”, comenta Gabriela que tem o *WhatsApp* como aplicativo mais utilizado em seu celular, incluindo frequentes postagens de *stories* que permanecem 24 horas e desaparecem, assim como no *Instagram*.

Lis tem no *Instagram* um ponto de encontro com seus artistas preferidos e nas Redes Sociais, seu canal de notícias. “Só as do meu interesse, não acesso site de notícias, só no *Insta* e *Face*”, comenta Lis que, como castigo, já ficou sem celular por cinco meses. O que mais sentiu falta foi utilizar as Redes Sociais, pois não tinha como conversar com as pessoas. “Perdia muitas conversas. Tinha um grupo da minha turma, que eles lembravam dos trabalhos, passavam as revisões e eu perdia tudo. Ficava sabendo na sala, no outro dia. Era ruim, me sentia excluída da turma”.

### **Os usos de cada rede (Filha – Lis)**

- **WhatsApp:** conversar com os amigos. Usa muito o *status* e envia figurinhas que baixou do celular da mãe. “Meus amigos estão sempre postando muito e eu fico vendo”.

- **Instagram:** segue os artistas favoritos. “Acompanho as pessoas que eu mais gosto, mas de longe. Eu não tenho o *WhatsApp* dos meus artistas favoritos, então vou pro *Instagram*”.
- **Facebook:** curtir e compartilhar memes. “Eu não converso, mas sempre posto ‘memes’ aleatórios. Nunca coloco onde estou”.

#### Os usos de cada rede (Mãe – Gabriela)

- **WhatsApp:** É o aplicativo que mais utiliza. “Tanto pra me comunicar com a Lis quanto com o meu namorado e família, no grupo da família. Uso direto”.
- **Instagram:** Utiliza para ver postagens de artistas e amigos, mas não posta com frequência.
- **Facebook:** Usa há mais de 10 anos e não diferencia do *Instagram*. “O que eu posto no *Insta* vai direto pro *Face*, sempre a mesma coisa”.

#### FAMÍLIA B (Paula e Bia)

Em função da idade, 9 anos, Bia ainda não tem autorização da sua mãe para criar perfis no *Facebook* ou *Instagram*. Para ela, *WhatsApp* é a única rede que está autorizada a participar. “Eu não gosto que ela tenha *Face* e *Insta*. Jogos eu consigo ver o que acontece, mas no *Instagram* tem propaganda, gira de tudo, é um mundo. Às vezes vai pesquisar uma palavra, vai entrar num assunto que não é pra idade”, justifica a mãe que possui perfil nas redes e utiliza o *Facebook* e o *Instagram* com a mesma finalidade.

Enquanto aproveita todas as funcionalidades do *WhatsApp*, desde envio de áudio, figurinhas, chamadas de voz e vídeo, espera o momento para ter acesso às outras redes. “Se eu tivesse idade eu teria, queria ver minhas amigas postando coisa, queria postar também”, relata Bia.

#### Os usos de cada rede (Mãe - Paula)

- **WhatsApp:** rede que mais usa, pois prefere conversar nos grupos e com as pessoas mais próximas diretamente pelo *App*.
- **Instagram:** Entretenimento, procurar assuntos e pessoas interessantes.
- **Facebook:** Mesmo uso do *Instagram*.

### Os usos de cada rede (Filha – Bia)

- **WhatsApp:** Envia áudios ao longo do dia para sua mãe, para combinar de ir para a casa de amigas e dúvidas relacionadas ao tema de casa. Utiliza mais o *status*, assim como seus amigos. “Meus amigos postam tudo que vem na cabeça”. Faz parte de diversos grupos que reúnem os colegas da escola. “Tem o ‘só quem é louco’ e o ‘*best friends*’, ficam falando bobeira o dia inteiro. Esses dias deu 112 notificações do grupo”.
- **Instagram:** Não possui.
- **Facebook:** Não possui.

### FAMÍLIA C (Laís e Duda)

O uso das Redes Sociais, além da vida pessoal, no ambiente de trabalho, sobrecarrega Laís. Além das demandas profissionais, a filha permanece o dia conectada e estimulando conversas com a mãe, quase sempre por áudios. “As pessoas quase não se ligam mais, se liga é porque é muito íntimo ou muito importante. Quanto toca o telefone eu sei que é algo muito importante”, conta Laís. A rede preferida da Duda é o *Instagram*, para acompanhar artistas e os seus amigos. Ela deixou de usar *Facebook*, priorizou o *Instagram* e já cansou dos grupos do *WhatsApp*.

### Os usos de cada rede (Mãe - Laís)

- **WhatsApp:** Utiliza para trabalhar e se relacionar com a família, por isso, tem dificuldade em gerenciar tudo no mesmo aparelho. “Já pensei em separar, ter uma linha pra cada. A gente é escravo do *WhatsApp*, mais do que qualquer outra coisa”.
- **Instagram:** Acompanha os amigos e posta momentos em família, comemorações de trabalho e eventos. “Eu posto fotos de momentos especiais, não é tudo, eu posto muito meus momentos com a Duda e com o meu marido”.
- **Facebook:** Uso semelhante ao *Instagram*.

### Os usos de cada rede (Filha - Duda)

- **WhatsApp:** Conversar com colegas, amigas e família, principalmente sua mãe. “Não tenho muitos grupos, na verdade eu apaguei todos. Era muita mensagem. Passavam o dia inteiro falando”.
- **Instagram:** Rede Social preferida da Duda. “Eu vejo o que está acontecendo. As fotos, tudo. Até dos famosos, que tem propaganda”.
- **Facebook:** Tem perfil, mas não usa muito.

### FAMÍLIA D (Jeferson e Felipe)

Como forma de organizar a sua rotina, Jeferson separou entre pessoal e comercial seus perfis nas Redes Sociais. Mesmo não gostando de produzir conteúdo para esses meios, entende como importante para a imagem da sua empresa e a sua enquanto profissional. Seu filho, Felipe, ainda não possui autorização dos pais para possuir conta nas redes. Para ele, ainda, não é um problema. “Meus amigos, alguns têm, a maioria não tem. A maioria fica mais brincando na rua”, conta Felipe.

Seu pai justifica o motivo por ainda não autorizar: “Ele pedia porque alguns jogos de celular pedem vínculo com Rede Social, geralmente associao com a minha conta. Ele não usa, já pediu porque os colegas tinham, mas não instalamos, ele não tem idade nem tanta vontade”, explica Jeferson. Enquanto isso, o *WhatsApp* é o ponto de encontro dos amigos, que combinam horários para brincar e jogar *online*.

### Os usos de cada rede (Pai - Jeferson)

- **WhatsApp:** Acompanha 24h, tanto para trabalho quanto para a vida pessoal. “Hoje no meu celular eu tenho dois *WhatsApp*, o meu pessoal e o *business*, então consigo separar bastante”.
- **Instagram:** Só utiliza um perfil comercial pra interação com os clientes.
- **Facebook:** Possui um perfil em conjunto com a esposa, que pouco utiliza, e outro da empresa. “Separo as duas coisas. E uso o profissional por uma

obrigação porque os meus clientes estão lá dentro, então tenho que me doutrinar a mexer um pouco todo dia, postar alguma coisa”.

### Os usos de cada rede (Filho - Felipe)

- **WhatsApp:** principal *App* do celular, possui grupo com a turma da escola e outro com os amigos do condomínio. Usa *WhatsApp* para combinar horários e jogos. “Eu ligo no *Whats* e aviso eles, ou jogo do lado deles porque o jogo é *online*, a gente joga junto”.
- **Instagram:** Não tem.
- **Facebook:** Não tem.

### FAMÍLIA E (Marcela e Pedro)

Marcela utiliza mais do que seu filho as Redes Sociais e tem uma percepção ampla do que elas são: “as que eu mais uso: *Spotify*, *WhatsApp*, *Instagram* e o *Twitter*. Tenho *Insta* desde 2013, *Whats* desde que saiu e *Spotify* há dois anos”. Para ela, o ponto positivo de estar em rede é a facilidade de encontrar pessoas: “Nas vezes que eu fico em casa sozinha, eu consigo falar com todo mundo, o tempo todo. Pra mim, hoje, com a minha realidade familiar de prima e irmã morando fora, a gente, às vezes, faz reuniões as três juntas, no telefone”. No entanto, percebe como ponto negativo a obrigatoriedade de as pessoas serem felizes.

Já seu filho, Pedro, posta pouca coisa e prefere acompanhar o seu time no *Facebook*. “Tanto que a última foto dele no *Instagram* é de 16 de dezembro de 2017, ele não posta. Mas o *status* do *Whats* é a coisa que eu vejo os piás usando agora, é o que eles postam bastante”, comenta sua mãe, Marcela. Já o *WhatsApp* tem uso frequente e os conteúdos têm relação com a sua faixa etária, se aproximando da adolescência, aos 15 anos. “Enviei um vídeo de um guri fumando, largando fumaça pela boca, muito engraçado, vem a mãe dele e dá um *tapão* nele e diz que não é pra ele fumar. Aí começou a sair sangue, ficou muito engraçado”, explica Pedro que também envia figurinhas criadas pelos colegas de turma.

### Os usos de cada rede (Mãe - Marcela)

- **WhatsApp:** *App* que mais usa no celular, principalmente para trabalhar.

- **Instagram:** Primeiro aplicativo que olha ao acordar, reúne amigos, ex-colegas, família e assunto de entretenimento (futebol, cachorros).
- **Facebook:** Reduziu o uso desde que entrou no *Instagram*. “Eu tenho *Facebook* só para o trabalho, mas não uso no dia a dia. Só para buscar evento”.

### Os usos de cada rede (Filho - Pedro)

- **WhatsApp:** Os grupos organizam a rotina e as atividades como o futebol da escola e do condomínio. “Como tem bastante gente que mora aqui, então funciona marcar pelo *Whats*”. Acredita que o *status* do *WhatsApp* é mais utilizado do que o *Facebook* e *Instagram* por ele e pelos seus amigos. “Tá todo mundo que eu conheço no *Whats*. No *Instagram* não tá e pode entrar desconhecidos”.
- **Instagram:** Não tem mais. “Não tava mais gostando do aplicativo, tava chatinho, aí eu fiquei só com o *Facebook* que fala sobre esportes.
- **Facebook:** Segue páginas de futebol, especificamente do Internacional de Porto Alegre.

### SÍNTESE ANALÍTICA DA CATEGORIA

A partir das entrevistas realizadas, foi possível elaborar o quadro abaixo, que representa uma síntese de como os entrevistados usam cada Rede Social Digital. Não se pode considerar que todas as crianças e jovens, ou mesmo os adultos, utilizam as Redes Sociais Digitais destas formas, mas indicam tendências a partir da amostra de Porto Alegre.

Quadro 13 - Como as Gerações utilizam as Redes Sociais Digitais

	<i>WhatsApp</i>	<i>Facebook</i>	<i>Instagram</i>
<b>Filhos Geração Z</b>	Conversar com amigos; Grupos para organizar atividades (videogame, futebol, trabalho da escola); Gostam de postar fotos no <i>status</i> .	Tendem a não postar, pois muitas pessoas da família comentam.	Acompanhar celebridades e assuntos do interesse (futebol, <i>games</i> ). Mais do que postar e ver fotos, gostam de ver vídeos.

<b>Pais Geração Y</b>	Instrumento de trabalho; forma de conversar e acompanhar os filhos.	Usam há mais de 10 anos; Espaço para fotos da família, conquistas e locais visitados; Instrumento de trabalho.	Compartilham o mesmo conteúdo do Facebook; Não distinguem a forma de usar.
---------------------------	---	--	--

Fonte: elaborado pelo autor 2020)

Para os representantes da Geração Z, entrevistados nesta pesquisa, Redes Sociais são sinônimo de estar com os amigos e acompanhar os assuntos do seu interesse. Estar fora desse ambiente é sinal de exclusão e uma forma de castigo pelos pais.

A maneira como os pré-adolescentes utilizam as Redes Sociais Digitais é muito próxima de como outros grupos se relacionavam no passado, de forma *offline*. Esse comportamento está relacionado com a necessidade de socialização em grupos (BOYD, 2014). Segundo a pesquisadora, a forma como os jovens utilizam as plataformas não tem relação direta com os aspectos técnicos de seus usos. Gardner e Davis (2013) seguem a mesma posição, consideram que nas Redes Sociais Digitais as pessoas buscam identificação.

Neste caso, em Porto Alegre, percebe-se o uso do *status* do *WhatsApp* de maneira mais frequente do que postagens no *Facebook* ou no *Instagram*. Essa função permite que a postagem saia do ar em 24 horas, assim como o recurso *stories* do *Instagram*. Não é apenas os filhos que utilizam dessa forma, alguns pais sinalizaram o mesmo uso. Ainda sobre os adultos, da Geração Y, a maioria utiliza o *Facebook* da mesma forma como o *Instagram*, além disso, as redes são usadas como forma de acompanhar notícias de assuntos do seu interesse.

Uma das plataformas utilizadas para isso é o *WhatsApp*. Desde a sua popularização, misturou vida pessoal e profissional num mesmo aplicativo, gerando problemas de sobrecarga para a Geração Y. Ambas as gerações têm no *WhatsApp* um ponto de encontro com seus grupos, que se proliferam em cada espaço de convivência: condomínio, sala de aula, trabalho, família etc.

Nem todos os membros da Geração Z têm idade para possuir contas nas Redes Sociais Digitais, no entanto, fazer parte é o objetivo, pois assim, sentem-se incluídos nas conversas. Todos os entrevistados possuem conta no *WhatsApp*,

embora a idade mínima no Brasil<sup>18</sup> seja 13 anos. O *Facebook* e o *Instagram* estabelecem a mesma regra<sup>19</sup> de idade, portanto, apenas Lis e Pedro poderiam estar presentes nestas redes. A idade é um dos elementos que devem ser observados pelos pais para correta mediação dos usos das redes, próximo tópico analisado.

### 6.2.5 Influências e controles: o cordão umbilical agora é digital

Pesquisar como a Geração Z utiliza tecnologia no seu dia a dia requer um olhar para as influências e controles realizados por quem está ao seu redor, especialmente a família, a escola e os amigos. Num contexto de novas configurações familiares, as crianças e os adolescentes passam mais tempo sozinhos. Com isso, procurando ampliar o monitoramento dos filhos, os pais optam por métodos e recursos que aproximam esse olhar.

Nesta categoria, as cinco famílias serão analisadas a partir dos critérios estabelecidos por Sonia Livingstone, Giovanna Mascheroni, Michael Dreier, Stephane Chaudron e Kaat Lagae (2015). O documento *How parents of young children manage digital devices at home: The role of income, education and parental style* apresenta os resultados de um estudo realizado com 70 famílias europeias sobre mediação parental. Segundo Livingstone et al. (2015), esse conceito refere-se às práticas através das quais os pais tentam gerenciar e regular as experiências que seus filhos possuem com a mídia digital, compreendida como a variedade de dispositivos digitais e em rede, domésticos e pessoais, utilizados para informação, comunicação e entretenimento.

Tanto Livingstone et al. (2015) quanto Strasburger, Wilson e Jordan (2011) buscaram classificar a forma como os pais controlam e acompanham os seus filhos. Esse formato será utilizado na análise desta categoria, que investiga a relação da

---

<sup>18</sup> Disponível em: [https://faq.whatsapp.com/pt\\_br/android/26000151/?category=5245250](https://faq.whatsapp.com/pt_br/android/26000151/?category=5245250) Acesso em: 16 fev. 2020.

<sup>19</sup> Disponível em: [https://web.facebook.com/help/instagram/517920941588885?helpref=uf\\_permalink](https://web.facebook.com/help/instagram/517920941588885?helpref=uf_permalink) Acesso em: 16 fev. 2020.



rotina das famílias e suas configurações; a forma como os pais monitoram e interagem com os seus filhos; as regras estabelecidas em família para uso de *smartphones e jogos*; a percepção dos filhos quanto à mediação dos pais e as preocupações que levam adultos a acompanharem de perto os passos das crianças e pré-adolescentes na Internet.

A proposta deste estudo é exploratória e descritiva, portanto, baseada no relato dos entrevistados. Livingstone et al. (2015) destacam que analisar mediações em famílias não é simples, pois os pais podem superestimar seu envolvimento na regulação das experiências dos filhos por razões de conveniência social. Da mesma forma, as crianças podem subestimar ou mesmo desconhecer o que os pais fazem. Nas 10 entrevistas realizadas, os filhos demonstraram ter conhecimento das ações de seus pais, mesmo que discordassem.

#### **FAMÍLIA A (Gabriela e Lis)**

É com a avó que Lis (13 anos) passa a maior parte do seu tempo, seja em casa durante a manhã, ou no trabalho da avó, no turno da noite. Mesmo com o convívio próximo, a avó não estabelece meios de controle ou acompanhamento da neta no uso das tecnologias, essa tarefa é de exclusividade da mãe, que se considera flexível nessa mediação, mas já deixou Lis sem telefone por ter tirado notas baixas no colégio. “Fiquei uns cinco meses sem celular e foi bem doloroso pra mim. Foi horrível, eu sentia um vazio, sabe. Era ruim”, comenta a pré-adolescente. Lis considera sua mãe flexível em comparação a mães de suas amigas, “se passam de determinado horário apanham ou ficam de castigo. Minha mãe confia em mim, quando eu uso celular não é pra fazer coisa errada”, comenta.

Pode-se classificar a forma como Gabriela (32) acompanha sua filha como “Mediação restritiva” (STRASBURGER; WILSON; JORDAN, 2011, p. 356), quando os pais colocam regras em relação a quais canais, os filhos podem acessar, determinam regras e limites de tempo *online* e delimitam os conteúdos acessados (LIVINGSTONE et al., 2015). “Eu a privo de bastante coisa e eu vigio. Tanto que a conta dela do *Instagram* é vinculada a minha. Quando eu preciso dar uma olhada, verificar alguma coisa, eu consigo pelo meu celular”, explica a mãe.

Gabriela acompanha com cuidado os *status* postados no *WhatsApp* e os *stories* do *Instagram* da filha. “Se ela postar algo que eu não acho legal, mando

mensagem no *WhatsApp* dizendo que não tá legal e que ela deve apagar”, comenta Gabriela. A atenção para esses meios tem relação com a efemeridade das mensagens, que somem em 24h e, na percepção da mãe, geram menor preocupação com o que está sendo postado. Uma mudança recente que já impacta nas possibilidades de controle.

Livingstone (2017) reforça essa percepção, concordando que as mudanças na natureza do uso da Internet, mais incorporada à vida cotidiana, dificultaram a forma de supervisionar dos pais. A entrevistada Gabriela cita como exemplo as mensagens de *WhatsApp* que agora podem ser apagadas. “Antes eu conseguia acompanhar mais o que ela (filha) *tava* mandando. Hoje em dia, não mais. Tem muita facilidade para ocultar muita coisa na Internet”.

Toda a relação de acompanhamento e controle é transparente. A filha Lis tem conhecimento das práticas da mãe e não enxerga problema. Ambas conversam sobre isso em casa e estabeleceram um vínculo de confiança. Mais do que preocupação quanto ao conteúdo acessado pela filha, Gabriela se preocupa com a quantidade de tempo dispendido em contrapartida às tarefas de casa, leituras etc.

### **FAMÍLIA B (Paula e Bia)**

Aos nove anos, Bia passa o dia todo longe dos pais. Sua mãe, Paula, sai de casa às 6h e retorna às 18h. Nesse período de 12 horas, Bia vai para a escola e no outro turno fica em casa, localizada aos fundos da residência de sua tia.

Uma das grandes preocupações de Paula é a segurança. Ela mora no mesmo local de quando era criança, ia para a mesma escola da filha a pé ou de bicicleta, mas não permite que sua filha faça o mesmo. Enquanto trabalha, prefere que a Bia fique em casa, conectada no celular ou *tablet*, do que brincando na rua. “Fico mais tranquila assim. Hoje em dia tem tanto sequestro, abuso e podem começar assediando pelos aplicativos, por isso eu controlo tanto”, comenta a mãe.

A perspectiva da segurança, ou falta dela, é um tema recorrente. A opção de Paula encontra comparativo na pesquisa realizada pela Viacom (2017), que indicou que a criança brasileira passa 161% mais tempo em frente a telas do que na rua, um número três vezes maior do que a média global. Utilizar tecnologia como forma

de manter filhos dentro de casa leva a maior disponibilidade de recursos. Segundo a pesquisa, 69% das crianças brasileiras possuem acesso a *tablet* e passam 42 horas por semana em frente a diferentes telas, um índice 50% superior à média global.

Mais tempo em casa utilizando tecnologias leva a necessidade de mais controle. Paula presenteou sua filha há pouco tempo com celular e instalou o aplicativo *Family Link* para acompanhar o que ela está acessando. Além do celular, Bia tem *tablet*, TV e videogame, sua mãe comenta não conseguir acompanhar tudo:

“Eu fico muito tempo fora. Claro, às vezes minha tia me liga e pede pra eu ver o que a Bia está fazendo no telefone, porque estava rindo muito, por exemplo. Mas minha tia não entende de tecnologias, mas sabe que eu controlo tudo do meu telefone e me avisa”.

Essa forma de mediar é classificada como “Restrições técnicas”, quando o pai utiliza *softwares* para filtrar, restringir e monitorar as atividades *online* dos filhos. (LIVINGSTONE et al., 2015). Essa não é a única forma de controle utilizada por Paula: “De vez em quando dou uma incerta no *Whats*. Consigo ver que ela utilizou 1h de *WhatsApp*, 2h do jogo, não consigo o conteúdo, tem que olhar o aparelho. Se eu vejo que ela passou muito tempo em algo eu dou uma incerta no celular”, comenta a mãe. O aplicativo também controla o tempo em que o celular ficará funcionando. Caso a filha realize todos os deveres de casa, a mãe concede alguns minutos extras à noite. Nos finais de semana o acesso é liberado.

Bia não gosta da forma como a mãe controla seu acesso à Internet, gostaria de usar mais, ter mais liberdade. *YouTube*, por exemplo, ela só pode acessar no celular da mãe, junto com ela. No seu próprio celular só acessa o *YouTube Kids*, que não gosta do conteúdo. Turkle (2011) trata da necessidade de as crianças ficarem sozinhas e, em virtude de receberem celulares cada vez mais cedo, esses momentos estão cada vez mais raros. “Se você não consegue ficar isolado, você estará sempre sozinho, e a minha preocupação é de que as crianças conectadas nunca terão aquela sensação de estarem bem consigo mesmas (TURKLE, 2011, p. 58). Bia passa muito tempo sozinha, mas sempre acompanhada de algum dispositivo conectado, seja o celular, *tablet* ou videogame.

Aos nove anos, Bia dedica muitas horas do dia em jogos *online*, motivo de preocupação para a sua mãe. “Meu receio são mensagens de adultos. Porque jogar *online* não tem problema. Ah, tinha jogo que era de tiro, eu não me preocupo muito

com isso, tá na idade. No meu tempo também tinham as arminhas, era outra tecnologia, mas tinham. Então, minha preocupação maior é o assédio”, explica a mãe.

As famílias entrevistadas por Livingstone (2017) também demonstram essa preocupação, da Internet não ser um espaço seguro para crianças, gerando mais preocupação do que o desempenho escolar, relacionamento ou saúde, por exemplo. Boyd (2014) pontua a dificuldade de isolar esse público de conteúdos que os pais julgam inadequados e entrem em colisão com os valores pessoais. Especialmente nas faixas etárias menores, a preocupação das famílias está nos jogos e redes sociais digitais que facilitam o acesso de desconhecidos aos seus filhos.

Bia relatou um caso em que ficou com medo. “Esses dias eu fui pedida em amizade, um cara no jogo e eu disse não. Meu coração ficou acelerado. Eu disse não e sai do jogo. Aí fui jogar *Minecraft* que lá só tem meus amigos”. Aos nove anos, seu grupo de colegas da escola influencia as preferências pelos jogos, tempo de uso de celular e vídeos que assiste. Também compartilham situações que amigos vivenciaram. “A minha colega tava jogando um tal de *Ago*, eu acho, e do nada o homem mostrou uma parte íntima. No jogo. E ela mostrou pra mãe dela. Eu nunca joguei esse jogo, já desconfiava porque tinha câmera”, relatou.

Diferente da infância dos pais, os jogos agora são *online* e abrem caminho para novas preocupações. Celulares com câmera e conexão com a Internet abrem a janela da casa para qualquer pessoa que estabeleça contato e tenha permissão para acessar esses recursos. Embora em casa, os filhos estão mais expostos. Os dispositivos estão mais complexos, conforme pontua Livingstone et al.:

Comparado à televisão, os dispositivos *online* e digitais podem ser mais difíceis de gerenciar pelos pais, por várias razões. Primeiro, eles são tecnologicamente complexos. Segundo, as inovações do mercado colocam os pais com o imperativo contínuo de atualizar e adaptar seus hábitos. Na medida em que os pais estão menos familiarizados com alguns dispositivos ou serviços digitais, eles podem se sentir incomodados por seus filhos frequentemente qualificados. Terceiro, à medida que os dispositivos digitais se tornam cada vez mais personalizados e portáteis, as estratégias tradicionais de uso compartilhado ou supervisão de mídia se tornam menos disponíveis ou eficazes. (LIVINGSTONE et al., 2015, p. 7).

Paula busca acompanhar a velocidade das mudanças e impõe regras para a filha, que mesmo discordando, segue as orientações da mãe. A possibilidade de

acompanhamento por um aplicativo foi um condicionador para presentear a filha com seu primeiro celular e, a partir de então, passou a equilibrar o cuidado com o conteúdo que ela acessa com a quantidade de tempo e locais. “Então, 21h morre o telefone. Se fez todos os deveres eu dou uns minutinhos extras”, comenta a mãe.

Cabe destacar que, embora classificada como “Restrição técnica”, a mediação desenvolvida por Paula também perpassa o diálogo, o estabelecimento de regras, entre outros elementos. O fato de Bia ter apenas 9 anos é uma justificativa para a ampliação destas possibilidades e cuidados.

### **FAMÍLIA C (Laís e Duda)**

Pai, mãe e filha com horários e caminhos diferentes ao longo do dia. “Ela entra em um *Uber* e vai pra escola, eu entro em outro e vou para o trabalho. Ao meio-dia, a avó paterna busca ela na escola e fica com a Duda até o início da noite, quando passo lá para buscá-la”, assim Laís relata sua rotina com a filha, uma relação distante fisicamente e muito próxima *online*.

Ela já convivia com celular, principalmente com o meu, sempre. Ela começou a pegar das avós, do padrasto. Começamos a nos dar conta que toda vez que ela tava junto alguém perdia o celular. Tava com ela. Foi nessa hora que percebemos que ela precisava ter o dela. Comecei a colocar um monte de proteção, mas vi que não funciona pra tudo e comecei a ter conversas. Abri mão do controle digital e comecei a falar mais com ela (LAÍS).

As estratégias utilizadas por Laís para acompanhar sua filha podem ser consideradas “Mediação ativa para o uso da Internet”, por estar próxima da filha enquanto está *online* e compartilhar experiências *online*, assim como “Mediação ativa para a segurança na Internet”, com recomendações destinadas a promover usos mais seguros e responsáveis da Internet e também “Monitoramento”, quando os pais observam as atividades *online* dos filhos após o uso deles da Internet.(LIVINGSTONE et al., 20158).

Laís aproveita o momento de colocar a Duda para dormir para olhar o celular da filha. “Dou uma vasculhada pra ver se tá tudo certo. Tudo muito combinado, tem liberdade, mas tem que ter responsabilidade. E essa responsabilidade não pode ser inventada, ela sabe qual é a responsabilidade”, explica a mãe, que possui um acordo para que a Duda não delete nada do celular ou das conversas. “Quando eu

olho, vejo a conversa desde a última vez que eu vi. Eu explico que a Internet não tem piscina rasa, a criança está tendo acesso a tudo”, pontua.

Sob o aspecto da segurança *online*, Laís ressalta a necessidade de a filha ter liberdade, mas sente uma angústia pela filha ter apenas 11 anos e não permitir que tenha Redes Sociais, por exemplo.

Não é justo ela não ter, pois todas as amigas têm e eu posso confiar nela. Ela me conta quando alguma coisa não tá legal, mas eu me preocupo muito que alguém finja ser uma criança pra conversar com ela. Eu explico que isso pode acontecer. Eu explico pra ela que o medo não é um fantasma, que não é um monstro, um imaginário, mas que pode ser uma pessoa que pode se aproximar dizendo que é bacana e ela precisa ter um olhar clínico pra saber que essa pessoa não pode conversar sobre alguns assuntos íntimos, especialmente por ser menina (LAÍS).

Em termos de gênero, Livingstone et al. (2015) percebem que as meninas tendem a ser mais monitoradas do que os meninos e que as mães costumam a desempenhar um papel mais ativo de acompanhamento e controle. A Família C tem essa característica pontuada. Além do diálogo constante e da leitura das conversas que a filha possui nos aplicativos, também existem outras regras. Entre as combinações estão: “A Duda pode ver até quatro episódios de 25min no *Netflix*. Ela vê também *YouTube*. Ela gosta muito, mas muito, de séries que ela maratona. Assiste no notebook e no celular. Ela tem celular próprio há dois anos, com conta e Internet bem grande, porque ela usa muito. Eu tiro o celular dela quando percebo que está demais, nunca castigo”, explica a mãe.

## **FAMÍLIA D (Jeferson e Felipe)**

Uma das características que impacta na forma como acontece a mediação é a configuração desta família. Com pais separados, Felipe passa os dias de semana com a mãe e os finais de semana com o pai. Isso levou Jeferson a buscar alternativas para estar mais perto do filho.

Por estar distante do Felipe, dei um celular pra ele há dois anos, então minha comunicação com ele é pelo *WhatsApp*, diário, uma forma mais fácil. Como eu tô sempre ocupado, na correria é mais fácil mandar áudio, mandar foto do que fazer uma ligação. Eu dei um celular pra ele por isso, principalmente, pra estar mais presente. Assim, conseguimos nos comunicar melhor por lá. Fico em contato com ele 24h, principalmente na idade que ele tem (JEFERSON).

O relato do pai vai ao encontro de uma característica da sua geração, que ao dominar as tecnologias digitais, apropria-se delas para manter o relacionamento com os filhos, como afirma Castells et al. (2007, p. 608), “a comunicação móvel cria o que se poderia chamar de cordão umbilical entre os jovens e seus pais”, fortalecida quando a criança está sozinha ou distante. Winocur (2009) também faz uma analogia semelhante, relatando a necessidade dos pais de, a partir do celular do filho, realizarem monitoramento constante, como forma de levar para o espaço público os cuidados e regras que possuíam apenas em casa.

A familiaridade dos pais com a mídia digital impacta a forma de regulação parental.

Em todos os tipos de família, na medida em que os pais tinham conhecimentos específicos em mídia digital, seja por causa de seu trabalho ou interesses, parecia que eram mais confiantes de gerenciar digitalmente seus filhos e atividades de mídia e mais envolvidas nelas (LIVINGSTONE et al., 2015, p. 6).

Esse é o caso de Jeferson: “Sou muito das tecnologias e tenho facilidade de fazer esse acompanhamento”. Essa familiaridade com as tecnologias agrega “Restrições técnicas” (LIVINGSTONE et al., 2015, p. 8) para o filho. Ao presentear-lo com um celular, surge a necessidade de acompanhar o uso.

A conta do aparelho dele é uma conta minha do *Gmail*, acompanho tudo que ele faz no celular. O próprio Google fornece todas as informações e tendo GPS ligado, mostra até onde frequentou, o que ele pesquisou na Internet, o que ele pesquisou no *YouTube* mesmo sem ter assistido (JEFERSON).

Em relação ao controle do pai, Felipe comenta: “ele acompanha pra me proteger, pra não instalar jogo de terror, com muito sangue. Por mim tudo bem, tá certo fazer isso”. Além do celular, o *videogame* também tem conta vinculada com o pai e, a partir de um *App* no celular, acompanha o que o filho joga e a frequência.

Jeferson faz um comparativo com a época em que era criança e fazia mais atividades ao ar livre. Sua preocupação está nesse equilíbrio. “Eu sempre tive preocupação de crianças que só ficavam no *videogame*, viciados no celular, em computador. Queria que ele aproveitasse mais. Tanto que hoje ele larga qualquer tecnologia pra brincar na rua, jogar futebol, especialmente”. Essa preocupação também é relatada nas pesquisas de Boyd e Livingstone, na perspectiva de que a sociedade passa a discutir os benefícios da desintoxicação digital, na busca por um maior equilíbrio. “Depois, quando ele tiver redes sociais, daí sim precisará de um

controle muito maior, pois abre uma janela pro mundo, se aproxima de coisas mais perigosas. Meu controle é muito mais um limite entre o uso da tecnologia e brincadeiras, esportes sem telas”, explica o pai.

### **FAMÍLIA E (Marcela e Pedro)**

Assim como outras famílias entrevistadas, Marcela presenteou seu filho com celular quando ele tinha 9 anos, por uma necessidade. “Ele ficava sozinho muito tempo, aí precisávamos falar com ele. Ele ficava em casa de manhã enquanto eu saia pra trabalhar. Então, quando ele acordava me ligava”, lembra a mãe que também optou por antecipar o acesso ao celular como forma de tranquilizar-se e ampliar o monitoramento do filho sozinho em casa. O “cordão umbilical digital” mantém-se ativo mesmo com o Pedro tendo completado 15 anos. Nesse período, as preocupações mudaram com a chegada da pré-adolescência. A mãe destaca que o principal motivo que leva ao controle é o momento de vida.

Ele tem só 15 anos, é um universo que tá aí. Vai começar a falar de droga, de bebida, de trago, agora tudo isso é uma realidade no dia a dia dele. Então, a minha preocupação é essa, eu tenho medo de quais coisas estão chamando a atenção dele. Eu nunca quis inibir que ele tivesse curiosidade, acho que faz parte do ensinamento e do aprendizado, mas prefiro fiscalizar (MARCELA).

Os autores Palfrey e Gasser (2011) abordam essa temática e entendem que a Internet não produziu novos problemas nesse sentido, mas proporcionou novas fontes para problemas já existentes, em virtude da ubiquidade. “Antes da Internet, se uma casa não tivesse material pornográfico dentro dela, os pais podiam estar seguros de que seus filhos só poderiam entrar em contato com isso no mundo lá fora” (PALFREY; GASSER, 2011, p.105). Os autores abordam a pornografia, mas outros temas elencados por Marcela encontram parâmetro nessa perspectiva. Para os pesquisadores, as regras sobre usos de mídia e conversas entre pais e filhos sobre conteúdos permitidos ou não, são oportunidades para estabelecer limites, valores e convicções culturais (PALFREY; GASSER, 2011).

Marcela busca o diálogo como opção. Nas categorias de Livingstone et al. (2017) e Strasburger, Wilson e Jordan (2011), suas intervenções com o filho podem ser consideradas “Mediação ativa” e, ao mesmo tempo, “Mediação restritiva”. Além



de acompanhar e conversar, Marcela já retirou o celular do filho como forma de castigo.

Ele aprontou uma esses tempos e eu tirei todos os aplicativos do celular dele, com o tempo ele foi recebendo de volta. Além disso, eu mexo pra ver o que ele tá acessando. Tenho uma facilidade que ele me fala muito. Então, assim, seguidamente ele me chama pra ver o que ele tá vendo. Por enquanto tá tranquilo assim. Nas conversas do *Whats* já rolam umas bobagens, umas putarias diversas porque né, está com 15 anos (MARCELA).

A relação da Família E é de transparência. Pedro sabe que sua mãe olha as conversas, mas ela não avisa quando fará isso. “Agora ele colocou senha no *Whats* eu o mandei desbloquear. Tem que deixar livre. Tanto eu quanto o pai dele olhamos”, comenta Marcela. Pedro tem dimensão do seu papel: “eu não tava bem nas notas, então teve umas proibições. Tipo, sem *YouTube*, minha mãe desinstalou *Instagram*, *Facebook*, tudo. Aí perdi o costume de celular, fiquei só no *Netflix* e o meu *WhatsApp*”. Mesmo com as restrições relatadas, Pedro sente-se livre:

Eles me deixam livre, mas eu tenho uma certa consciência. Eu não o olho aquelas coisas, tipo pessoa matando outra pessoa. Na internet pode achar coisas estranhas, eu falando com pessoas ruins, ou falando sobre droga, coisas assim. Eu não faço isso, sou bem na minha. Meus pais olham e não encontram nada.

Aos 15 anos, o repertório de exemplos e situações difere dos outros entrevistados menores, de 9, 10 e 11 anos. A mediação dos pais também muda, abrindo outras necessidades e formas de acompanhar e educar os filhos.

## SÍNTESE ANALÍTICA DA CATEGORIA

Compreender a influência dos pais no consumo de tecnologias digitais dos seus filhos contribui para a resolução do problema de pesquisa. A análise das entrevistas das cinco famílias trouxe relatos que permitiram traçar paralelos com a bibliografia selecionada. Livingstone et al (2015) destacam a necessidade de atualizar o conhecido sobre a temática mediação parental, justamente pela presença de pais que nasceram “na era digital, fornecendo mídia digital para seus filhos muito pequenos -, já que muitas pesquisas dizem respeito à mediação dos pais mais velhos e de crianças em relação à televisão” (LIVINGSTONE et al., 2015, p. 4).

Pode-se perceber que a Geração Y, ao acompanhar seus filhos, Geração Z, desenvolve técnicas e formas de mediação diferentes, pois, à medida que os pais

possuem conhecimentos específicos, tendem a ser mais confiantes em gerenciar as atividades *online* dos filhos (LIVINGSTONE et al., 2015). Os pais entrevistados encontram-se nesse critério, desempenhando diferentes papéis, de acordo com o contexto familiar. A análise permitiu classificar as famílias conforme o seu tipo de mediação. Foi possível perceber que mesmo categorizados dentro de uma mesma geração, indivíduos entre 9 e 15 anos possuem características muito distintas, que impactam a forma como acontece o acompanhamento dos seus pais.

Para os mais novos, a preocupação está nos jogos *online*, no tempo em que permanecem conectados, no contato com desconhecidos, na possibilidade de assédio e com a pedofilia. Os pais dos mais velhos, preocupam-se menos com o tempo em que os filhos estão conectados e mais com a exposição nas redes sociais e o contato com violência, sexo e drogas.

Essa mediação tornou-se mais necessária à medida que as crianças passaram a ter acesso aos dispositivos conectados à Internet, cada vez mais cedo, em virtude da necessidade de os pais deixarem os filhos com outros familiares ou mesmo sozinhos em casa, enquanto trabalham. A relação com o “cordão umbilical digital”, que aparece na obra de Castells et al. (2007) e Winocur (2009), trata da necessidade dos pais se manterem permanentemente em contato com os filhos ao longo do dia. Num ciclo, os pais acabam oferecendo um celular mais cedo, que leva ao uso precoce por parte do filho e a necessidade de acompanhá-lo.

Nesse sentido, crianças e adolescentes estão ficando cada vez mais tempo em casa sem os pais, mas menos sozinhos, pois possuem uma conexão permanente com os pais e outros grupos, conforme sinaliza Turkle (2011). Estar sempre conectado gera uma sensação de segurança nos pais, que preferem manter seus filhos dentro de casa em contato com telas e com a Internet do que na rua.

Ao mesmo tempo em que as transformações digitais trouxeram a necessidade de maior controle, quanto mais familiarizados com as tecnologias, os pais encontram formas de monitorar remotamente os filhos, por meio de aplicativos como o *Family Link* e a *suíte Google*, com a integração das contas entre pais e filhos. Tamanha importância do celular, por exemplo, já garante *status* de castigo ao ser retirado das mãos das crianças e dos adolescentes.

Para além das mediações digitais, autores como Palfrey e Gasser (2011) reforçam a oportunidade de as famílias estabelecerem diálogos sobre o assunto. A mediação é entendida como momento de transmitir valores e convicções culturais dos pais para os filhos, assim como já acontecia antes com a televisão.

Por utilizarem *smartphones* e Redes Sociais há uma década, os pais compreendem o ambiente o qual seus filhos estão inserindo-se. Cada família encontra suas formas de acompanhar, educar e mediar esse consumo de tecnologias digitais. Nem todos possuem clareza de como fazer e da eficácia dos seus modos de controle. Além disso, questionam-se sobre a linha entre dar autonomia e acompanhar de perto os passos dos filhos. Ao serem questionados sobre o que os filhos mais costumam fazer na Internet, nem sempre a resposta coincide com a do filho, mas chegam muito próximos:

**Pais sabem o que os filhos mais costumam fazer na Internet?**

**FAMÍLIA A - Gabriela e Lis**

**Mãe:** O que ela mais usa no celular é *WhatsApp*, *YouTube*, acredito que *Instagram* e *Facebook*.

**Filha:** *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *YouTube*, *Netflix* e escuto bastante música também.

**FAMÍLIA B - Paula e Bia**

**Mãe:** Jogos.

**Filha:** Eu jogo e ligo para minhas amigas.

**FAMÍLIA C - Laís e Duda**

**Mãe:** A grande importância do celular pra Isabela é o *YouTube*, as *youtubers* que ela gosta, as celebridades da Internet. As maquiagens, os *looks*, unhas, cabelos.

**Filha:** Ver vídeo no *Youtube* ou no *Instagram* que tem aqueles vídeos.

**FAMÍLIA D - Jeferson e Felipe**

**Pai:** *YouTube* e jogos.

**Filho:** Jogos, *WhatsApp* e vídeos de jogos no *YouTube*

**FAMÍLIA E - Marcela e Pedro**

**Mãe:** Disparado *YouTube*, depois jogos, *WhatsApp*.

**Filho:** *WhatsApp*, *Facebook* e *YouTube* são os que eu mais uso. E jogo um ou outro jogo.

O cordão umbilical digital não garante acompanhamento permanente, tampouco domínio do que os filhos estão fazendo na Internet. Cabe às famílias encontrarem as melhores formas de monitorar e educar os filhos acerca do que os pais, em outra dimensão, já vivenciaram na última década, no consumo de tecnologias digitais. Assim como as tecnologias ampliam as possibilidades de controle, também potencializam as formas de ocultar informações, se relacionar, produzir e consumir conteúdos diversos, tanto para os pais quanto para os filhos.

### 6.2.6 Literacia digital: aprender e ensinar ultrapassa as barreiras das gerações

Identificar a influência dos pais na forma como os filhos usam as tecnologias perpassa entender como são educados para tal. Dentre as quatro categorias, esta foi a que contou com menor volume de citações dos entrevistados, mas surgiu decorrente dos relatos das famílias e da percepção de que não é somente os pais que educam, mas os próprios filhos têm a ensinar, tanto para os pais quanto para os avós, com os quais passam boa parte do tempo.

Houve uma mudança na hierarquia da informação e a forma como as famílias se organizam oportunizou esses momentos de troca. Os entrevistados percebem a necessidade de mediação (categoria anterior) e educação para o meio digital, entretanto, nem todos pensam assim. Para alguns, há o entendimento de que as crianças e pré-adolescentes, Geração Z, já nasceram imersos no atual ambiente tecnológico e, por isso, seriam nativos, aprenderiam espontaneamente a utilizar os meios digitais.

Na visão de Livingstone (2011), é necessário ir além do entendimento simplista dos jovens saberem usar a Internet, é necessário compreender que conhecimento é esse e como é aplicado. “Agora que a Internet converge múltiplas tecnologias, formatos e espaços de mediação e informação [...] é necessária uma convergência da literacidade relacionada às mídias” (LIVINGSTONE, 2011, p. 22). A autora percebe a necessidade de uma discussão ampla sobre literacidade:

Principalmente pelo rápido caminhar das mudanças e o conseqüente salto entre gerações em relação à habilidade de crianças e adultos, e parcialmente advinda da convergência nunca antes vista entre duas esferas até aqui distintas (pública e privada, trabalho e lazer, educação e lar, informação e entretenimento etc.) associadas à ubiquidade das tecnologias do *online* nos países desenvolvidos; isso, em retorno, demanda convergências de diversas formas de literacidade. (LIVINGSTONE, 2011, p. 34).

Para Livingstone (2011), literacia digital não tem relação somente com o aprendizado para o uso dos dispositivos, mas possui uma dimensão crítica importante, que acaba não aparecendo com evidências nas famílias e nas escolas. Em palestra proferida no SXSW Edu, com o título “*What Hath We Wrought?*”<sup>20</sup>, Boyd

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.sxswedu.com/news/2018/watch-danah-boyd-keynote-what-hath-we-wrought-video/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

critica as escolas americanas por não inserirem esse conteúdo em seus currículos e pontua a importância das famílias nesse processo. Segundo ela, o campo deveria abordar o desenvolvimento de competências ou habilidades para ajudar as pessoas a analisar, avaliar e até criar meios de comunicação. De acordo com suas observações, existem iniciativas em algumas escolas, mas não com essa finalidade específica e as dinâmicas não são compatíveis com os estudantes. Um contrassenso percebido é o de que as escolas não permitem que estudantes pesquisem na Internet ou mesmo proibam o uso de celulares. A palestra de Boyd repercutiu por devolver às famílias a responsabilidade de educar os filhos e estimular o uso de tecnologias.

Nas entrevistas com o grupo de Porto Alegre, os pais buscam orientar seus filhos sob três perspectivas: tempo de uso, exposição e segurança. Outros temas não apareceram com maior evidência e a condução da entrevista não tinha como propósito inicial aprofundar esse aspecto, porém, pode-se estabelecer relações entre a categoria anterior e a temática Literacia Digital. Para muitos pais, mediar o que e como os filhos consomem tecnologias digitais é uma forma de educá-los. Nos relatos de pais e filhos, busca-se identificar esses temas.

### **FAMÍLIA A (Gabriela e Lis)**

- A conversa presencial é o modo encontrado pela mãe para educar sua filha quanto à exposição de dados em Redes Sociais.
- Lis já solicitou que a mãe apagasse *post* considerado machista e ensina a avó a utilizar aplicativos.

Um dos episódios que ilustra esse tópico tem relação com o castigo imposto por Gabriela à filha Lis. Em virtude de notas baixas no colégio, ela ficou por algumas semanas sem celular. Quando voltou a ter acesso ao aparelho, precisou avisar seus amigos. “Tirei um *print* do meu perfil do *Whats* e coloquei no *Instagram* para as pessoas me chamarem. Aí minha mãe viu e pediu pra tirar”, explica Lis. Esse foi o momento em que a mãe conversou com a filha sobre os riscos de expor o número de telefone em uma Rede Social. “Achei desnecessária a atitude da minha mãe, só os meus amigos estão no *Instagram*”, comenta Lis que também já questionou sua mãe sobre o conteúdo de uma postagem “Uma vez, muito tempo atrás, eu lembro

que ela postou alguma coisa machista. Aí eu a chamei e dei um toque, não falei pra apagar, mas ela apagou”, lembra Lis. Na ocasião, sua mãe não tinha percebido a mensagem como machista, mesmo assim apagou.

A Família A também conta com a avó (mãe da Gabriela) como moradora da casa. Ela tem celular e Redes Sociais, quem auxilia nesse uso é a neta, Lis. “Ela usa muito celular! Curte as fotos dos amigos dela e usa... posso falar, mãe? Ela usa *Tinder*<sup>21</sup>. Eu que ajudei ela a fazer a conta. Ela gostou, tadinha. Ela fica (no *Tinder*), já deu *match*<sup>22</sup>, vários. Minha avó é tri rígida. Ela dá oi, se não responder em 5min ela já perde o interesse”. Outros aplicativos que a neta ensinou a avó a utilizar foram o *WhatsApp* e o *Facebook*.

### **FAMÍLIA B (Paula e Bia)**

- Paula monitora sua filha através de aplicativo instalado no celular e já ensinou outras mães a instalarem. Não relatou conversas com a família com finalidade formativa para as mídias digitais.
- Bia ensina sua avó a utilizar o celular e percebe que os professores, que deveriam ser exemplo, ficam muito tempo no celular, mesmo sendo proibido utilizar na escola.

Dois aspectos emergem da entrevista da Família B. A mãe que ensina outras mães a monitorar seus filhos por meio de aplicativos e a neta que ensina a avó a utilizar celular. Paula sempre acompanhou de perto sua filha no uso de celular e *tablet*. Quando deu um *smartphone* para a Bia (9 anos), instalou o aplicativo *Family Link* para monitorar acessos e tempo de uso. Era a única mãe do grupo da escola que utilizava e recomendou para outras mães, pois percebia que estas não tinham o hábito de acompanhar as filhas, que acabavam influenciando sua filha. “A maioria não tem aplicativo, fui eu que mostrei pra elas, principalmente porque tem esse problema de dormir tarde e o aplicativo pode ajudar, bloqueando o telefone em determinada hora”, explica Paula.

---

<sup>21</sup> *Tinder* é um aplicativo de relacionamentos que localiza pessoas geograficamente próximas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tinder> e <https://www.help.tinder.com/hc/pt-br/articles/115004647686-O-que-%C3%A9-o-Tinder-> Acesso em: 2 fev. 2020.

<sup>22</sup> *Match* é a expressão utilizada quando dois usuários do *Tinder* demonstram interesse um pelo outro.

Bia também ajuda sua avó a utilizar celular. “Ela sabe, às vezes ela quer enviar figurinha, ou clica em alguma coisa e não consegue mais tirar, aí e vou lá e ajudo”. Na relação com a sua mãe, enxerga na Paula um suporte tanto para aspectos técnicos do celular ou *tablet*, quanto a dúvidas quando aparece algum desconhecido querendo conversar ou jogar com ela. Na escola, o celular é proibido, mas o exemplo dos professores marcou Bia. “Só os professores podem usar, ficam de boa no telefone. Usam muito! Enquanto nós estamos fazendo trabalho ela (a professora) fica lá no celular. Eu vi porque eu fui lá falar com ela e tava mexendo”.

### **FAMÍLIA C (Laís e Duda)**

- Laís tem momento de diálogo com a filha sobre etiqueta social nas plataformas digitais, especialmente ao fazer videochamadas e usar o *WhatsApp*. A formação para o digital acontece em paralelo com a formação para outros aspectos da vida, não em separado.
- Duda relata ajudar sua avó a utilizar o celular e tem cuidados específicos com desconhecidos nas Redes Sociais, fruto das conversas com a sua mãe.

A rotina da família inclui o apoio da avó para buscar Duda em casa e passar a tarde com ela. A entrevista foi realizada no carro da avó, por videochamada. Duda já a auxiliou no uso de celular: “Às vezes ela não sabe trocar as fotos, apagar as mensagens, eu ajudo. Não me importo em ajudar”, comenta Duda, que tem acompanhamento constante da mãe. “Gera uma certa angústia porque ela precisa ter liberdade, ela é muito responsável, mas ela tem 11 anos. Não é justo ela não ter (celular e Redes Sociais), pois todas as amigas têm e eu posso confiar nela”, explica a mãe que aposta no diálogo como melhor forma de educar sua filha para o uso das tecnologias digitais. Porém, a educação vai além dos aparelhos, mas sim, do contexto e do que ele permite.

Ela tá na fase de querer dormir na casa dos amigos. Conversamos muito sobre isso. Ela tem que levar pijama fechado, que não expõe o corpo, que não seja transparente, ela tem que dormir no quatro com a amiga, eu explico que os pais da amiga podem ser legais, mas não são os pais dela e que ela tem que confiar em mim e contar qualquer coisa que possa parecer estranha, que as amigas tem irmãos e que são mais velhos e não são irmãos dela. Que a pessoa

é bacana, mas não pode tocar, falar, pedir segredo. A única pessoa que ela tem que falar e não esconder nada é comigo. (PAULA)

Este é um caso de família porto-alegrense que demonstra a necessidade de ir além nos aspectos educacionais. Afinal, a tecnologia não provoca as situações, mas é uma interface para que elas aconteçam. Duda está em uma fase de vida que deseja ficar com os amigos, contar segredos e ouvir histórias. Fora do colégio, esse sentimento permanece e as videochamadas são uma forma de amenizar esse sentimento. É justamente essa nova possibilidade de comunicação, alvo de conversa com a sua mãe: “Às vezes eu entro no quarto e ela tá conversando com uma amiga, por vídeo. Eu explico pra ela a questão de que ela não pode conversar com a amiga enquanto estiver se vestindo, saindo do banho”, explica Laís.

O gosto pelas chamadas de vídeo é tanto, que no chuveiro, ela possui um plástico especial que protege o celular e permite seguir conversando com as amigas. “Eu explico, a amiga pode estar no ônibus, no carro com outras pessoas. Eu falo sobre isso e explico a questão da foto, eu peço que ela converse comigo antes de postar, se postar evite perna aberta, decote, eu explico tudo isso”, explica a mãe. São novas dinâmicas e necessidades de aprendizado, fruto do atual momento tecnológico.

#### **FAMÍLIA D (Jeferson e Felipe)**

- Jeferson relata não conversar com o seu filho sobre como deve agir em relação às tecnologias, mas preocupa-se com os exemplos que demonstra.
- Felipe percebe que seu pai domina a tecnologia e o ajuda no dia a dia, mas precisa ensinar a sua mãe a usar celular.

Nesta família, a forma como o pai encontrou de educar o filho para o meio tecnológico e digital não envolve conversas ou formalidades. “Eu acho que ensino praticando. Ele vê os meus comportamentos e segue, não somos muito de sentar pra conversar, ele olha e copia. O aprendizado dele é olhando o que eu faço”, conta Jeferson, que também estimula que o filho faça atividades que não envolvam telas, como esporte e jogos de tabuleiro.



Na percepção de Felipe, seu pai tem pleno domínio dos aparelhos celulares, diferente da sua mãe. “Ela não conseguia entrar no *Netflix*. Ajudei ela. Ela usava mais computador pra ver as séries, agora tá usando celular. Ela ganhou um novo celular e ajudei ela”, comenta.

### **FAMÍLIA E (Marcela e Pedro)**

- Mãe procura encontrar momentos para conversar com o seu filho sobre os riscos do meio digital e preocupa-se por ele estar entrando na adolescência.
- Pedro não se expõe nas Redes Sociais, mas compartilha a senha com grupos de amigos que confia.

É consenso na Família E de que a mãe utiliza mais celular e Redes Sociais do que o filho. “Nossa! Muito mais. E depois ela fala de mim. Ela mexe muito no *Instagram* e no *Whats*. Às vezes eu tô falando com ela e tenho que chamar duas ou três vezes “mãe, mãe’ aí ela escuta. Enquanto isso, quando ela me chama eu largo o celular e converso com ela”, comenta Pedro. Sua mãe concorda:

Eu vivo muito a Rede Social. Tô sempre mexendo, catando, olhando, fuçando, lendo. E ele, nem aí, mega desapegado de *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*... *WhatsApp* um pouquinho mais, ele tem assim uma presença. Vez ou outra ele entra nos grupos, dá uma conversada. (MARCELA)

Pedro considera-se discreto nas Redes Sociais, posta poucas coisas e relata os cuidados que possui: “Eu fico mais na minha. Tipo, alguém que eu conheço eu libero minha senha, sei que não vão fazer nada de errado no meu celular, não vão sacanear, eu confio neles”.

Marcela aposta no diálogo como forma de educar seu filho, entendendo o momento de vida dele, entrando na adolescência: “Nas conversas do *Whats* já rolam umas bobagens, umas putarias diversas por que né, está com 15 anos. Então eu já sei que tem, às vezes ele me mostra, ‘ó mãe, vou te mostrar um negócio que é bagaceiro’. mas aí eu não brigo”. A preocupação é que agora, Pedro aborde outros assuntos com os amigos nos grupos como bebida, droga, que não estão no dia a dia dele.

## SÍNTESE ANALÍTICA DA CATEGORIA

Consumir tecnologia predispõe compreender seu funcionamento e aprender seus riscos e benefícios. Na perspectiva de consumo em que este trabalho sustenta suas análises, ele é visto como um conjunto de processos socioculturais no qual se realizam a apropriação e o uso dos produtos (CANCLINI, 1999). Por isso, analisar como a Geração Z é educada para o contexto de comunicação digital, torna-se um escopo de análise do projeto.

Buckingham (2007) aposta na necessidade de preparar as crianças para esse novo momento e não as privar do que possuem direito. “As crianças estão escapando para o grande mundo adulto – um mundo de perigos e oportunidades, onde as mídias eletrônicas desempenham um papel cada vez mais importante” (BUCKINGHAM, 2007, p. 136), comenta o autor que indica a necessidade de educar e proteger as crianças para tornarem-se participantes ativas deste contexto.

Nas entrevistas realizadas com pais e filhos residentes em Porto Alegre, esse tema apareceu de forma pouco evidente, associado à mediação restritiva quanto ao tempo de uso dos dispositivos e o cuidado com a exposição em Redes Sociais. Para além desses aspectos, pode-se fazer referência ao fato de nenhuma entrevista citar o papel da escola neste processo, pelo contrário, apontam as privações (proibição do uso de celular em sala de aula) ou o uso excessivo por parte dos professores. Nesse sentido, a Geração Z é observadora do consumo dos mais velhos. Percebem seus pais utilizando celular e o que postam em Redes Sociais, onde ambos estão presentes.

A Geração Z passa boa parte do dia longe dos pais, cabendo à escola e a outros adultos o acompanhamento e a educação destes sujeitos. Fora da escola, estão sozinhos em casa ou na companhia de familiares, no caso dos entrevistados, com os avós. Esse convívio traz oportunidades de troca e aprendizagem. Os avós também estão conectados, presentes em Redes Sociais, motivados pelos netos, que os orientam nesse uso.

Os pais, Geração Y, também precisam educar seus filhos para novos hábitos, os quais não tinham acesso até há pouco tempo, como é o caso das videochamadas. Funcionalidade muito utilizada pelos jovens entrevistados, uma forma de continuar as conversas da escola ou estar mais próximo no momento de

jogar *online*. O caso da Família C representa esse novo momento: a mãe percebeu a importância de educar sua filha para que tenha determinados cuidados ao abrir sua câmera dentro de casa ou no banho, evitando expor partes íntimas ou falar algo que outras pessoas possam ver e ouvir. Até poucos anos atrás, essa dinâmica não acontecia, com isso, as preocupações passam a ser outras.

Os Nativos Digitais não estão plenamente prontos para usar a mídia e para enfrentar os desafios que os meios digitais proporcionam (BOYD, 2014). Por isso, a contribuição deste bloco tem duas vertentes: as novas pautas de educação entre pais e filhos e a pouca importância desse tema entre as famílias. As duas gerações analisadas estão imersas em tecnologia há muitos anos e os próprios meios tendem a ser intuitivos em seus usos, levando a uma sensação de que não é necessário aprender sobre ou analisar criticamente esses usos. São novos momentos, os quais Tapscott (1999) tentou prever quando estudou as Gerações. A análise realizada a partir das entrevistas com o grupo de famílias de Porto Alegre, mostra um cenário diferente daquele imaginado pelo pesquisador há 10 anos.

Ao contrário dos pais, eles já começam sabendo muito bem o que está acontecendo na internet. E conhecerão muito bem as regras que conseguiram burlar na adolescência. Como eles vão lidar com a liberdade online de seus filhos? A partir da minha experiência limitada e não científica, o jantar em família está voltando à moda agora que os jovens da Geração Internet estão se tornando pais. Isso pode ser a manifestação da família aberta em ação. É nesse espaço que eles vão falar a respeito do que os filhos encontram na internet. Discutirão esse assunto abertamente em vez de instalar dispositivos de bloqueio que eles - como integrantes da Geração Internet - sabem que são ineficazes e fáceis de driblar. Eles não vão tentar espionar os filhos; o valor que dão à liberdade é alto demais. Então, em vez disso, vão colaborar durante o jantar, e o pai (ou a mãe) não vai necessariamente ficar na cabeceira da mesa. O jantar em família será a marca da Geração Internet (TAPSCOTT, 1999, p. 185).

Os jovens porto-alegrenses analisados, fazem poucas refeições com os seus pais, que passam dois turnos por dia no trabalho e, diferentemente do que Tapscott previa, a Geração Y está monitorando seus filhos, Geração Z, por diferentes meios. Neste aspecto, uma década foi tempo suficiente para mudar as previsões. Foram muitas as inovações que emergiram nesse período e, sobretudo, os usos e apropriações dados pelas pessoas. Não se trata apenas de uma evolução tecnológica, mas cultural e social.

### 6.3 DESCOBERTAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

Concluída a análise de cada uma das categorias, parte-se para o fechamento deste capítulo. A participação de 140 pais na primeira etapa da pesquisa, trouxe indicativos para a condução das entrevistas em profundidade e permitiu ampliar a dimensão dos temas discutidos. As amostras utilizadas não são representativas para afirmações definitivas dos assuntos abordados. São validadas tecnicamente quanto ao propósito a elas estabelecido, de apresentar *insights* e perspectivas de como a Geração Z consome tecnologias de comunicação em seu cotidiano, bem como as interferências realizadas pela Geração Y, seus pais, nesse processo, tendo como amostra um grupo de famílias de Porto Alegre. Esta etapa da pesquisa visa consolidar os resultados do questionário *online* e das entrevistas à luz dos autores que embasaram o bloco teórico.

A primeira constatação refere-se ao ecossistema tecnológico e comunicacional no qual as duas gerações convivem. Tanto os pais quanto os filhos têm a disponibilidade dos mesmos recursos, fazem parte do imaginário e impactam a forma como se relacionam, se informam e consomem informação e entretenimento. Estão imersos em uma vida na mídia (DEUZE, 2012) e em um contexto de convergência (JENKINS, 2009), o qual esses elementos tecnológicos estão interligados e inseridos de forma natural no dia a dia. Trata-se menos de tecnologia em si e mais das Gerações Y e Z estarem moldando as suas vidas a partir destes recursos.

Na visão dos pais que responderam ao questionário *online*, as tecnologias que utilizam no dia a dia são consideradas: inovação, futuro, facilitadoras, essenciais e necessárias. Ao definirem tecnologia, trazem uma perspectiva positiva e o dispositivo que congrega os principais recursos e conexões é o *smartphone*, tendo papel central na vida dos entrevistados porto-alegrenses.

O celular acompanha a rotina e torna-se fonte de acesso à Internet para 98% dos pais entrevistados, sendo o uso de *WhatsApp* a atividade mais realizada (88,1%) por eles, seguido por acompanhar Redes Sociais (78,2%) e enviar e receber *e-mails* (66,3%). Na visão dos pais, os seus filhos também utilizam Internet principalmente para troca de mensagens por aplicativos como o *WhatsApp* (94,1%), além de assistir a vídeos em plataformas como o *YouTube* (91,1%) e acompanhar redes sociais (58,4%). Diferentemente dos pais, que relatam assistir a vídeos no

celular apenas durante a noite, antes de dormir, os filhos, Geração Z, dedicam mais horas do dia para essa finalidade, em alguns casos, até três horas acompanhando vídeos no *YouTube*. Não apenas vendo vídeos, mas jogando, acessando Redes Sociais e ouvindo música: as crianças passam mais tempo envolvidas com as mídias do que com qualquer outra atividade, além de dormir (STRASBURGER, 2011).

Esse contexto foi observado durante a pesquisa. Os entrevistados da Geração Z tomam decisões para consumir todas essas tecnologias a partir da disponibilidade de conexão com a Internet; das permissões que possuem dentro e fora de casa; da presença dos colegas e amigos nas atividades que pretendem realizar. Assim como para os seus pais, o celular é sinônimo de tecnologia e de acesso à Internet. Todos os filhos participantes receberam os seus aparelhos por volta dos 7 anos de idade, visando um maior acompanhamento dos pais sob a suas rotinas. Eles preferem seus filhos em casa, com celular, do que na rua.

Para essas duas gerações, o celular aparece como um controle remoto das atividades da vida (WINOCUR, 2009), amparado pela interface dos aplicativos (GARDNER; DEIVIS, 2013), permeando desde a hora de acordar (despertador), se dirigir ao colégio ou trabalho (aplicativos de transporte e música), se relacionar com a família (*WhatsApp*), acompanhar amigos e outros assuntos de interesse (Redes Sociais Digitais) e antes de dormir (plataformas de *streaming* e *YouTube*).

O vício em tecnologia não está relacionado unicamente aos dispositivos, mas sim com o contexto social (BOYD, 2014). Para a Geração Z, principalmente envolvendo as relações com os amigos e colegas de colégio, que seguem conectados independentemente do local e horário, sem separar a vida *online* e *offline* (PALFREY; GASSER, 2011). Essa conexão constante tem gerado preocupação para os pais, que buscam meios para mediar esse consumo.

Na pesquisa *online*, 43,6% dos pais indicaram que sempre ou muitas vezes controlam o que os filhos estão fazendo na Internet. Apenas 11,9% responderam nunca interferir no que as crianças e pré-adolescentes estão consumindo na *web*. Quando controlam, preocupam-se com o acesso a conteúdos que exponham seus filhos à pornografia e violência, principalmente. Com o objetivo de investigar como

os pais interferem ou influenciam o consumo de tecnologia dos filhos, esse tema foi ampliado nas entrevistas em profundidade.

Os pais que relataram maior envolvimento com as tecnologias durante a adolescência e início da fase adulta, demonstraram maior disposição a controlar os seus filhos para que não dediquem tantas horas por dia conectados à Internet. Ainda, percebeu-se que quanto menor a faixa etária, maior o controle estabelecido. A presença do celular é tão importante para a Geração Z, que os pais acabam retirando os aparelhos como forma de castigar os filhos, em virtude de mal desempenho escolar ou problemas de comportamento. Nesses casos, a mediação é restritiva, sendo também uma oportunidade de diálogo, em uma perspectiva de transmissão de valores e convicções culturais dos pais para os filhos (PALFREY; GASSER, 2011).

À medida que os filhos crescem, a preocupação deixa de ser o tempo e passa a ser o conteúdo acessado e os relacionamentos *online*. A Geração Y conhece as tecnologias que os filhos estão utilizando e se apropria delas para estarem mais próximos, em família. Para isso, uma das ferramentas mais utilizadas pelos entrevistados é o *WhatsApp*, como forma dos pais estarem permanentemente em contato com os filhos (WINOCUR, 2009). Percebe-se, nesse contexto, uma ausência de momentos de desconexão, os filhos passam a ser vigiados e, de certa forma, reduzem sua autonomia e responsabilidade, com menos tempo sozinhos (TURKLE, 2011). No caso dos cinco entrevistados da Geração Z, todos são monitorados pelos pais, em maior ou menor grau, mesmo aqueles que ficam com os avós durante o turno contrário ao da escola.

As marcas de uma geração na outra aparecem quando frequentam os mesmos espaços físicos (casas) e virtuais (Redes Sociais Digitais). Em casa, os filhos observam os comportamentos dos pais e identificam a dependência que os adultos possuem dos seus celulares. Além disso, o hábito de assistir a vídeos na tela do celular antes de dormir é acompanhado tanto por pais quanto por filhos, numa substituição dos aparelhos de televisão. Outro espaço em que dividem atenção são as Redes Sociais Digitais.

A Geração Y acompanhou o surgimento e já utiliza as Redes Sociais Digitais há quase uma década. Dentre os entrevistados, 75% diz utilizar essas plataformas

há mais de sete anos. Na análise das Gerações, percebe-se as diferenças de uso entre pais e filhos. Utilizadas, inicialmente, pela Geração Y para buscar contato com outros grupos e contextos sociais (BOYD, 2014). A geração dos seus filhos torna esses espaços uma extensão do *offline*, buscando conexão com os seus grupos. O *Facebook* tornou-se um espaço para pais se relacionarem com amigos e para os filhos buscarem entretenimento. O *Instagram* tem uso semelhante ao do *Facebook* para os pais, já a Geração Z utiliza a plataforma para buscar assuntos do seu interesse, principalmente vídeos.

Essa convivência compartilhada nas Redes Sociais Digitais implica tensionamentos e oportunidades de aprendizado. Pais relatam acompanhar as postagens dos filhos, visando protegê-los da exposição demasiada ou o envolvimento com temas considerados perigosos, especialmente entre os adolescentes (álcool, drogas etc.). O contrário também foi registrado, com filhos orientando os pais quanto a conteúdo de postagens.

Existe uma dupla via de aprendizado, no entanto, não pode ser desconsiderado o fato da Geração Z, vista como Nativa Digital, ser composta por crianças e pré-adolescentes, em fase de desenvolvimento, não prontas totalmente para o contexto digital, mas que não devem ser privadas dele (BUCKINGHAM, 2007). Os pais possuem os conhecimentos técnicos e tendem a ser mais confiantes nessa mediação dos filhos (LIVINGSTONE, 2015) e, por isso, precisam ir além dos ensinamentos tradicionais, não basta ensinar a usar a Internet, é preciso um conjunto de conhecimentos que preparem esse sujeito para efetivamente ser atuante nesses espaços, com criticidade e protagonismo (LIVINGSTONE, 2011). Trata-se de um desafio, distante dos relatos em Porto Alegre, que concentram os momentos de Literacia Digital, para o tempo do uso dos aparelhos, do contato com desconhecidos ou acesso a conteúdos violentos. As conversas das famílias entrevistadas não apontaram para o uso positivo da rede, sempre restritivo.

Desde que os pais entrevistados tiveram seus filhos, um período de 10 a 15 anos passou, e as tecnologias ganharam ainda mais importância na rotina de cada um. Num exercício projetivo, imaginaram como será o futuro e os possíveis novos desafios que enfrentarão. Enquanto as crianças e pré-adolescentes imaginaram recursos inovadores, seus pais evidenciaram novas preocupações como foi o caso da Laís: “Não vamos mais precisar do *wi-fi* nos ambientes, vamos estar o tempo

todo conectados. Não precisaremos mais de aparelhos, vamos usar a voz. E, assim, vamos perdendo a privacidade, isso será difícil”, imagina a mãe da Duda, que desde cedo busca conversar com sua filha sobre os riscos de uma vida em plena conexão.

Jeferson e Paula são os pais das crianças entrevistadas que possuem 9 e 10 anos, os menores do grupo. Eles têm perspectivas diferentes ao olhar para os próximos anos, que tiram o foco dos dispositivos e voltam para o comportamento e as ações em torno da época da vida em que seus filhos estão se aproximando. Paula imagina que sua filha continuará usando muito celular e preocupa-se com quando ela tiver Redes Sociais, pois o controle será diferente do momento atual, quando consegue acompanhar sua filha por um aplicativo instalado no celular. “Aí ela já será adolescente, vai querer ficar mais no quarto, pra ter mais privacidade. Hoje ela fica aqui na sala, as coisas acontecem aqui”. Jeferson compara seu filho com outras crianças que passam muitas horas por dia em frente a telas e não gostaria que o Felipe fosse assim. “Eu vejo que lá pra frente ele também vai ter essa consciência de equilibrar as tecnologias com outras atividades sem telas, por exemplo. Independentemente do que chegar, eu vejo ele fazendo um uso moderado disso”.

As entrevistas e os dados obtidos no questionário *online* são um retrato de um momento histórico. Essas informações contribuem para ilustrar a forma como pais e filhos consomem tecnologia e influenciam uns aos outros. O conjunto de processos socioculturais descritos, aponta para um consumo menos tecnológico, dos produtos em si, e mais numa perspectiva social (CANCLINI, 1999), revelando a forma como estes sujeitos apropriaram-se dos meios e mudaram as suas rotinas a partir disso. As famílias analisadas integram uma parcela privilegiada, que possui acesso a diferentes dispositivos e espaços de conexão. Mesmo assim, são representantes de gerações que possuem um imaginário estabelecido, que inserem as tecnologias de comunicação como elementos vitais do seu cotidiano.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se esta dissertação como o documento que relata a trajetória da pesquisa realizada ao longo de dois anos. O trabalho teve início no primeiro semestre de 2018, com a definição do objeto de estudo e a busca por autores que contribuíssem para o aprofundamento do tema escolhido. Inicialmente, a proposta apresentada para seleção ao PPGCOM tinha como objetivo investigar o uso de vídeos como complemento para os estudos por crianças e adolescentes. Ao longo do caminho, foi possível perceber que muitos trabalhos acadêmicos já deram conta desta temática, especialmente no campo da Educação, considerando aspectos pedagógicos desse hábito. O olhar comunicacional diferenciaria o trabalho, mas, entendeu-se que, para além do consumo de vídeos para estudar, esse indivíduo encontra-se imerso em um ecossistema que permitiu a identificação de outros problemas de pesquisa. A trajetória profissional e pessoal do pesquisador também foi relevante para as escolhas realizadas, assim, o projeto inicial ganhou nova formatação.

As disciplinas do primeiro semestre contribuíram para esse esclarecimento, período em que a pesquisa lançava um olhar para o jovem enquanto objeto de estudo e para as respectivas escolhas metodológicas que dariam conta da análise. Conhecer profundamente o contexto e o objeto acabaram mudando e redefinindo o objetivo e a escolha do mesmo.

A categorização em gerações e a conceituação de crianças, jovens e adultos em gerações foi outro tema estudado ao longo de 2018. Como forma de compreender os fenômenos em torno do objeto, a pesquisa buscou identificar autores que abordam a juventude como um período específico e o jovem na condição de sujeito protagonista. A complexidade do tema permeou as discussões da primeira etapa. Foi observado que muitas das definições de jovem são estereotipadas e não são representativas, além de complexas pela variedade de linhas teóricas que analisam o tema. Definir juventude, hoje, passa por localizar esse sujeito dentro de uma faixa etária específica, considerando seu contexto.

A escolha das disciplinas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS levou em consideração esse panorama da pesquisa. Os conteúdos contribuíram tanto para análise deste ecossistema comunicacional

quanto para o aprofundamento das características desses sujeitos como consumidores e produtores de mídias.

Em *Linguagens e Tecnologias da comunicação* construiu-se uma linha do tempo destas gerações e dos impactos das tecnologias no cotidiano a partir de um portfólio de autores. Esse ecossistema foi detalhado em *Convergência e Ubiquidade Midiática*, bem como na disciplina *Comunicação contemporânea e manifestações da informação no entretenimento*. As leituras das obras dos autores, requisitos para as disciplinas, contribuíram para as escolhas realizadas na pesquisa e constituem o referencial teórico apresentado.

As disciplinas de *Teorias da Comunicação* e *Sociologia da Comunicação: Cultura e Comportamento Contemporâneo* conduziram para um olhar sociológico. Foram consideradas as teorias desenvolvidas pelo francês Michel Maffesoli para produção de artigos sobre as conexões que os jovens desenvolvem nas redes sociais e suas motivações que levam a uma migração do *Facebook* para outras plataformas. Foram evidenciados, especialmente, os conceitos presentes na obra *O tempo das tribos*, assim como entrevistas recentes em que o sociólogo revisita seus estudos mais antigos. Um dos trabalhos desenvolvidos resultou na publicação de um artigo no livro *Jóvenes, participación y medios de comunicación digitales en América Latina*<sup>23</sup>, com autoria de Tiago Rigo e da orientadora desta pesquisa, Profa. Dra. Mágda Cunha.

Para analisar o movimento de saída do *Facebook* para outras redes sociais, identificou-se no *YouTube* vídeos com depoimentos de jovens explicando suas motivações para essa mudança. Percebeu-se como justificativa a insatisfação quanto ao conteúdo encontrado na *timeline*, o tempo de uso considerado excessivo, a falta de visibilidade das postagens *versus* o esforço em produzir materiais e a presença da família no mesmo espaço.

A trajetória da pesquisa contou com quatro semestres de trabalho. Os dois primeiros contemplaram a revisão bibliográfica e as definições que moldaram a dissertação aqui apresentada. O primeiro semestre de 2019 foi de realização da primeira etapa empírica, com a aplicação de um questionário *online*. Os resultados preliminares deste procedimento também foram utilizados em artigos produzidos

---

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.cuadernosartesanos.org/2019/cac156.pdf> . Acesso em: 14 jun. 2019.

para as disciplinas. Entre eles, analisou-se a presença de pais em grupos de *Facebook* sobre paternidade. Foi possível concluir que pessoas comuns produzem e compartilham significados e conselhos, a partir da confiança e identificação dos grupos, considerando a *expertise* combinada de seus membros como uma inteligência coletiva, que não seria possível se não organizada desta forma, em grupos *online*, por exemplo.

O segundo semestre de 2019 foi dedicado à qualificação do projeto e o desenvolvimento das entrevistas com as cinco famílias escolhidas para serem representantes das Gerações Y e Z, em Porto Alegre. Os passos seguintes envolveram a transcrição e categorização do conteúdo das entrevistas e redação deste documento, concluída em fevereiro de 2020.

A partir dos objetivos traçados inicialmente, a pesquisa permitiu compreender como a primeira geração que teve a possibilidade de ser alfabetizada com o uso de *tablets* e *smartphones* consome tecnologias de comunicação em seu cotidiano. Para isso, os pais destes sujeitos também foram analisados, pois mediam e influenciam esses usos, principalmente por terem acompanhado o desenvolvimento tecnológico dos últimos anos.

Eles são representantes da Geração Y, um grupo muito visado por pesquisadores da área, que mapearam essa trajetória e os usos das tecnologias nos últimos 20 anos. Esta dissertação contribuiu para a área ao passo que complementa e atualiza essa perspectiva, de um grupo que já teve filhos e convive com novos recursos e possibilidades, tendo como ponto de vista famílias da cidade de Porto Alegre.

O protagonismo da tecnologia é reconhecido no trabalho, porém, o que determina a forma como as pessoas usam não é a indústria ou a tecnologia em si, mas a apropriação que as pessoas fazem destes aparelhos conectados e suas relações sociais. Trata-se menos de tecnologia e mais de pessoas que desejam estar próximas dos seus grupos de amigos, dos seus filhos ou dos artistas e assuntos que mais gostam.

Reconhece-se que a Geração Y tem papel fundamental na forma como a Geração Z consome tecnologias de comunicação, pois são mediadores desses hábitos, desde o momento em que optam em oferecer dispositivos conectados à Internet para seus filhos, até as restrições e monitoramentos feitos por uma geração que domina tecnicamente os recursos digitais, neste caso, os pais.

A resolução do problema de pesquisa levou em consideração esse contexto. A seguir são apresentados os principais tópicos que emergiram da pesquisa, como contribuição para a área e os próximos estudos sobre o tema:

- Categorizar indivíduos em Gerações, considerando sua data de nascimento, pressupõe generalizar comportamentos e perfis. Na análise de famílias de Porto Alegre, percebeu-se que essa generalização esconde diferenças, especialmente quando crianças e pré-adolescentes são analisados. Uma criança de 9 anos tem características distintas de um pré-adolescente de 15 anos e ambos pertencem à mesma Geração, Z. Esses elementos foram percebidos tanto nos seus hábitos de consumo quanto na mediação de seus pais, que possuem preocupações distintas, de acordo com a faixa etária dos filhos.
- O principal interesse mapeado nas Gerações Y e Z não é a tecnologia em si, mas as pessoas e os relacionamentos que a tecnologia permite acesso. O celular, nesse sentido, é a principal interface utilizada pelos representantes destas gerações. Contudo, celular sem conexão com a Internet perde a importância.
- Filhos aprenderam a ler e a escrever com a disponibilidade de recursos tecnológicos como *smartphones* e *tablets*. Dentre os entrevistados, apenas um pai disse ter aguardado a alfabetização estar completa para oferecer celular para os filhos, os demais já consumiam antes, mesmo os aparelhos dos pais (sem o mesmo controle aplicado quando receberam os seus próprios celulares).
- Pais estão apropriados das tecnologias, buscam meios tecnológicos para controlar os filhos. Não quer dizer que, de fato, controlem ou tenham clareza de como fazer esse acompanhamento.
- Enquanto crianças, a preocupação dos pais está relacionada com o tempo de exposição às telas, uma vez que os conteúdos são mais facilmente bloqueados. Quando crescem, a preocupação das famílias dos pré-adolescentes é o conteúdo e a atuação dos filhos em espaços digitais como redes, jogos e grupos de discussão.
- A disponibilidade de recursos tecnológicos para os filhos tem relação com a forma como as famílias se constituem e organizam sua rotina, aliado com o

sentimento de insegurança. Isso leva os pais a concederem acesso a *smartphones* cada vez mais cedo e preferem que os filhos permaneçam em casa, conectados com os seus dispositivos, do que na rua.

- Enquanto os pais preocupam-se com o consumo excessivo de tecnologia pelos seus filhos, estes percebem os pais como viciados nos aparelhos.
- Redes Sociais Digitais conectam amigos e ampliam as experiências do *offline*, sem distinções com o *online*. O ecossistema é o mesmo.
- As preocupações dos pais não dizem respeito exclusivamente ao consumo de tecnologias pelos filhos, mas ao todo do seu desenvolvimento. A tecnologia aparece como interface, não como centro da discussão, está integrada no cotidiano e ganha a mesma importância de outros aspectos como as companhias dos filhos e os locais que frequentam.
- Pais acreditam que, independente da tecnologia disponível no futuro, a forma como os seus filhos irão se relacionar não depende de qual será a inovação da época, mas sim o comportamento e valores pessoais. Nesse sentido, preocupam-se com os seus próprios exemplos e com a formação oferecida.
- Momentos de desconexão são vistos como negativos para a Geração Z, que busca estar sempre *online* com seus amigos para não perder conversas e outras oportunidades. Ficar sem celular é sinônimo de castigo e os pais utilizam este expediente.

As conclusões listadas acima trazem como referência a participação dos 140 respondentes do questionário *online* e as entrevistas de cinco famílias de Porto Alegre. As perspectivas apresentadas são o retrato de um momento histórico importante: a Geração Y tem filhos e em idade escolar, os primeiros nativos-ubíquos, nascidos em um contexto de plena conexão e puderam ser alfabetizados com o uso de *tablets* e *smartphones*.

Compreender como o consumo de tecnologia acontece, as implicações desses hábitos e as influências de uma geração na outra foram os objetivos cumpridos por esse trabalho. Como contribuição para a área da Comunicação Social, a pesquisa revela novos pontos de vista, a partir dos relatos do grupo gaúcho entrevistado. São características que marcam as gerações e devem ser compreendidas pelos profissionais da área, que produzem conteúdo, analisam comportamentos e adequam suas estratégias de comunicação. Ao mesmo

tempo, a dissertação contribui para os pais refletirem sobre a forma como mediam seus filhos nos usos das tecnologias e a relevância dos exemplos do cotidiano, tão significativos para a formação de crianças e pré-adolescentes.

No futuro, deseja-se que esta pesquisa tenha continuidade e que as cinco famílias permaneçam sendo acompanhadas para identificar, nos próximos anos, quais hábitos serão mantidos, quais mudarão e como a mediação realizada hoje impactará a forma como a Geração Z se comportará enquanto adulta. São duas gerações que aprendem uma com a outra e oferecem um vasto campo de análise para a área da Comunicação Social, sendo uma oportunidade para novos trabalhos de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana; FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina. 2011.
- ARAUJO, Regina. Computação Ubíqua: Princípios, Tecnologias e Desafios. In: **Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores**. Natal: SBRC2003, p. 1-71, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, Rogério. **Ciências humanas e complexidades: projetos, métodos e técnicas de pesquisa: o caos, a nova ciência**. Cefil, Rio de Janeiro, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BECKER, Beatriz. Entrevista com Mark Deuze. **Revista ECO-Pós**, v. 19, n. 1, 2016.
- BOYD, danah. **It's Complicated: the social lives of networked teens**. London. Yale University Press, 2014.
- BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista E-compós**, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011.
- BUCKINGHAM, David. **Deconstructing digital natives: young people, technology and the new literacies**. New York, Oxon: Routledge, 2011.
- BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 3, 2010.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- CÁCERES, Jesús Galindo. **Técnicas de investigación: en sociedad, cultura y comunicación**. México: Addison Wesley, 1998
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1999
- CANCLINI, Néstor García. **El consumo cultural en México**. México: Grijalbo, 1993.
- CASTELLS, Manuel. **Mobile Communication and Society**. Massachusetts, MIT: 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A Era da Informática: Economia, Sociedade e Cultura. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Vida, 1999.
- CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; GALPERIN, Hernán. **Comunicación móvil y desarrollo económico y social en América Latina**. Madrid: Editorial Ariel, S.A., 2011.
- CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society: a global perspective**. Cambridge: MIT Press, 2007.

CASTRO, Gisela. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES**, ano 4, n. 6, p. 58-71, mar. 2014.

CASTRO, Gisela G. S. Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo. In: BARBOSA, Livia (org.). **Juventudes e gerações no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 61-77,

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil**: TIC Kids Online Brasil 2018. São Paulo, 2018.

DEUZE, Mark. Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver). **Matrizes**, v. 7, n. 2, p. 113-129, jul.-dez., 2013.

DEUZE, Mark. **Media Life**. Media, Culture & Society. EUA: Polity, 2011

DEUZE, Mark; SPEERS, Laura; BLANK, Peter. Vida midiática. **Revista USP**, n. 86, p. 139-145, 1 ago. 2010.

DERTOUZOUS, Michael. **A Revolução Inacabada**: Como os computadores podem realmente mudar nossas vidas. São Paulo: Futura, 2002.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GARDNER, Howard; DAVIS, Katie. **The app generation**: how today's youth navigate identity, intimacy, and imagination in a digital world. New Haven e London: Yale University. Press, 2013.

HERRING, Susan. Questioning the Generational Divide: Technological Exoticism and Adult Constructions of Online Youth Identity. In: BUCKINGHAM, David. **Youth, Identity and Digital Media**. Cambridge: The MIT Press, 2008, p. 71-92.

INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION. **Measuring the Information Society Report**. Genebra, 2018. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2018/MISR-2018-Vol-1-E.pdf>.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Jovens brasileiros e convergência midiática. Espiando o cenário nacional. In: CAMPANELLA, Bruno, BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático**. Novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. **Reconsidering Digital Immigrants**. 2007a. Disponível em: [http://henryjenkins.org/2007/12/reconsidering\\_digital\\_immigran.html](http://henryjenkins.org/2007/12/reconsidering_digital_immigran.html). Acesso em: 12 jan. 2016.

LIVINGSTONE, Sonia. **Children's and Young People's Lives Online**. Online Risk To Children, [s.l.], p. 23-36, 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1002/9781118977545.ch2> Acesso em 27 de fev. 2020.



LIVINGSTONE, Sonia; THIRD, Amanda. Children and young people's rights in the digital age: an emerging agenda. **LSE Research Online**. 2017. Disponível em: [eprints.lse.ac.uk](http://eprints.lse.ac.uk). Acesso em: 20 abr. 2017.

LIVINGSTONE, Sonia. Tomando oportunidades arriscadas na criação de conteúdo jovem: o uso pelos adolescentes de sites de redes sociais para intimidade, privacidade e expressão própria. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 9, n. 25, p. 91-118, 2012.

LIVINGSTONE, Sonia; MASCHERONI, Giovanna; DREIER, Michael; CHAUDRON, Stephane; LAGAE, Kaat. **How parents of young children manage digital devices at home**: the role of income, education and parental style. Londres: EU Kids Online, 2015.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. **Matrizes**, ano 4, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143018637002> . Acesso em: 8 jan. 2020.

LIVINGSTONE, Sonia. **Children and the Internet**: Great expectations, challenging realities. Cambridge: Polity Press, 2009.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Sujeito, comunicação e cultura. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, Moderna/Eca-Usp, n.15, maio/agosto,1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **De los medios a lãs mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Jóvenes**. Entre el palimpsesto y el hipertexto. Barcelona: Nuevos Emprendimientos Editoriales, 2017.

MASTROCOLA, Vicente Martins; CASTRO, Gisela. Comunicação e consumo nas wearable technologies. **REVISTA GEMINIS**, v. 6, p. 130-147, 2015. Disponível em: <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/243>

MONTEIRO, Maria Clara Sidou. **Apropriação por Crianças da publicidade em canais de Youtubers Brasileiros**: a promoção do consumo no Youtube através da publicidade de experiência. 2018. 333 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. Pesquisa de opinião. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação**: recepção midiática, aprendizagens e cidadania. Tradução de Paulo Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PELLANDA, Eduardo. Comunicação móvel: das potencialidades aos usos e aplicações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 89 - 98, jan./jun. 2009.

PELLANDA, Eduardo. **Internet móvel**: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PELLANDA, Eduardo. Protestos pela ótica do Google Glass: uma análise das potencialidades de amplificação da vigilância do cidadão. **Liinc em Revista**, v.10, n.1, p.377-385, Rio de Janeiro, 2014.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants**. On the horizon, MCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001.

PRENSKY, Marc. Digital Wisdom and Homo Sapiens Digital. In: THOMAS, Michael (ed.). **Deconstructing digital natives**: young people, technology, and the new literacies. Nova Iorque: Routledge, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs**. Cambridge: Perseus Publishing, 2002.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Transmedia literacy in the new media ecology**: white paper. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Departament de Comunicació, 2018.

SCOLARI, Carlos Alberto; ANGELUCI, Alan César Belo. A comunicação móvel está no centro dos processos de convergência cultural contemporâneos. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 177-184, ago. 2016. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-58442016212>. Acesso em: 5 jan. 2020.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação, criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

STALD, Gitte. Mobile Identity: Youth, Identity, and Mobile Communication Media. In: BUCKINGHAM, David. **Youth, Identity and Digital Media**. Cambridge: The MIT Press, 2008, p. 143-164.

STRASBURGER, Victor; WILSON, Barbara; JORDAN, Amy. **Crianças, adolescentes e a mídia**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2011

TAPSCOTT, Don. **A Hora da Geração Digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TAPSCOTT, Don. **Geração digital**: a crescente e irreversível ascensão da geração net. São Paulo: Makron Books, 1999.

THE GUARDIAN. **Sherry Turkle not anti-technology pro conversation**. 18 out. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2015/oct/18/sherry-turkle-not-anti-technology-pro-conversation> . Acesso em: 19 jun. 2018.

TURKLE, Sherry. **Alone together**: Why we expect more from technology an less from each other. New York: Basic Books, 2011.

TURKLE, Sherry. **Reclaiming Conversation**: The power of talk in a Digital Age. New York: Penguin Press, 2015.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã**: a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1995.

VASSALLO DE LOPES, Immacolata. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola,1990.

VIACOM GLOBAL INSIGHTS. No Brasil, Os Pais Se Preocupam com a Segurança e Confiam na Tecnologia. **VIACOM CBS**, 25 maio 2017. Disponível em: <https://insights.viacom.com/pt-br/post/no-brasil-os-pais-se-preocupam-com-a-seguranca-e-confiam-na-tecnologia/>.

WATKINS, Craig. **The Young and the Digital**: What the Migration to Social-Network Sites, Games, and Anytime, Anywhere Media Means for Our Future. Boston: Beacon Press, 2009.

WEISER, Mark. The computer for the 21st century. **Scientific American**, v. 265, n. 3, p. 94–104, 1991.

WINOCUR, Rosalía. **Robinson Crusoe ya tiene celular**. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa: Siglo XXI - Universidad Autónoma Metropolitana, 2009.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ONLINE

Olá! Este questionário integra uma pesquisa conduzida por Tiago Rigo, mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob orientação da Prof. Dra. Mágda Rodrigues da Cunha.

Sua participação é muito importante para compreendermos como diferentes gerações estão utilizando e se relacionando com a tecnologia. As respostas aqui obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, sem a identificação dos participantes. Dúvidas podem ser enviadas para o e-mail [tiago.luis.rigo@gmail.com](mailto:tiago.luis.rigo@gmail.com).

### BLOCO 1

**Você possui filho(s) entre 11 e 16 anos?**

- SIM
- NÃO

**Qual é a sua idade?** (campo aberto)

**Qual cidade e Estado você mora?**

**Defina tecnologia em 1 palavra**

**Defina Redes Sociais em 1 palavra**

*Entendemos Redes Sociais como Facebook, Instagram, Twitter, LinkedIn, entre outras.*

**Há quantos tempo você usa Redes Sociais?**

- Menos de 1 ano
- De 1 a 3 anos
- De 4 a 6 anos
- De 7 a 9 anos
- Mais de 10 anos

**Por qual meio você mais acessa a internet?**

*Você pode selecionar quantos itens quiser.*

- Celular
- Computador (desktop)
- E-reader (Kindle, Lev, outro)
- Notebook
- SmartTV
- Tablet
- Videogame
- Outro

**Quantas horas por dia você está conectado(a) à internet? CAMPO ABERTO**

**Quais atividades você mais realiza na internet? Escolha até três.**

- Acompanhar redes sociais
- Assistir a vídeos em plataformas como YouTube e Netflix
- Enviar e receber e-mails
- Ler notícias
- Realizar chamadas de voz e vídeo
- Trocar mensagens por meio de aplicativos como WhatsApp
- Outro

**BLOCO 2 - Agora, vamos falar sobre filhos.**

**Qual é a idade do seu filho?**

- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16

**Por qual meio seu filho mais acessa a internet?**

*Você pode selecionar quantos itens quiser.*

- Celular
- Computador (desktop)
- E-reader (Kindle, Lev, outro)
- Notebook
- SmartTV
- Tablet
- Videogame
- Outro

**Quais atividades seu filho mais realiza na internet? Escolha até três.**

- Acompanhar redes sociais
- Assistir a vídeos em plataformas como YouTube e Netflix
- Enviar e receber e-mails
- Ler notícias
- Realizar chamadas de voz e vídeo
- Trocar mensagens por meio de aplicativos como WhatsApp
- Outro

**Quanto ao controle do que seu filho consome na internet, VOCÊ:**

- Nunca controla
- Controla Raramente
- Controla às vezes
- Controla muitas vezes
- Sempre controla

**Que tipo de conteúdo você incentiva que seu filho acesse/consuma na internet? CAMPO ABERTO PARA RESPOSTA**

**Que tipo de conteúdo VOCÊ NÃO PERMITE que seu filho acesse/consuma na internet? CAMPO ABERTO PARA RESPOSTA**

**Se você mora em PORTO ALEGRE ou REGIÃO METROPOLITANA, aceitaria participar de uma pesquisa na PUCRS com a presença do seu filho? Será uma roda de conversa sobre o tema deste questionário.**

- SIM
- NÃO

### **BLOCO 3 - Pesquisa na PUCRS**

Campo aberto para aqueles que responderam SIM na pergunta anterior.

**Para que possamos fazer contato e explicar mais detalhes deste momento, deixe seu nome e telefone. Obrigado!**

**Qual é o seu nome?**

**Qual é o seu número de telefone?**

## **APÊNDICE B - ROTEIRO ENTREVISTAS - PAIS**

### **Bloco 1 – Apresentação e rotina**

- Relatem a rotina que vocês possuem desde que acordam. (Desenhar uma linha do tempo e inserir os pontos de consumo de tecnologia).
  - Como é a constituição familiar? A rotina é similar à dos filhos?
  - O que fazem depois do trabalho, durante a semana?
  - Onde a tecnologia aparece nessa rotina? (deixar para o final, caso não apareça)
- Pense na sua infância. Qual é a primeira experiência que você lembra de ter em relação à mídia? Que idade você tinha? Qual era a mídia em questão? Que tipo de conteúdo estava envolvido? Os seus pais tomaram conhecimento disso? Seus filhos poderiam ter uma experiência similar? Por quê?
- Quando vocês eram crianças, seus pais tinham regras sobre o que você podia fazer com as mídias de massa? Eles tinham regras quando você era adolescente? Você tinha um aparelho de televisão no seu quarto? Você acha que os pais deveriam exercer controle sobre as experiências dos seus filhos com a mídia? Por quê?

### **Bloco 2 – Consumo de Internet**

- Por qual meio mais acessam internet?
- O que vocês mais fazem na internet?
- Em quais redes sociais estão presentes? Há quantos anos?
- Como avaliam o uso de redes sociais?
- Como orientam os filhos nesse sentido?

### **Bloco 3 – Mediações**

- Como vocês mediam o consumo de tecnologia dos filhos? Acompanham? Restringem?
- Relatem como acontece a mediação/acompanhamento? São conteúdos específicos? Canais? Horários?
- As mediações acontecem por qual motivo? Segurança (acesso a dados, exposição da família) ou pelo conteúdo (pedofilia, violência)?
- Utilizam aplicativo ou alguma tecnologia para controlar?

- Se não controla, como percebe o uso que o filho faz?
- Como percebem as escolhas e influências esse consumo dos filhos? Pais, colegas, professores, a própria internet?
- Quais hábitos vocês percebem que seus filhos copiam de vocês?
- Você sabe quais são os aplicativos instalados no celular do seu filho? Quais são os três mais utilizados por ele?



## APÊNDICE C - ROTEIRO ENTREVISTAS - FILHOS

### Bloco 1 – Rotina (repetir desenho feito com os pais)

- Como é a tua rotina desde que acorda?
- Com quem você mora? Como se desloca de casa até o colégio?
- O que faz depois do colégio, durante a semana? E no final de semana?
- Se não aparecer: quais tecnologias utiliza ao longo do dia? Em quais horários? Para qual finalidade? Desde quando?

### Bloco 2 – Consumo de internet

- O que vocês mais fazem na internet?
  - Possuem Redes Sociais
  - Jogos *online*
  - Estudam
  - Assistem a vídeos
- Por qual meio mais acessam internet?
- Possuem celular há quanto tempo? Há quantos anos utilizam cada tecnologia?

### Bloco 3 – Mediações

- Como decidem o que ver/ler/ouvir? Busca *Google*, favoritos, indicações?
- Quem são suas referências para indicar novos conteúdos?
- Qual a influência de quem está em casa? Alguém acompanha?
- Nesse processo de escolha, você filtra o que vai consumir? Se protege? Pra tomar decisão, você considera questões como segurança, violência, cyberbullying.
- O que os pais indicam vocês a consumirem?
- O que os pais não permitem que vocês consumam?
- Vocês acham que os pais devem controlar o que os filhos fazem na internet? De que maneira?
- Você acha que seus pais sabem quais apps estão instalados no seu celular? Quais são os três que você mais usa?

## APÊNDICE D - PROGRESSÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Categories iniciais	Categories intermediárias	Categories finais	
Rotina das famílias	Configurações familiares	<b>Influências e controles</b>	
Celular como forma de acompanhar os filhos	Formas de controle		
Monitoramento do celular do filho			
Desinstalação de aplicativos			
Restringir o uso de celular como castigo			
Instalação de aplicativos de controle			
Horários de uso do celular			Preocupações dos pais
Ensinar outros pais a controlar			
Aumento da insegurança	Exposição na internet	<b>Literacia digital</b>	
Contato com desconhecidos online			
Cuidados na hora de postar	Hierarquia do conhecimento		
Netos ensinam os avós			
Adultos como exemplo para os jovens			
Ensinar filho a usar recursos do celular	Rotinas	<b>Presença da tecnologia</b>	
O celular na rotina			
Músicas nos deslocamentos			
Uso da televisão atualmente			Tecnologias que possuem acesso
Uso da televisão no passado			
Uso do celular no colégio			
Celular como principal meio de acesso à internet			
Funcionamento do celular com e sem internet			Uso do Celular
Uso de aplicativos			
Dependência do celular (tempo de uso)			
Utilização de videochamadas			
Assistir séries no celular	Redes Sociais	<b>Usos das Redes Sociais Digitais</b>	
Usos do Facebook			
Usos do Instagram			
Usos do WhatsApp			
Usos do YouTube			

## APÊNDICE E – PERÍODO QUE O ESTUDANTE PODE TER TIDO CONTATO COM CADA INOVAÇÃO, EM ANOS DE VIDA

	Há quanto tempo o filho tem disponível cada tecnologia														
	3 anos Nível 1 EI	4 anos Nível 2 EI	5 anos Nível 3 EI	6 anos 1º ano EF	7 anos 2º ano EF	8 anos 3º ano EF	9 anos 4º ano EF	10 anos 5º ano EF	11 anos 6º ano EF	12 anos 7º ano EF	13 anos 8º ano EF	14 anos 9º ano EF	15 anos 1º ano EM	16 anos 2º ano EM	17 anos 3º ano EM
Carro autônomo	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Spotify e Uber	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Nubank, Drones e Impressora 3D	3	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Google Glass	3	4	5	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6
Netflix	3	4	5	6	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7
iPad	3	4	5	6	7	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8
WhatsApp	3	4	5	6	7	8	9	9	9	9	9	9	9	9	9
Adroid e Google Chrome	3	4	5	6	7	8	9	10	10	10	10	10	10	10	10
iPhone e Kindle	3	4	5	6	7	8	9	10	11	11	11	11	11	11	11
Twitter	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	12	12	12	12	12
YouTube e Google Maps	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	13	13	13	13
Facebook e Wi-fi	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	14	14	14
Skype	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	15	15
Blackberry	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	16
iPod e Pendrive	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)